FABÍOLA PEREIRA SOARES

EXPANSÃO DO PROCESSO DE FAVELAMENTO DA CIDADE DE BAURU

BAURU
1996

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

EXPANSÃO DO PROCESSO DE FAVELAMENTO DA CIDADE DE BAURU

Fabíola Pereira Soares

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernandes do N. Junior

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC, UNESP, Campus de Bauru, para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação "Projeto, Arte e Sociedade": Área de concentração Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos.

BAURU

1996

583

BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

BIBLIOTECA - UNESP CAMPUS BAURU

EXPANSÃO DO PROCESSO DE FAVELAMENTO DA CIDADE DE BAURU

Fabíola Pereira Soares

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernandes do N. Junior

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC, UNESP, Campus de Bauru, para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação "Projeto, Arte e Sociedade": Área de concentração Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos.

BAURU

1996

T. 583

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

UNESP - CAMPUS DE BAURU
N.º Proc.: 252/44/01/98
Req.: Fabíola P. Soares
Valor: 1000
Data: 07/04/98
n.º chamada: S654e tombo: 583
v. e.

CAPES: 10204004 - SOCIOLOGIA URBANA
BAURU: FAVELA
FAVELA: BAURU
SOCIOLOGIA URBANA
COMUNIDADES URBANAS

307.76
S654e

SOARES, Fabíola Pereira
Expansão do processo de favelamento da cidade de Bauru./ Fabíola Pereira Soares. --Bauru : UNESP, 1996.
164 p.

Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação /UNESP.

1. Favela 2. Sociologia urbana 3. Comunidades urbanas 4. Processo de expansão em favelas I. Título.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA i

AGRADECIMENTOS ii

LISTA DE TABELAS iii

LISTA DE FIGURAS x

LISTA DE ANEXOS xi

RESUMO xiii

SUMMARY xiv

I. INTRODUÇÃO 01

1.1. Apresentação do tema 01

1.2. Objetivos 03

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 04

2.1. Crise e pobreza urbana 04

2.2. A questão da pobreza no Brasil 12

2.3. Modelo economico brasileiro a partir da expansão cafeeira 20

2.4. Breve histórico da ocupação da região de Bauru 24

2.5. Migração e geração de favelas 28

2.6. Favela: segregação e desigualdade social 31

III. MATERIAL E MÉTODO 37

3.1. População e amostra 37

3.2. Coleta de dados 38

3.3. Instrumento 38

3.4. Tratamento estatístico 39

3.5. Materiais 39

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO 40

4.1. Descrição das favelas existentes na cidade de Bauru 40

4.1.1. Favela São Manoel 41

4.1.2. Favela Parque Jaraguá 42

4.1.3. Favela Jardim Samburá 42

4.1.4. Favela Jardim Nicéia 42

4.1.5. Favela Jardim Vitória 43

4.1.6. Favela Jardim Ivone 43

4.1.7. Favela Parque Real 43

4.1.8. Favela Vila Santa Filomena 44

4.1.9. Favela Jardim Andorfato 44

4.1.10. Favela Vila Garcia 45

4.1.11. Favela Jardim Maria Célia 45

4.1.12. Favela Jardim Gerson França/Marize 45

4.1.13. Favela Jardim Flórida 46

4.1.14. Favela Parque São João 46

4.1.15. Favela Vila Zillo 46

4.1.16. Favela Ferradura Mirim 46

4.2. Verificação do processo de expansão das favelas de Bauru 47

4.2.1. Dados levantados pela SEPROCOM na Favela Parque Real no ano de 1991 49

4.2.1.1. Dados obtidos na Favela Parque Real no ano de 1995 55

4.2.1.2. Comentário comparativo da Favela Parque Real 61

4.2.2. Dados levantados pela SEPROCOM na Favela Jardim Ivone no ano de 1991 62

2.2.2.1. Dados obtidos na Favela Jardim Ivone no ano de 1995 68

4.2.2.2. Comentário comparativo da Favela Jardim Ivone 75

4.2.3. Dados levantados pela SEPROCOM na Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 76
4.2.3.1. Dados obtidos na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 82
4.2.3.2. Comentário comparativo da Favela Jardim Nicéia 88
4.2.4. Dados obtidos na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 90
4.2.4.1. Comentário sobre a Favela Ferradura Mirim 96
4.2.5. Dados obtidos na Favela Parque São João no ano de 1995 97
4.2.5.1. Comentário sobre a Parque São João 103
4.3. Comentário geral sobre as Favelas pesquisadas 103
V. CONCLUSÕES 106
VI. BIBLIOGRAFIA 108
ANEXOS 114

Dedico:

Dedico a meu filho e todas as crianças que tive a opurtunidade de conhecer durante a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A população questionada nas favelas escolhidas, que com boa vontade deixou seus afazeres para conversar e responder as questões por mim levantadas, e aos companheiros da UNESP, campus de Bauru que tornaram possível a realização desse trabalho através de suas críticas, incentivos, conselhos e tudo mais que necessita uma pessoa que escolhe o caminho da ciência para realizar um trabalho.

Gostaria de lembrar algumas pessoas que de forma mais próxima participaram e dividiram comigo seus conhecimentos com enorme presteza e boa vontade, como meu orientador, Antônio Fernandes do Nascimento Junior, Prof. Dr. Rubens Carneiro Ulbanere e minha amiga Jorgeta Zogheib Milanezi.

LISTA DE TABELAS

01 - Determinação do índice de pobreza em 10 capitais do País.....17

02 - Distribuição de renda da população brasileira em 1985.....18

03 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Parque Real no ano de 1991.....49

04 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1991. 49

05 - Estado civil da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1991 49

06 - Grau de instrução da população da Favela Parque Real no ano de 1991 50

07 - Profissões exercidas pela população da Favela Parque Real no ano de 1991 50

08 - Renda familiar da população da Favela Parque Real no ano de 1991 50

09 - Infra-estrutura da Favela Parque Real no ano de 1991.....51

10 - Procedência das famílias que residiam na Favela Parque Real no ano de 1991 51

11 - Pretensão dos moradores da Favela Parque Real no ano de 1991de se mudarem daquele local.....51

12 - Relacionamento entre os moradores da Favela Parque Real no ano de 1991 51

13 - Maiores problemas da Favela Parque Real no ano de 1991.....52

14 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Parque Real no ano de 1991 52

15 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque Real no ano de 1991 52

16 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Parque Real no ano de 1991 52

17 - Condições da população da Favela Parque Real de adquirir terreno em outro local ...53

18 - Condições da população da Favela Parque Real de adquirir materiais de construção..53

19 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Parque Real

no ano de 1995. 55
20 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de1995. 55
21 - Estado civil da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1995 55
22 - Grau de instrução da população da Favela Parque Real no ano de 1995 56
23 - Profissões exercidas pela população da Favela Parque Real no ano de 1995 56
24 - Renda familiar da população da Favela Parque Real no ano de 1995 56
25 - Infra-estrutura da Favela Parque Real no ano de 1995....57
26 - Procedência das famílias que residiam na Favela Parque Real no ano de 1995 57
27 - Pretensão dos moradores da Favela Parque Real no ano de 1995 de se mudarem daquele local 57
28 - Relacionamento entre os moradores da Favela Parque Real no ano de 1995 57
29 - Maiores problemas da Favela Parque Real no ano de 1995....57
30 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Parque Real no ano de 1995 58
31 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque Real no ano de 1995 58
32 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Parque Real no ano de 1995....58
33 - Condições da população da Favela Parque Real de adquirir terreno em outro local ...58
34 - Condições da população da Favela Parque Real de adquirir materiais de construção .58
35 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Jardim Ivone no ano de 1991. 62
36 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1991 63
37 - Estado civil da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1991....63
38 - Grau de instrução da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 63
39 - Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991....64
40 - Renda familiar da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 64
41 - Infra-estrutura da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 64
42 - Procedência das famílias que residiam na Favela Jardim Ivone no ano de 1991 64

43 - Pretensão dos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991de se mudarem daquele local 65
44 - Relacionamento entre os moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 65
45 - Maiores problemas da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 65
46 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Jardim Ivone no ano de 1991 65
47 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 66
48 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 66
49 - Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir terreno em outro local ..66
50 - Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir materiais de construção 66
51 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Jardim Ivone no ano de 1995. 68
52 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1995. 69
53 - Estado civil da população pesquisada na FavelaJardim Ivone no ano de 1995 69
54 - Grau de instrução da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 69
55 - Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 70
56 - Renda familiar da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 70
57 - Infra-estrutura da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 70
58 - Procedência das famílias que residiam na Favela Jardim Ivone no ano de 1995 71
59 - Pretensão dos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 de se mudarem daquele local 71
60 - Relacionamento entre os moradores da Favela Jardim Ivonel no ano de 1995 71
61 - Maiores problemas da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 71
62 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Jardim Ivone no ano de 1995 72

63 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 72

64 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 72

65 - Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir terreno em outro local .. 72

66 - Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir materiais de construção 72

67 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Jardim Nicéia no ano de 1991. 76

68 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 76

69 - Estado civil da população pesquisada na FavelaJardim Nicéia no ano de 1991 77

70 - Grau de instrução da população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 77

71 - Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 77

72 - Renda familiar da população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 78

73 - Infra-estrutura da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 78

74 - Procedência das famílias que residiam na Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 78

75 - Pretensão dos moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991de se mudarem daquele local 78

76 - Relacionamento entre os moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 78

77 - Maiores problemas da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 79

78 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Jardim Nicéia no

79 - ano de 1991 79

79 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 79

80 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1991 79

81- Condições da população da Favela Jardim Nicéia de adquirir terreno em outro local 80

82- Condições da população da Favela Jardim Nicéia de adquirir materiais de construção 80

83 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995. 82

84 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995. 82

85 - Estado civil da população pesquisada na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 83

86 - Grau de instrução da população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 83

87 - Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 83

88 - Renda familiar da população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 84

89 - Infra-estrutura da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 84

90 - Procedência das famílias que residiam na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 84

91 - Pretensão dos moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 de se mudarem daquele local.....84

92 - Relacionamento entre os moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995.....84

93 - Maiores problemas da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 85

94 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Jardim Nicéia no ano de 1995.....85

95 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 85

96 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Jardim Nicéia no ano de 1995 85

97 - Condições da população da Favela Jardim Nicéia de adquirir terreno em outro local 86

98 - Condições da população da Favela Jardim Nicéia de adquirir materiais de construção.....86

99 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.....90

100 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 90

101 - Estado civil da população pesquisada na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 90

102 - Grau de instrução da população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 91

103 - Profissões exercidas pela população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 91

104 - Renda familiar da população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 91

105 - Infra-estrutura da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 92

106 - Procedência das famílias que residiam na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 92

107 - Pretensão dos moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 de se mudarem daquele local 92

108 - Relacionamento entre os moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 92

109 - Maiores problemas da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 92

110 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 93

111 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 93

112 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 93

113 - Condições da população da Favela Ferradura Mirim de adquirir terreno em outro local 93

114 - Condições da população da Favela Ferradura Mirim de adquirir materiais de construção 93

115 - Número de filhos que compunham as famílias pesquisadas na Favela Parque São João no ano de 1995. 97

116 - Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque São João no ano de 1995. 97

117 - Estado civil da população pesquisada na Favela Parque São João no ano de 1995 97

118 - Grau de instrução da população da Favela Parque São João no ano de 1995 98

119 - Profissões exercidas pela população da Favela Parque São João no ano de 1995 98

120 - Renda familiar da população da Favela Parque São João no ano de 1995 98

121 - Infra-estrutura da Favela Parque São João no ano de 1995 99

122 - Procedência das famílias que residiam na Favela Parque São João no ano de 1995 99

123 - Pretensão dos moradores da Favela Parque São João no ano de 1995 de se 99
mudarem daquele local 99

124 - Relacionamento entre os moradores da Favela Parque São João no ano de 1995 99

125 - Maiores problemas da Favela Parque São João no ano de 1995 99

126 - Morador procurado para resolver problemas do bairro na Favela Parque São Jõao no ano de 1995 100

127 - Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque São João no ano de 1995 100

128 - Propriedade de terrenos em outro local, adquiridos pela população da Favela Parque São João no ano de 1995 100

129 - Condições da população da Favela Parque São João de adquirir terreno em outro local 100

130 - Condições da população da Favela Parque São João de adquirir materiais de construção 100

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Demostrativo do crescimento das favelas no período de 1991 à 1995- Fonte: Jornal da Cidade 1995.....47

LISTA DE ANEXOS

01 - População e pobreza no mundo em desenvolvimento 115

02 - Pobreza e salários no Brasil e na Costa Rica 116

03 - Taxa de crescimento do PIB real "per capita" 117

04 - Número de carteiras de trabalho registradas na Delegacia Regional de Trabalho de Bauru 118

05 - Desemprego em Bauru 119

06 - Desemprego em Bauru 120

07 - Consumo de energia elétrica em Bauru 121

08 - Consumo de derivados de petróleo em Bauru 122

09 - Questionário aplicado nas Favelas pesquisadas nos anos de 1991 e 1995 123

10 - Mapa evolutivo da cidade de Bauru. 124

11 - Levantamento de dados em Favelas de Bauru 125

12 - Mapa evolutivo de Bauru com demarcação das Favelas existentes no ano de 1991 126

13 - Mapa evolutivo da cidade de Bauru com demarcação das Favelas existentes no ano de 1992 127

14 - Mapa evolutivo da cidade de Bauru com demarcação das Favelas existentes no ano de 1993 128

15 - Figuras referentes à Composição familiar das favelas pesquisadas nos anos de 1991 e 1995 129

16 - Figuras referentes à Faixa etária dos moradores de favelas questionados em 1991 e 1995. 132

17 - Figuras relativas ao Grau de instrução da população das favelas pesquisadas em 1991 e 1995 137

18 - Figuras relativas à renda familiar dos moradores das favelas pesquisa das em 1991 e 1995 141

19 - Figuras relativas à procedência das famílias pesquisadas nas favelas em 1991 e 1995 143

20 - Figuras relativas à pretensão dos moradores das favelas pesquisadas em se mudarem daquele local, levantamento de 1991 e 1995 145

21 - Figuras relativas ao relacionamento entre os moradores das favelas pesquisadas em 1991 e 1995. 147

22 - Figuras relativas aos maiores problemas dos moradores das favelas pesquisadas em 1991 e 1995 149

23 - Figuras referentes à resolução dos problemas das favelas pesquisadas em 1991 e 1995 154

24 - Figuras referentes à propriedade dos terrenos ocupados pela população das favelas pesquisadas nos anos de 1991 e 1995 157

25 - Figuras referentes à propriedade de terreno em outro local por parte da população as favelas pesquisadas em 1991 e 1995 159

26 - Figuras referentes as condições da população das favelas pesquisadas de adquirir terreno em outro local 161

27 - Figuras referentes a possibilidade dos residentes das favelas pesquisadas de adquirir material deconstrução, dados de 1991 e 1995 163

RESUMO

Esta pesquisa concentrou esforços em traçar um perfil das famílias que residem em cinco das dezesseis favelas existentes atualmente no município de Bauru-São Paulo.

O instrumento de pesquisa utilizado, foi um questionário aplicado no ano de 1991 pela SEPROCOM (Secretaria de Projetos Comunitários), que tinha como objetivo fazer um levantamento das favelas existentes na época. O questionário, foi novamente aplicado no ano de 1995 em três favelas que demonstraram um crescimento acima da média entre 1991 e 1995, e aplicado pela primeira vez em duas favelas que tiveram sua formação em data posterior à 1991 mais também tiveram um crescimento acima da média nos últimos anos.

Através da análise dos dados levantados, foi possível determinar a composição das famílias que foram objeto do estudo, assim como o grau de instrução, as proffissões executadas, a renda familiar, as condições de vida das mesmas e sua procedência e expectativas para o futuro.

A comparação de dados de 1991 e 1995 se faz constante na pesquisa para melhor definir se ocoorreram modifições entre uma data e outra.

SUMMARY

This research has concentrated its efforts to trace a profile of the families that in five from the sixteen slums which can be found in Bauru-SP at present.

The main instrument used in redearch was a questionnaire applied in 1991 by SEPROCOM (Secretaria de Projetos Comunitários*), and has as goal to make a survey of the slums existent at the time. The questionnaire was applied again in 1995 in three slums that showed a growth above the average in the years between 1991 and 1995, and it was applied for the first time in two slums thtat had their fornation after 1991, but also had a growth above the average in the last years.

By the analysis of the information obtained, it was possible to determine the composition of the families that were object of issue, as well as their level of education, jobs, familiar income, conditions of living, origin and their expectations for the future.

The comparison between the information from 1991 and 1995 is constant in the research, so that we can determine whether there was modification between the different dates.

*Departament of Projects for the Comunity

I. INTRODUÇÃO.

1.1. Apresentação do tema.

A vida nas grandes cidades brasileiras, leva o cidadão a uma convivência cotidiana com os contrastes sociais inerentes à nossa realidade. Entre estes, estão as favelas, que fazem parte das paisagens urbanas encontradas nos grandes centros.

Comuns na América Latina, as favelas surgiram como forma de moradia para uma população de baixa renda, e, em geral, sem qualificação que chegava às cidades. Estas, funcionavam como ainda hoje, como pólos de atração para uma população que não encontrava mercado de trabalho no campo ou em suas cidades de origem.

No Rio de Janeiro, encontram-se referências à favelas no fim do século passado, nos morros de Santo Antônio e da Providência. Em São Paulo, julga-se que as primeiras favelas surgiram na década de 40 e, em Bauru, SP, cidade considerada de médio porte, objeto deste estudo, o fenômeno é mais recente. 1940

Apesar de as favelas representarem o desequilíbrio econômico estrutural das sociedades, o Poder Público se restringe a criar mecanismos que reduzam o seu processo de expansão.Esses mecanismos compreendem a remoção dos barracos oupráticas que impedem o assentamento de novas famílias nas favelas já existentes.

A questão da remoção da população das favelas para outras localidades, tem sido fator determinante de fracasso para projetos de desfavelamento.

Em entrevista aberta executada em uma das dezesseis favelas de Bauru, o Jardim Ivone, em maio de 1993, constatou-se que os moradores já haviam sido removidos daquele local para um núcleo de assentamento baseado num projeto de mutirão. Anos após, os lotes foram vendidos ou abandonados e os beneficiados retornaram ao local anterior. Apesar de exemplos como o citado, a remoção ainda tem sido a forma mais usada para o combate às favelas.

A atual gestão do governo de Bauru, conta com um projeto de desfavelamento, também baseado na remoção das favelas. A execução do projeto funcionará em regime de mutirão, que conta com a colaboração da população beneficiada para construção de moradias financiadas pelo Poder Público, e ainda, o projeto da Vila Tecnológica, que já foi executado na cidade de Curitiba, (Paraná), e foi estendido a 14 cidades brasileiras, entre as quais, Bauru. Esse projeto propõe a construção de moradias de baixo custo com materiais alternativos que proporcionem maior conforto aos seus residentes, e poderá vir a ser ocupado por uma população que hoje, reside em favelas de Bauru.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1.2. Objetivos.

a) Situar as favelas existentes no Município na malha urbana da cidade.

b) Verificar a procedência das famílias que no período de 1991 a 1995 passou a habitar as favelas da cidade.

c) Analisar as condições de saneamento e demais recursos disponíveis para essa população.

d) Traçar um perfil das famílias que residem nas favelas pesquisadas, através de estudo direcionado a descrever sua composição familiar, grau de instrução, profiisão e renda familiar, assim como relacionanto com as demais famílias e perspectivas futuras.

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

2.1. Crise e pobreza urbana.

Ao se observar o panorama econômico mundial, percebe-se que a produção de riquezas pelos homens, é incessante, e que, a humanidade se utiliza de recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados para ampliar essas riquezas. Porém, ao mesmo tempo em que isso ocorre, o número de pessoas vivendo em condições sub-humanas ou de pobreza vem aumentando gradativamente. A explicação para esse fato, reside na forma injusta como essas riquezas são distribuídas.

> "Meio século depois do final da Segunda Guerra Mundial e da criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e das instituições de Bretton Woods (FMI - Fundo Monetário Internacional e BANCO MUNDIAL), a reunião de Copenhague teve o mérito de sinalizar claramente que o progresso econômico

> não serviu ao seu principal objetivo: fornecer as condições para o bem-estar dos indivíduos. Ao contrário, ao longo destes 50 anos de miséria se expandiu, tanto no Norte como no Sul. O abismo entre pobres e ricos dobrou no planeta" (CÚPULA DE COPENHAGUE, 1995).

Concordando com esse pensamento, SANTOS (1979) argumenta que o problema da pobreza ganhou em nossos dias, uma atualidade incontestável por duas razões: em parte pela generalidade do fenômeno que atinge a todos os países, embora em particular aflija mais duramente os países subdesenvolvidos, mas também pelo fato de que a urbanização galopante que esses últimos conhecem é acompanhada pela expansão, a um ritmo igual, da pobreza, mesmo que esta se apresente de forma particular e específica em cada país e nas diferentes cidades de cada país.

Diante dessa realidade, o problema da pobreza ganha uma conotação mundial, pois não está restrito a países que já entraram na economia mundial no papel de explorados, como é o caso das ex-colônias europeias situadas na América Latina, África, e Ásia. Mesmo em países de Primeiro Mundo existem contingentes humanos vivendo abaixo do padrão mínimo.

SANTOS (1979) e CORRÊA (1986) vêem no capitalismo fator de agravamento das disparidades entre classes, já que na realidade a pobreza agravou-se por toda parte, tanto nos países subdesenvolvidos que ingressam recentemente no caminho do processo de integração do progresso material, como naqueles que começaram antes seu processo de integração nas idéias de progresso.

CORRÊA (1986) vê na modernização tecnológica um fator de geração das diferenças econômicas crescentes. Isso porque a alocação de recursos utilizados em nome do progresso, favorecem os ricos a preço de uma injustiça crescente.

Vários estudiosos se detiveram anteriormente sobre a questão da pobreza. Os principais objetos de estudo foram: como detectar uma situação de pobreza, como caracterizar essa mesma situação e que caminhos a humanidade deveria seguir para inverter gradativamente a realidade atual.



Antes de descrever e analisar o contexto que caracteriza uma determinada população como "pobre", faz-se necessário uma definição do próprio conceito de pobreza .

> "Na Europa Pré-capitalista, a pobreza era uma condição temida ,sim, mas não problemática. Os pobres compunham-se na ordenação natural, divina, insondável do mundo. Depois, a pobreza passou a ser atribuída à natureza perversa dos índios sem recursos. Na Inglaterra, a partir do séc. XVI, o desenvolvimento da caridade pública através das paróquias acompanhou-se de feroz legislação de combate à "vagabundagem". Fazia-se, assim, uma distinção entre indigentes: idosos, pedintes e incapacitados para o trabalho, e a massa de trabalhadores que, expulsos de suas terras a partir do séc. XV, infestavam as cidades e eram tratados como criminosos. A distinção perdurou a associação entre a pobreza e tendências criminosas naturais"(ANDRADE apud GRACIANO e WADA 1993).

Completando esse pensamento, GRACIANO E WADA (1993), colocam que nessa concepção, a pobreza transformou-se em opção de elementos refratários ao trabalho e os pobres em classes perigosas.

Na Idade Média a pobreza era naturalizada, fazendo parte do processo. Era algo natural e aceitável; no imaginário coletivo a pobreza era igual a crime e violência.

Para MALTHUS apud ANDRADE (1989) autor de uma história natural da pobreza, a depravação da natureza humana e a disparidade entre o crescimento geométrico da população e o crescimento aritmético da produção de alimentos levariam a humanidade a esse destino inevitável.

A própria definição da situação de pobreza vista por estudiosos da questão e baseada em valores e categorias, ou ainda indicadores contemporâneos é variada:

Para definir classe social desprovida de recursos materiais, SANTOS (1979) utiliza as palavras "classes marginais", que condiz com a definição de CORRÊA apud SOARES et al (1993) de grupos sociais excluídos ou "fração da sociedade que não tem acesso a bens", que por sua vez também coincide com a definição de outros autores de "pobres".

Todos os autores acima citados vêem essa classe social como composição de pessoas de baixa renda e portanto de baixo poder aquisitivo. Essa situação acarreta problemas de acesso a bens tais como: alimentação, saúde, escolaridade e moradia.

Dados mencionados no relatório do BANCO MUNDIAL (1990) indicam que foi enorme o progresso do mundo desenvolvido nos últimos trinta anos, o que se evidencia principalmente na tendência de crescimento das rendas e de consumo: o consumo per capita do mundo em desenvolvimento cresceu quase 70% entre 1965 e 1985. O quadro se confirma por outras medidas de bem-estar, que também melhoraram muito: expectativa de vida, mortalidade infantil, educação. Tanto na perspectiva de renda e de consumo quanto na perspectiva dos indicadores sociais, o avanço dos países em desenvolvimento é muito mais acelerado. O fato de tanto ter sido feito torna ainda mais espantoso - e sobretudo vergonhoso - que mais de 1 bilhão de habitantes do mundo em desenvolvimento vivam na pobreza. É este número de pessoas que na estimativa do BANCO MUNDIAL (1990) lutam para sobreviver ganhando menos de U$ 370 por ano. É bom que as rendas médias se elevem, mas é preciso estar sempre atento à pobreza, fardo pesado e constante. Vale o mesmo para medidas mais abrangentes de bem-estar. Na África subsaariana, a expectativa de vida é de apenas 50 anos; no Japão, é de quase 80. No sul da Ásia, de cada mil crianças menores de cinco anos, morrem mais de 170; na Suécia, menos de 10. No mundo em desenvolvimento, mais de 110 milhões de crianças sequer têm acesso à educação primária; nos países industrializados, seria aceitável a não universalidade das matrículas. A violência de tais contrastes atesta o constante ônus da carência. O ônus da pobreza não se distribui equitativamente entre as regiões do mundo em desenvolvimento, entre os países situados nessas regiões e entre as regiões desses

países. Cerca de metade dos pobres do mundo vive no sul da Ásia - área onde habitam 30% da população mundial, com a seguinte distribuição:

- 46,4% - Sul da Ásia
- 25,0% - Leste Asiático
- 16,1% - África subsaariana
- 06,6% - América Latina e Caribe
- 05,9% - Europa, Oriente Médio e Norte da África" (BANCO MUNDIAL 1990).

> Referindo-se à situação de pobreza na década de 80, 0 BANCO MUNDIAL (1990) mostra os seguintes dados: Nos anos 80 - às vezes chamados de "década perdida", para os pobres - a tendência global ao progresso não foi de fato alterada. As rendas da maioria dos pobres do mundo continuaram elevando-se, assim como continuaram a melhorar indicadores sociais como mortalidade infantil abaixo dos cinco, índice de matrícula no primário, e outros. Os problemas nos anos 80 afetaram principalmente algumas regiões. Em várias áreas da África subsaariana e da América Latina, as rendas caíram ao longo da década, e a incidência de pobreza aumentou - embora os indicadores sociais se mostrem um pouco melhores, pelo menos na América Latina."É pois evidente que o desenvolvimento econômico tem um longo caminho a percorrer. Sem conhecer a real situação dos pobres, os governos não podem adotar estratégias desenvolvimentistas adequadas nem políticas mais eficazes para combater a pobreza. Quantos pobres existem no país? Onde eles vivem? Qual é precisamente sua situação econômica ? Dar uma resposta a essas questões é o primeiro passo para compreender o impacto das políticas econômicas sobre os pobres." (BANCO MUNDIAL 1994).

Em reunião da ONU, ocorrida em abril de 1995 na cidade de Copenhague, elaborou-se um documento que funciona como um raio x do planeta e revelou os seguintes dados: o abismo entre ricos e pobres dobrou nos últimos 35 anos. Ainda em 1960, os 20% mais ricos da população ganhavam 30 vezes mais do que os 20% mais pobres. Agora, ganham 61 vezes mais. Esse raio x do mundo conduz a um triste diagnóstico: evidência de que o progresso econômico não foi capaz de gerar o bem-estar na mesma proporção. Eis alguns números que mostram as diversas fases da miséria: **Pobreza:** há 1 bilhão de pobres no mundo, ganhando menos do que um dólar por dia, e que não têm acesso à alimentação, água tratada, empregos, escolas, hospitais (população mundial : 5,6 bilhões). **Urbanização:** no ano 2000, metade da população mundial estará vivendo nas grandes cidades, 391 cidades já contarão, então, mais de 1 milhão de habitantes. **Saúde:** apesar de um aumento na expectativa média de vida, a mortalidade infantil ainda é altíssima nas regiões menos desenvolvidas. Algumas doenças, como tuberculose, malária, lepra e hepatite estão ressurgindo. A AIDS assola a África, onde vivem 11 milhões dos 18 milhões de HIV positivos do mundo. **Fome:** no mundo inteiro, 800 milhões sofrem de subnutrição crônica. **Crianças:** todos os anos, 13 milhões de crianças menores de 5 anos de idade morrem em consequência de doenças que poderiam ser facilmente prevenidas ou por desnutrição. Há mais de 200 milhões de crianças de 0 a 5 anos mal nutridas no mundo. Há também por volta de 200 milhões de crianças, no mundo inteiro, que trabalham. No Sul da Ásia, a mão-de-obra infantil chega a 11 % da força de trabalho. Há por volta de 30 milhões de crianças que vivem nas ruas. **Desemprego:** segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), há 120 milhões de desempregados e outros 700 milhões de subempregados no mundo. **Analfabetismo:** existem 905 milhões de analfabetos no mundo (70 % deles vivem em nove países: Bangladesh, China, Egito, Índia, Indonésia, México, Nigéria e Paquistão). Apesar de todas as campanhas, no final do milênio este número só deverá ter sido reduzido para 870 milhões; 130 milhões de crianças em idade escolar não vão à escola. **Migrações e refugiados:** no ano passado, mais de 125 milhões de pessoas estavam vivendo em outros países devido a problemas políticos ou econômicos. As imagens de Ruanda se



multiplicam por vários países. Há mais de 100 milhões de pessoas em constante movimento. **Violência étnica:** a miséria muitas vezes resulta em conflitos sangrentos. Dos 82 conflitos armados que ocorreram entre 1989 e 1992, 79 aconteceram dentro de países e não de nações. **Calamidades:** só na década de 80, mais de 700 mil pessoas morreram em consequência de catástrofes climáticas. Milhões de outras pessoas ficaram desabrigadas. **Mulheres:** 55 % das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza são mulheres. Cada vez mais, a pobreza é feminina. As disparidades em termos de salários são imensas: em algumas regiões da África, onde as mulheres representam 60 % da força de trabalho, sua remuneração chega a 10 % da dos homens. **Área rural:** a pobreza é um problema rural. Nas regiões mais pobres do mundo, mais de 75 % da população vivem no campo. Na África subsaariana, metade da força de trabalho rural fica desempregada uma parte do ano. Menos de um terço tem acesso a água tratada e saneamento básico (CÚPULA DE COPENHAGUE, 1995).

Temos ainda as seguintes citações: Certas definições como a de MOORE (1963), para quem a pobreza existe em função de uma participação maior ou menor na modernização, restringem o problema a parâmetros de natureza puramente material. O Lewis (1969) é ainda mais explicito quando afirma que se pode obter uma descrição aproximada de pobreza definindo-a como a incapacidade de satisfazer necessidades de tipo material. (MOORE E LEWIS apud in SANTOS 1979).

Isso ajudaria a distinguir miséria de pobreza, como fizeram SIDNEY e BEATRICE WEBB? (1911). Os pobres, por essa definição, seriam "aqueles que têm o poder de compra mais reduzido que o considerado normal para o ambiente em que vivem." Os miseráveis estariam privados da satisfação de algumas necessidades vitais, de maneira que a saúde e a força física tornar-se-iam precárias ao ponto de fazer perigar a própria vida (SANTOS, 1979).

> "O termo pobreza não só implica um estado de privação material como também um modo de vida - é um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais, econômicas, culturais e políticas, criadas para encontrar segurança dentro de

uma situação insegura, ressaltando que o problema essencial está na estrutura analítica escolhida." (BUCHANAN apud GRACIANO e WADA, 1993).

Nessa mesma dimensão qualitativa SPOSATTI (1988) conceitua que a pobreza se expressa não só pela impossibilidade de suprir condições mínimas de sobrevivência , mas também pela frustração de expectativas pela falta do acesso a certos privilégios que o modelo de produção de bens especiais (bens de luxo) geraram na população.

CARTER (1970) apud SANTOS (1979), introduz a noção de "relatividade" ao afirmar que a riqueza só traz satisfação quando comparada ao nível de vida de outros. Ou seja, estar satisfeito é ser suficientemente rico para não sofrer inveja. Mesmo assim, permanece o problema de definir em que consiste a necessidade.

A questão da pobreza não pode, na verdade, ficar restrita a definições parciais. Já se tentou também estabelecer um limiar estatístico exato da pobreza, tomando como ponto de referência, por exemplo, salários e horas de trabalho. Mas a noção de linha de "pobreza", valiada dessa forma por órgãos internacionais, interessados em informações quantitativas, e por planejadores preocupados em oferecer soluções contábeis, não constitui um parâmetro válido, e não permite comparações. Conforme salientou GALBRAITH, apud SANTOS (1979) a noção de linha de pobreza nem ao nem sempre conduz a uma medida precisa, sendo o defeito mais grave o seu caráter estatístico: numa economia em crescimento existe uma necessidade óbvia de definir o limiar da pobreza ou de dar uma definição de pobreza que seja ao mesmo tempo relativa e dinâmica.

A pobreza existe em toda parte, mas sua definição é relativa a uma determinada sociedade. Estamos lidando com uma noção historicamente determinada. É por isso que comparações de diferentes séries temporais levam frequentemente à confusões. Segundo BACHELARD apud SANTOS (1979) é mais importante compreender um fenômeno que medi-lo, a medida em que a pobreza é dada antes de mais nada pelos objetivos que a sociedade determinou para si própria.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A definição de pobreza deve ir além de pesquisas estatística para situar o homem na sociedade à qual pertence, porquanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social.

2.2. A questão da pobreza no Brasil.

São variadas as visões de estudiosos sobre o quadro de pobreza predominante hoje no Brasil.

Se optarmos por iniciar esse estudo através de uma análise econômica, podemos citar os seguintes dados:

> "Perto de 50 milhões de brasileiros sofrem as dificuldades agudas da fome, da má nutrição, da falta de alojamentos decentes e de condições mínimas de saúde. A pobreza e as desigualdades de renda da população brasileira não constituem, pois, um problema marginal que possa ser tratado isoladamente como nos países da Europa e América do Norte" (RELATÓRIO COPAG apud BASTOS, SOARES et al, 1993).

Durante reunião da ONU, em Copenhague no ano de 1995, o governo brasileiro, através do Itamaraty, entregou à ONU um relatório sobre a situação social do país. Os dados não são novos, mas revelam, em seu conjunto, um quadro assustador para um país que é o oitavo PIB do mundo. O Brasil é um dos campeões da disparidade de renda do mundo. Na década de 60, os 10 % mais ricos da população ainda ganhavam 34 vezes mais do que os 10 % mais pobres. Hoje, esta diferença dobrou para 78 vezes. Ou os 10 % mais pobres têm direito a apenas 0,8 % do bolo nacional. (...) Em seguida, mais alguns números do relatório nacional do Brasil levado à ONU: **Pobreza**: há 40 milhões de brasileiros pobres, dos quais 16,6 milhões são indigentes. Os indigentes representam 12 % da população brasileira. Nas áreas urbanas , metade das crianças de 0



a 3 anos é pobre. Um entre três lares urbanos é pobre. Na área rural, metade das casas é pobre . **Fome e desnutrição**: 31,6 milhões de brasileiros (9 milhões de famílias) sofrem de desnutrição crônica. **Expectativa de vida**: varia de acordo com as disparidades regionais (64,22 anos no nordeste e 68,68 anos no Sul) e a renda (57,5 anos para quem ganha até um salário mínimo; 73,4 anos para quem ganha mais de 5 salários mínimos). **Serviços básicos saneamento**: em 1990, 63,5 % dos brasileiros tinham acesso à água tratada, 37,2 % tinham instalações sanitárias em suas casas e 61 % contavam com serviço de coleta de lixo. Mais uma vez, a situação varia enormemente entre a área rural e a urbana. **Analfabetismo**: existem 20,2 milhões de brasileiros com mais de 10 anos, que não sabem ler nem escrever. No Sul, a taxa de analfabetismo é de 10,9 %, no Nordeste, chega a 35,9 % . **Trabalho Infantil**: 16.9 % das crianças entre 10 e 14 anos trabalham. **Emprego**: No Nordeste, 25 % da população economicamente ativa trabalham mais de 40 horas por semana e ganham menos de um salário mínimo (CÚPULA DE COPENHAGUE 1995).

Segundo SPOSATTI (1988), o universo da pobreza no Brasil, se considerarmos o aspecto econômico, é de 60% da população ativa, recebendo essa maioria até 2 salários mínimos.

O autor Ávila (1991), apresenta ainda, o aspecto qualitativo dos conceitos para a realidade brasileira, associado ao salário, advertindo porém que esses níveis deverão levar em conta a quantidade de membros da família e o contexto rural e urbano.

- Pobreza - entre 2 e 3 salários mínimos
- Indigência - 1 e 2 salários mínimos
- Miséria - abaixo de 1 salário mínimo

Mas, uma questão a ser levantada, é: como são encarados politicamente os pobres? De que forma atuam na sociedade e inclusive que estratégias podem ser adotadas através dos canais políticos para reverter esse quadro?

Segundo ANDRADE apud GRACIANO e WADA(1993), a pobreza tem vários significados políticos. Ela pode significar desamparo, fonte de legitimação eleitoral, subversão, crime ou debilidade organizatória. As interpelações institucionais

são as seguintes: a) O pobre é um desamparado: portanto requer a tutela estatal. b) O eleitorado no Brasil é essencialmente composto por pobres, portanto a legitimidade política, existe em função do atendimento das demandas dos necessitados. A combinação típica de paternalismo assistencialista e legislação eleitoral gera o populismo e clientelismo. c) O pobre é potencialmente revolucionário, portanto o Estado deve ser o da pacificação ou da tranquilização das populações carentes Ex . SUDENE. d) O pobre é perigoso, portanto a assimilação da criminalidade à pobreza se expressa em aparatos policiais e judiciários voltados à repressão do banditismo de periferia, dos menores infratores, do pequeno comércio de drogas e outros o "continuum" pobreza, crime, estigmatiza os pobres, origina os linchamentos e os justiceiros e confirma, face aos ricos e a classe média flutuante, a necessidade dos aparatos nos moldes que estão organizados. e) Os trabalhadores brasileiros são débeis face aos patrões, portanto os trabalhadores devem ser protegidos através da mediação estatal: a intervenção do ministério do trabalho em conflitos industriais, o controle dos salários (salário mínimo). O aspecto mais importante da intromissão do Estado nas relações de trabalho é o efeito indireto de debilidade da identificação dos trabalhadores como classes, ou categorias profissionais.

De acordo com SACHS (1986), o Brasil constitui um caso de crescimento rápido e bem sucedido, na aferição de seus indicadores convencionais, mas, extremamente atrasado com relação com relação ao desenvolvimento social.

O crescimento acelerado dos países "em desenvolvimento" ocorre com maior intensidade nas cidades, que nas últimas décadas cresceram de forma tão acelerada quanto desordenada.

No caso específico do Brasil, entre 1940 e 1980 a população urbana passou de menos de treze milhões a mais de 80 milhões. Mas, se compararmos o poder da população brasileira por índice padrão como o salário mínimo, veremos que em 1940 a cesta básica custava 27% do salário mínimo e em 1984 custava 68%.

Os custos sociais do progresso ou desenvolvimento, são notados hoje, nas grandes e médias cidades do país com incrível nitidez.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

BASTOS et al (1993) apresenta através do PNDA no período de 1980 a 1989 os seguintes dados: No caso brasileiro, apesar das estatísticas oficiais informarem que a esperança de vida do brasileiro tem aumentado, no período de 1980 a 1988, de 60,1 para 64,9 anos, que a taxa de alfabetização da população até quinze anos subiu de 74,6% para 81,1%, que a parcela de domicílios residenciais abastecidos de água encanada ampliou-se de 51,6% para 69,2%, que os beneficiados em energia elétrica passaram de 68,5% para 85,9%, que as residências possuidoras de geladeira e televisão, cresceram, respectivamente, de 50,4% para 68,6%, e de 56,1% para 71,5%, esses resultados neutralizam outros que medem diretamente a qualidade de vida no país.

Exemplo marcante encontra-se na aferição da mortalidade infantil no país: em 1988, de cada 1.000 crianças nascidas vivas , 68 morreram antes de completar o primeiro aniversário. O índice nacional é pior, por exemplo, do que no Ceilão, na Tailândia, Filipinas e, na América do Sul, o Chile.

O "deficit" habitacional é outro problema crônico no incipiente e deformado quadro social brasileiro.

A ONU, através do Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD 1988), divulgou, pela segunda vez consecutiva, a posição de 160 países do mundo, com vistas ao bem-estar humano.

Para avaliar a qualidade de vida o PNUD(1988) define desenvolvimento humano como o processo que permite ampliar as oportunidades das pessoas em seus países e, como forma de medi-lo, propõe o índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Segundo a equipe da ONU responsável por sua idealização, o IDH, preparado com base em três indicadores básicos de bem-estar humano - expectativa de vida, grau de alfabetização da população adulta e poder aquisitivo, - mede de forma mais realista do que o Produto Nacional Bruto (PNB) os avanços sócio-econômicos de nações industrializadas e em desenvolvimento.

O Brasil, nesse quadro classificatório, está agrupado na faixa de "médio desenvolvimento humano", e ocupa a 60ª posição.



Tomando-se por referência a América do Sul, nosso país ocupa o 6ª lugar, abaixo do Suriname (55ª), na faixa referida. Na faixa de "alto desenvolvimento humano" estão o Uruguai (32ª), o Chile (38ª),a Argentina (43ª) e a Venezuela (44ª).

Outro indicador que revela a desqualificação brasileira para atingir o pleno desenvolvimento é o nível de pobreza imperante no país, que em anos recentes só tem aumentado.

Analisando o aumento do número pessoas que ingressam no nível de pobreza absoluta (Renda de até 1/4 de salário mínimo "per capita"), o da área rural cresceu entre 1980 e 1988 bem mais devagar do que o das regiões metropolitanas: de 42% para 52,1% dessa população, o que representa um incremento de 24%. Na área urbana das megalópoles no primeiro ano medido, 10,6% da população estava nesse estágio social. Em 1988 esse quadro havia se agravado e 17,8% estavam nesse nível de pobreza. Um saldo de 70%, portanto.

Mas, esse grau de pobreza será bem maior se considerarmos o contingente que ganha até 1/2 salário mínimo "per capita". Em 1985, 53 milhões de pessoas, 35% das famílias brasileiras estavam nessas condições.

O avanço da pobreza no país é geral, porém, mais acelerado nas grandes metrópoles. O nível do percentual de pobreza absoluta em algumas das principais regiões metropolitanas, no ano de 1988 pode ser verificada na tabela 1.

Tabela 1: Determinação do índice de pobreza em regiões metropolitanas brasileiras.

CIDADE	(%)
Belém	24,0
Belo Horizonte	19,5
Curitiba	7,5
Distrito Federal	11,8
Fortaleza	33,7
Porto Alegre	10,8
Recife	37,0
Rio de Janeiro	13,4
Salvador	24,1
São Paulo	6,0

Fonte: BASTOS, Irineu Azevedo. Diário de Bauru 08/08/1991 pag. 02.

Em termos proporcionais, São Paulo detinha o menor índice, que, no entanto, representava quase 950 mil indivíduos. O Rio de Janeiro tinha quase 1,5 milhão de pessoas nessa condição. Recife detém o maior índice de pobreza: 950 mil pessoas (quase o mesmo número de indivíduos de São Paulo). Fortaleza , segundo maior índice, tem 647 mil pessoas nesse estágio.

Outro fator que dificulta o equacionamento da "qualidade de vida" é a distribuição de renda, que ano a ano, vem-se concentrando entre as faixas mais ricas da população economicamente ativa.

Os 10 % dos indivíduos mais pobres recebiam, em 1981, irrisórios 0,9 % dos salários do país; em 1989 decresceram para 0,7 %. Em contraposição, os 10 % mais ricos detinham 44,9 % em 1981; oito anos após, a participação dessa privilegiada faixa aumentou para 51,5 %. Seccionando os 1 % mais ricos dessa população, verificar-se-á que em 1981 eles participavam em 12,1 % do bolo e, em 1989, em 15,9 %.

Quase 55 milhões de brasileiros, em 1985, eram considerados economicamente ativos. Tomamos por base os salários mínimos recebidos, eles estavam assim distribuídos:

Tabela 2: Distribuição de renda entre a população brasileira.

SALÁRIOS MÍNIMOS	n°de pessoas (em milhões)	(%)
sem rendimentos	6,6	12,13
até 1/2	6,4	11,70
mais de 1/2 até 1	9,5	17,46
mais de 1 a 2	12,7	23,35
mais de 2 a 3	5,8	10,67
mais de 3 a 5	6,1	11,22
mais de 5 a 10	4,5	8,27
mais de 10 a 20	1,9	3,49
mais de 20	0,9	1,65
TOTAL	54,4	100,00

Fonte: BASTOS, Irineu Azevedo. Diário de Bauru 08/08/1991 pag. 02

Atentando-se para o significado desses números, as conclusões óbvias são:

1- embora não tendo nenhum rendimento permanente, 12,3 % da população economicamente ativa está nela inserida incorretamente, pois sua situação social pode ser mais grave;

2- em 1985, quase 1/4 da PEA não recebeu até meio salário mínimo e 40 % está na faixa de até um salário mínimo;

3- há um contingente economicamente ativo acima de 75% da PEA, dos quais somente pouco mais de 10% recebem entre 2 e 3 salários mínimos.

Em resumo: entre todos os países relacionados pelo Banco Mundial, além do Brasil, não existe outro em que os 40 % mais pobres da população economicamente ativa participam em tão pouco da renda nacional: 9,4%

Essa distorção remuneratória influi decisivamente no poder aquisitivo das pessoas e no dinamismo do mercado interno. Somente a minoria absoluta da PEA tem acesso aos bens duráveis e aquisição de moradias.

O BANCO MUNDIAL (1990), faz uma comparação entre Brasil e Costa Rica e conclui que em ambos esses países, a pobreza aumentou muito em 1983, quando os salários caíram (Anexo 01). A situação mudou na Costa Rica - por volta de 1986, o nível de pobreza era inferior ao do final dos anos 70- mas no Brasil a recuperação foi incompleta e deficiente. A diferença pode ser atribuída ao modo de lidar com os pontos fundamentais das políticas.

O Brasil não agiu de forma decisiva em relação a pontos fundamentais; o déficit do setor público (ajustado para a inflação) permaneceu alto, e a taxa de câmbio real não foi muito alterada (Anexo 02). A recessão de 1983 foi provavelmente inevitável. O aumento da pobreza se deveu à queda de salários e rendas nas áreas urbanas e rurais; o emprego informal cresceu, enquanto o emprego formal estagnava. O resultado tinha muito a ver com as políticas adotadas. O fato de não se conseguisse reduzir o déficit contribuiu decisivamente para que não se consiga dominar a inflação. Em decorrência do grande individamento interno do setor público, as taxas reais de juros subiram e aumentou a parcela de lucros financeiros na economia (em detrimento do trabalho e de lucros não-financeiros). Em 1986, o Plano Cruzado propiciou um "boom" econômico que reduziu bastante a pobreza. Mas não foi possível manter o aumento do consumo e dos salários, devido ao aumento das importações e do retorno das pressões inflacionárias. Quando veio a inevitável contração, a pobreza voltou a aumentar. Em 1987, a incidência da pobreza era maior do que no início da década. O país enfrenta constantes problemas fiscais e um ônus mais pesado de dívida.

As políticas brasileiras contribuíram para a inflação alta e, mediante amplos controles à importação, levaram a taxa de câmbio real a valorizar-se (em relação ao que

teria ocorrido se as políticas fossem diferentes). Tudo isso teve efeitos complexos sobre a pobreza, porém de modo geral deixou os pobres em situação pior. Provavelmente, o "imposto de inflação" é mais regressivo do que os instrumentos fiscais tradicionais.

Os estudos sobre pobreza no Brasil têm segundo SPOSATTI (1988) se ocupado mais no debate sobre sua concepção, análise de suas causas e dimensionamento. Ainda há poucas avaliações de programas e práticas sobre seu enfrentamento ou análise histórica sobre as conformações que adotaram.

2.3. Modelo Econômico Brasileiro desde a Expansão Cafeeira.

A história demonstra que as relações travadas entre metrópole e colônia eram desiguais no sentido amplo. Os mais adiantados no campo industrial passaram a efetuar trocas envolvendo produtos industrializados (mais caros) por produtos primários (mais baratos).

O capitalismo já estava dominando todas as formas de produção e subordinando as relações sociais que sustentavam o seu desenvolvimento. Por outro lado, na América Latina, a economia ainda se apoiava em termos fracamente capitalizados, como por exemplo a agricultura.

> "Mas o que sobretudo dificultava o estabelecimento da indústria moderna no Brasil era a deficiência dos mercados consumidores, cuja amplitude encontra na produção em larga escala, que caracteriza a maquinofatura , uma condição essencial que nada pode suprir" (PRADO JÚNIOR 1976).

Apesar de num primeiro momento a acumulação de capitais gerada pelo café ter sido em parte aplicada na indústria, como afirma PRADO JÚNIOR (1976), num segundo momento o café acaba por impedir a expansão industrial.

A expansão cafeeira no Brasil foi cercada de protecionismo, entravou o desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, o desenvolvimento do capitalismo.

De acordo com GORENDER(1981), já no início dos anos 20 do século atual, o chamado "complexo cafeeiro" deixara de ser fator positivo para o desenvolvimento industrial e se transformara, nitidamente, em obstáculo. A expansão da cafeicultura ganhara ritmo paroxístico, acentuando a deformação monocultora, desviando investimentos não somente da indústria como também da agricultura de mercado interno e impondo outras medidas de uma política econômica que devia culminar em desastre. Após o terceiro plano de valorização em 1921-1922, o Governo do Estado de São Paulo, aliado aos governos de outros Estados cafeeiros, pôs em prática, a partir de 1924, o que se chamou de "defesa permanente do café". A retenção de estoques para a sustentação dos preços passava a ser aplicada sem solução de continuidade, com financiamento de bancos internacionais, para os quais tal especulação vinha sendo lucrativa. Enquanto as cotações de café se tornavam sempre mais estimulantes, nenhuma medida se tomou para controlar o plantio dos cafezais. Em São Paulo, o número de cafeeiros sobe, entre 1921 e 1930, de 844 milhões para 1188 milhões, com um acréscimo absoluto de 344 milhões de pés de café e um aumento relativo de 40%. Na safra agrícola de 1931 - 1932, os cafezais ocupavam nada menos de 36% de toda área cultivada no Brasil! A indústria continuou a se desenvolver nesse período, porém o fez em ritmo mais lento e com dificuldades crescentes. Em primeiro lugar a expansão da cafeicultura absorve capitais que desvia da indústria, ao contrário do que se sucedera no período 1906-1920. Em segundo lugar, a abundante disponibilidade de divisas decorrentes da prosperidade da exportação permite o afluxo impetuoso das importações, o que repercutirá negativamente, em especial, na indústria têxtil, precisamente numa fase em que se propunha concorrer na faixa de mercado dos tecidos mais finos. A Câmara Federal aprovou, em 1929, uma elevação parcial de tarifas alfandegárias, pleiteada e formulada em projeto defendido por Manoel Villaboim, líder da bancada do PRP. Esse resultado confirmará na burguesia industrial o comportamento conservador, segundo a linha de menor atrito e final acomodação com os interesses

hegemônicos da cafeicultura. Apesar de tais interesses já constituirem, naquele momento, o principal entrave ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

> "O movimento político-militar de 30 realizou uma tarefa importante para para desobstruir o caminho ao desenvolvimento do capitalismo: apeou do Poder a oligarquia dos fazendeiros da café e dos seus associados do capital bancário e comercial, a qual governava o Brasil há 40 anos" (GORENDER 1981).

GORENDER (1981) afirma ainda que a burguesia brasileira nasceu sob a influência do liberalismo e do que seria seu princípio fundamental: o da liberdade da iniciativa privada ou da livre empresa. Mas, se o liberalismo "absoluto" nunca foi realidade em país algum, menos ainda o seria no Brasil, cujo capitalismo partiu de uma acumulação originária do capital muito mais fraca do que na Europa e nos Estados Unidos.

Se fizermos um breve levantamento, veremos que o Segundo Império e a Primeira República se destacaram, em particular, pela construção de estradas de ferro. Em 1929, quase metade da rede ferroviária era já de propriedade estatal.

Durante os anos 30, os industriais enfatizaram dois pontos: 1- necessidade de financiamento do Estado para industrialização; 2- criação pelo próprio Estado de núcleos da moderna indústria de base (ferro e aço, produtos químicos, petróleo), cuja construção se achava fora do alcance do capital privado.

De acordo com PRADO JUNIOR (1976), em 1937 começou a funcionar a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, cujas atribuições a princípio limitadas, se ampliaram sob pressão das entidades representativas dos industriais. De modo geral, por exigência da própria iniciativa privada, alargou-se a atuação do Estado na esfera financeira. Em 1979, os empréstimos dos bancos estatais representavam 65% do total de empréstimos dos 50 maiores bancos comerciais, cabendo 41% somente ao Banco do Brasil.

A situação de dependência e subordinação orgânica e funcional da economia brasileira com relação ao conjunto internacional de que participa é um fato que se prende

unesp

às raízes da formação do país. Economia de exportação, constituída para o fim de fornecer gêneros alimentícios e matérias-primas tropicais aos países e populações das regiões temperadas da Europa e mais tarde também da América, ela se organizará e funcionará em ligação íntima e estreita dependência do comércio ultramarino em função do qual se formou e desenvolveu. Será essencialmente uma economia colonial, no sentido mais preciso, em oposição ao que denominaríamos de economia "nacional". Esta é a circunstância principal que tornará o Brasil tão vulnerável à penetração do capital financeiro internacional quando o capitalismo chega a essa fase do seu desenvolvimento.

> "Não passaremos nunca de retardatários cada vez mais distanciados , um complemento periférico e simples apêndice e simples apêndice daqueles centros. E se isto pode ser situação aceitável para os reduzidos setores mais ou menos internacionalizados da população brasileira que lograrem acolher-se no âmbito dos interesses imperialistas, não o será certamente para o restante dela" (PRADO JÚNIOR 1976).

Com relação a década de 70, PRADO JÚNIOR (1976) inclui o Brasil entre as vítimas de uma conjuntura internacional que sofreu uma reviravolta. Faltará ao Brasil recursos suficientes de créditos e inversões externas que vinham estimulando e assegurando o processamento normal de suas atividades econômicas, e o país se verá na iminência de uma crise gravíssima, de consequências finais ainda imprevisíveis, mas que começam a despontar e de que já era sentido o antegosto.

Com razão, o que se viu na década de 80 foi exatamente o agravamento de uma crise a qual ainda atravessamos.

unesp

2.4. Breve histórico da ocupação da região de Bauru.

Segundo MONBEIG (1984), a região que hoje corresponde ao município de Bauru era habitada até o século XVIII pela nação indígena caigangues. No início do século XIX, a região se torna conhecida pelos tropeiros que a cruzam levando mercadorias para a região das Minas Gerais. A ocupação por brancos dessa região se faz com lutas e extermínio de nação indígena citada.

Segundo BASTOS (l994), o reconhecimento jurídico de Bauru inicia-se no século XIX, sendo primeiramente designado como Quarteirão de comarca de Itapetininga, em 1850, antes de se constituir em povoado ou bairro.

Em 1894, Bauru passou a ser Distrito de paz pertencente ao município do Espírito Santo do Fortaleza. Esse Distrito transformou-se em município em Primeiro de Agosto de 1896, e comarca instalada em março de 1911.

O crescimento da cidade se deu em função da expansão cafeeira e da rede ferroviária nessa região.

> "Através da conhecida marcha do café, pouco a pouco se generalizou esta atividade econômica como base do modelo agro-exportador nos fins do século XIX. Foi então por meio da combinação entre a nova modalidade de produção (o café) e as atividades de apoio (a cana-de-açúcar e a pecuária) que se atingiu a região de Bauru, inicialmente na sua parte sul, através de Lençóis Paulista, em 1858, de Jaú em 1859 (...). Juntamente com a expansão do café, o elemento indutor da urbanização foi a implantação da estradas de ferro. Tendo como ponto de partida a Capital e o Porto de Santos, a rede viária do Estado de São Paulo se organizou inicialmente de forma radial, ligando as áreas de produção, que foram se instalando pelo interior do Estado, com o Porto de exportação" (PLANO REGIONAL DE BAURU 1981).

Bauru faz parte da VII Região Administrativa do Estado de São Paulo, e o crescimento das cidades dessa região iniciiou-se no início do século XX, de maneira que se pode concluir que os fatores acima citados foram decisivos na formação da cidade. O "boom" qualitativo das cidades que compõem a VII Região administrativa do Estado de São Paulo data de 1940, aproximadamente, quando a rede urbana já se encontrava cristalizada. Esta evidência sugere que se especule sobre as raízes do processo de formação, o qual, pode-se já adiantar, deveu-se fundamentalmente à expansão da cultura cafeeira, como base do modelo econômico. As origens da urbanização da Região de Bauru se inserem no modelo econômico agro-exportador (a cultura do café), que por sua vez já se constitui em formas pré-capitalistas de capitalização. O período de 1920 a 1940 vivido pelas cidades esteve diretamente ligado à forma pela qual o café determinou a acumulação de riquezas não só dentro da região, mas principalmente nos grandes centros produtores. As estradas de ferro objetivaram a conquista das áreas a oeste e norte do Estado, sendo que Bauru, com sua localização privilegiada, tornou-se entroncamento de três linhas férreas: a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a Estrada de Ferro Sorocabana (PLANO REGIONAL DE BAURU 1981).

Passando-se décadas, Bauru apresenta-se hoje como uma cidade de médio porte e com um significativo papel no Estado, por ser entroncamento rodo-ferroviário localizado próximo ao centro geográfico do Estado, passagem natural daqueles que se dirigem da capital paulista rumo à alta paulista ou a noroente em direção a Mato Grosso, Bolívia, Paraguai e Peru.

> "Cidade de médio porte do interior paulista, Bauru projetava no fim da década passada uma população residente de 262.328 habitantes. O município, como tal, tem menos de 4% de sua população economicamente ativa ocupada nas atividades agro-pecuárias, mas polariza uma região de atividades primária intensa e densidade demográfica elevada. Por esses motivos, a cidade especializou-se nas atividades terciárias de comércio e serviços

> (quase 70% dos empregos urbanos). Embora a indústria não constitua a "especialidade" da região, os empregos no setor secundário dobraram entre 85 e 89, especialmente em unidades produtivas pequenas ou médias (o número médio de empregados por estabelecimento é de 26,5)" (VERVIER e VIEIRA 1991).

Seria ingênuo imaginar que uma cidade desse porte, considerada empório comercial da região, com uma estrutura industrial razoavelmente sólida e organizada, e com um setor de prestação de serviços de alto nível, estivesse infensa à proliferação da pobreza que se alastra pelo país, decorrente, principalmente, dos desacertos econômicos e políticos dos administradores públicos brasileiros.

Para chegar ao objetivo específico desse estudo, que trata do aparecimeto das favelas e sua expansão em Bauru, faz-se necessária uma rápida análise preliminar dos indicadores econômicos do Brasil nas últimas décadas, e especificamente dos indicadores regionais de curto prazo para o município de Bauru-SP nos anos 80.

Baseado em dados colhidos por CARDOSO apud VERVIER e VIEIRA (1991), (Anexo 03), os autores fazem um apanhado entre as décadas de 50 e 90 , da taxa de crescimento anual da renda "per capita" nacional.

Estudando esses mesmos dados, VERVIER e VIEIRA (l991), concluem que a taxa tendencial do Produto interno bruto real "per capita" no Brasil gira em torno de 5% aa. Traduzindo, o ritmo de crescimento da capacidade produtiva instalada, depende de fatores variados, como aumento populacional e a acumulação de bens de capital.

Dentro desse quadro "médio", conclui-se que em geral as taxas de crescimento do PIB real "per capita" foram positivas e altas, ressaltando-se que houve curtos períodos marcados por taxas baixas, como por exemplo entre 1963 e 1965, explicado por uma crise do setor externo e estabilização econômica do governo Castelo Branco. O período de 1967 a 1974 (milagre brasileiro) mostra novo crescimento das taxas. Em 1974, a crise do petróleo abre uma fase de ascensão inflacionária e endividamento interno e externo.

unesp

A década de 80, embora tenha sido importante no referente às conquista democráticas, deixou a desejar no tocante ao desempenho econômico: as taxas anuais de crescimento estão abaixo do crescimento tendêncial.

> "A recessão, a partir de 1981, é a pior da história do Brasil e está ligada a uma infeliz sequência de programas de estabilização, uma retração dos empréstimos externos e um aumento da inflação e endividamento (...). O Brasil vive em recessão desde de 1981, a renda "per capita" de 1990 era 5% inferior a de 1980 !" (VERVIER e VIEIRA, 1994).

- Analisando indicadores regionais referentes à década de 80 na região de Bauru, sendo priorizados: emprego, desemprego, imobiliário e construção, termômetro de negócios, grau de solvência e consumo de energia, VERVIER e VIEIRA (1991) concluem que a década de 80 foi caracterizada por uma recessão nacional, mas, que essa conjuntura nacional chegou às áreas periféricas e interioranas de forma amortizada e defasada. As variávéis de emprego (Anexo 04) e desemprego (Anexo 05 e 06) não demonstram tendência clara nesse sentido. Apenas o consumo de energia (Anexo 07 e 08) seguem a evolução global.

Mesmo assim, as cidades de porte médio como Bauru apresentam problemas consequentes da recessão constatada em nosso país nas últimas décadas. Esse estudo tem por finalidade concentrar-se no problema da moradia em Bauru especificamente moradias de população de baixa renda, onde enquadram-se favelas e cortiços. O aparecimento de favelas e cortiços, apesar de ter sido mais acelerado nas megalópoles, também ocorreu nas demais cidades. O crescimento da cidade a partir das primeiras décadas do século é confirmada por LANDIN y GOYA (1994) (Anexo 10). Tal fato pode ser confirmado através de números fornecidos pela Secretaria de Projetos Comunitários do Município, que no período de 23 de outubro de 1990 a 20 de janeiro de 1991, pesquisou toda a população residente em favelas e loteamentos clandestinos.

- A cidade tinha treze favelas instaladas, onde estavam agrupados 509 barracos, onde viviam 2.485 pessoas, uma média de quase 5 pessoas por moradia.

Em dados coletados posteriormente, no ano de 1992, esses números subiram para 1.031 barracos e 4.332 pessoas e dados mais recentes (abril de 1993) mostram que esses números subiram para 1.110 barracos e 5.018 pessoas agrupadas em 16 favelas (Anexo 11). No ano de 1995 são 1562 "barracos", e a expectativa atual é de 1562 "barracos".

2.5. Migração e geração de favelas.

Na América Latina, foi fundamentalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial que a marginalidade urbana apareceu como problema teórico e prático.

> "Na medida em que o ritmo da urbanização se acentuava devido à intensificação das migrações internas, as populações migrantes passaram a se localizar na periferia ou nas áreas decadentes das grandes metrópoles, dando origem ao que se denominou bairros marginais. A favela ou outro tipo de área marginal apresenta uma complexidade de situações tanto econômicas como sócio-culturais e pode ser vista como um espelho que reflete os processos e estruturas existentes no conjunto da sociedade". (KOWARICK, 1981).

A população moradora em favelas não é considerada marginalizada da produção por RODRIGUES E SEABRA(1916), já que esta está inserida na classe trabalhadora, seja na reserva, seja na ativa, constituindo desta forma um amplo mercado de mão-de-obra e um mercado de consumo restrito do ponto de vista qualitativo. Está, então, afastada do consumo de determinadas mercadorias, entre as quais habitação, produzida no mercado capitalista. Esta exclusão está diretamente vinculada aos baixos salários recebidos.

> "Numa situação de modernização, a atividade artesanal, torna-se cada vez mais procurada. A migração dos artesãos para a cidade

> deve-se também à possibilidade de encontrar trabalho durante todo o ano, enquanto que no campo a atividade é frequentemente sazonal. A grande cidade é o ponto de partida de uma migração ascendente originária do campo e das atividades menores. As migrações descendentes relacionam-se com os progressos da modernização e da economia, exigindo um deslocamento, para um meio tecnologicamente inferior, de indivíduos com nível tecnológico mais elevado. As migrações ascendentes, relacionam-se como êxodo rural provocado pela miséria. O crescimento metropolitano resulta de um conjunto de processos sistemáticamente interligados, entre os quais a integração do território, a desarticulação das economias tradicionais e dos cimentos regionais, os novos papéis da circulação no processo produtivo, o desencadeamento de grandes correntes migratórias, paralelamente ao processo de concentração das rendas. Esse conjunto de processos traz às grandes cidades numerosas levas de habitantes do campo e das cidades menores, que se instalam como podem e, via de regra, terminam por se aglomerar nas enormes periferias desprovidas de serviços e onde o custo de vida, exceto o da habitação assim conquistada, é mais caro que nas regiões centrais" (SANTOS 1979).

SANTOS (1989) Argumenta que a produção agrícola não acompanha o aumento da população e pode mesmo retroagir quando os elementos mais ativos da população - os jovens - migram.

Referindo-se ainda às migrações internas, SANTOS (1989) inclui as causas psicológicas e sociológicas, sobretudo ainda nas sociedades tradicionais, onde o impacto de uma economia capitalista moderna é ainda recente. O desapreço com o trabalho manual, sobretudo ligado à terra, é lembrado como uma das causas, estando ligado à tradição e ao progresso da escolarização do campo.

unesp

CORRÊA (1989), expõe um outro tipo de migração denominada pelo autor de pendular. Nela, a atração define migrações definitivas nas quais os migrantes acabam tornando-se citadinos. Mas a metrópole exerce uma atração cotidiana, pois moradores de núcleos próximos nela encontram relativamente grande mercado de trabalho. Trata-se nesse caso de migrações pendulares para o trabalho.

> "Desta forma, as migrações ocorrem devido à necessidade de trabalhadores "livres" que dispõem apenas de sua força de trabalho e nenhum ou muito pouco vínculo com o campo. Estes trabalhadores constituem a massa de onde será extraído o valor excedente, fonte de acumulação do capital. Assim, a cidade precisa drenar, via emigração rural-urbana, uma parcela da população do campo, constituída por pequenos proprietários rendeiros, meeiros, moradores de condição e assalariados" (CORRÊA 1989).

Segundo MARTINS apud SOARES et Al (1993), as raízes desse processo migratório residem portanto na dissolução do artesanato pela manufatura urbana, transformando o camponês em produtor agrícola, que vende mercadorias para comprar outras mercadorias, o que acarreta o subsequente endividamento do agricultor junto a comerciantes urbanos e aos bancos, levando em muitos casos à perda da propriedade, na dissolução da família camponesa em função da necessidade de produzir mais e mais para vender, tornando a propriedade rural incapaz de sustentar a família. Estabelece-se assim, uma "superpopulação relativa" no campo, composta de excedentes demográficos que o mundo rural não mais absorve.

Com relação aos migrantes temporários os sete tipos mais significativos são **1- Trabalhadores rurais:** que migram temporariamente para as cidades em busca de trabalho na indústria, na construção civil ou no setor de serviços. **2- Indígenas:** que migram temporariamente para as cidades em busca de trabalho e de recursos para garantir a sobrevivência das condições tribais em seus lugares e aldeias de origem. **3- Trabalhadores rurais que migram temporariamente:** para outras zonas rurais em

busca de trabalho, que aproveitam os períodos de entressafra de suas próprias lavouras para trabalhar na safra de outros produtores, em outra regiões. **4- Trabalhadores assalariados:** (os bóias-frias) que se afastam de seus lugares de residência por vários dias da semana, levados pelo "gato", para trabalhos temporários. **5- Camponeses:** e, sobretudo, filhos de camponeses (pequenos proprietários, posseiros, parceiros, arrendatários) levados para trabalhar como peões na derrubada de mata e formação de fazendas. **6- Trabalhadores rurais e urbanos:** levados como peões assalariados para trabalhar na construção de estradas e na construção de usinas Hidrelétricas. **7- Camponeses:** que, na entressafra agrícola trabalham como garimpeiros de ouro entre outros minerais.

2.5. Favela, segregação e desigualdade social.

O surgimento e a expansão de favelas nas cidades brasileiras, devem ser abordados levando em consideração primeiramente uma reflexão sobre este espaço habitado, seguindo-se pelo estudo das leis de solo urbano que regulamentam ou não estes espaços produzidos e habitados e ainda a questão do acesso à moradia em nosso país.

Com relação à questão do espaço e sua organização podemos ressaltar as noções básicas que nortearam a pesquisa:

Segundo CORRÊA (1987), a organização espacial é, na maioria das vezes, expressão da produção material do homem, resultado do seu trabalho social. Como tal, refletirá as características do grupo que o criou.

> "O espaço se organiza segundo a estrutura de classes do lugar e, uma vez assim organizado, reverte sobre a estrutura de classes, determinando-a (...). Na sociedade de estratificação rígida, as classes sociais definem-se por seus lugares geográficos. E estes por elas. Cada classe define seu espaço próprio de existência,

> marca-o com suas condições de existência, estampando nele (na morfologia, como na organização) seu caráter. Nas sociedades móveis ditas democráticas, o espaço caracteriza-se pelo entrecruzamento das classes sociais, ao ponto de, a um exame desatento, a morfologia mascarar as desigualdades sociais e o caráter de classes dos lugares (...) Denunciam esse fato, os aspectos mais elementares do arranjo espacial: a estética da moradia, a natureza dos serviços, a "política pública" de infra-estrutura espacial, a geometria (...) Determinante fundamental da dialética do espaço, a articulação estrutura-conjuntura pode ser expressa nos seguintes termos: é a estrutura econômica da formação econômico-social que determina a organização espacial, mas é a conjuntura política que comanda seus movimentos (processos e formas) (MOREIRA 1988).

Se nos voltarmos aos motivos que possibilitaram a organização dos nossos espaços urbanos da forma que conhecemos hoje, veremos que a segregação de camadas sociais no espaço urbano, assim como as péssimas condições habitacionais e o crescente aumento de preço da moradia, são as principais marcas da urbanização brasileira. E, colaborando, ou mesmo respaudando este contexto, temos as estruturas legais e institucionais:

As estruturas legais e institucionais do governo local, na maioria dos países em desenvolvimento, são inadequadas a esses propósitos, coloca a CMMAD (1988) que os governos atuais herdaram uma estrutura de leis e procedimentos completamente inadequados para lidar com os problemas de rápida urbanização dos centros urbanos em expansão acelerada. Deixa claro que não é adequado basear o desenvolvimento urbano em esquemas padronizados e valoriza a avaliação que a comunidade deve fazer quanto às suas necessidades, prioridades sociais, formas urbanas, que obrigatoriamente deverão constar no plano de desenvolvimento da cidade.

unesp

Os documentos oficiais referentes ao planejamento urbano estão baseados na noção de "deficit habitacional." RIBEIRO e PECHMAN (1985) defendem que se existe esse déficit, é porque grande parte da população urbana brasileira está excluída do mercado da produção de moradias. São duas as razões: de um lado, uma distribuição profundamente desigual da renda gerada na economia e, de outro lado, as condições que regem a produção capitalista de moradias no Brasil, que impõem um elevado preço ao direito de habitar na cidade.

Fazendo uma análise sobre a urbanização no Brasil, CAMPOS FILHO (1989) explica que o assentamento humano que ocorre nas periferias da cidade, acontece porque só nesse espaço a capacidade aquisitiva permite pagar aluguel ou comprar terreno. Ocorre ainda que tais terrenos atendem a poucas ou quase nenhuma exigência legal. A clandestinidade dos loteamentos que seriam, na verdade, loteamentos que a Prefeitura desconhece oficialmente, dá a ela a desculpa institucional para não instalar os equipamentos faltantes: luz, água, esgoto, canalização de águas pluviais.

Concluíse portanto, que as razões pelas quais as pessoas vão se instalar nas favelas não podem estar centradas exclusivamente na posição dos indivíduos na escala de rendas.

Segundo SANTOS (1979) o principal fator está nos modos de integração e inserção encontrados pelas camadas pobres de uma cidade diante das condições impostas pela modernização tecnológica:

- A modernização tecnológica, característica da nossa sociedade atual, cujo território ganha a cada dia que passa um conteúdo maior em ciência, técnica e informação, transforma-se de sociedade industrial em sociedade informacional.

- Na sociedade de classes verificam-se diferenças sociais no que se refere ao acesso aos bens e serviços produzidos socialmente. No capitalismo as diferenças são muito grandes, e maiores ainda em países como os da América latina. A habitação é um desses bens cujo acesso é seletivo: parcela enorme da população não tem acesso, quer dizer, não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel. Os grupos sociais excluídos, tem como possibilidade de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

moradia os densamente ocupados cortiços, localizados próximos ao centro da cidade-velhas residências que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas, a casa produzida pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, via de regra também distantes do centro, e a favela.

Para CORRÊA (1986). Os grupos sociais excluídos produzem seu próprio espaço, sendo a produção desse espaço uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência segundo o autor. A resistência e a sobrevivência se traduzem na apropriação de terrenos usualmente inadequados para outros agentes da produção do espaço, encostas íngremes e áreas alagadiças. No plano imediato, a favela corresponde a uma solução de um duplo problema: o da habitação e de acesso ao local de trabalho.

RODRIGUES (1989) caracteriza o surgimento da favela como resultado da necessidade de onde e do como morar:

- Se não é possível comprar casa pronta, nem terreno e arealizar a construção própria, tem-se que buscar uma solução. Para alguns a solução é a favela. A favela é o produto da conjugação de vários processos: da expropriação dos pequenos proprietários rurais e da exploração da força de trabalho no campo, que conduz a sucessivas migrações rural-urbana e também urbana-urbana, principalmente de pequenas e médias para as grandes cidades. E também produto do processo de empobrecimento da classe trabalhadora em seu conjunto, bastando lembrar que o valor real do salário mínimo tem sido extremamente depreciado e está, no atual momento, num de seus mais baixos patamares: cerca de 50% do seu valor em 1960. Resultado também do preço da terra urbana e das edificações - mercadoria inacessível para a maior parte dos trabalhadores , a favela exprime a luta pela sobrevivência e pelo direito ao uso do solo urbano e uma parcela da classe trabalhadora.

- Face ao desemprego, aos baixos salários, ao subemprego enfrentados por um gigantesco e crescente setor da população, torna-se necessário reduzir os gastos básicos à sobrevivência física. E entre estes gastos básicos a moradia é um item

importante, seja pela habitação em si, seja muitas vezes, pelo preço dos transportes para o emprego, isto quando não é possível morar mais próximo ao emprego.

- As favelas são, para a população, uma estratégia de sobrevivência. Uma saída, uma iniciativa que levanta barracos de um dia para outro, contra uma ordem desumana, segregadora. Uma iniciativa que desmistifica o mito da apatia do povo: é apático o indivíduo que luta para sua sobrevivência, que busca resgatar sua cidadania usurpada.

> "A tragetória do Brasil e da maioria dos brasileiros espelha fortemente a história de um povo colonizado por descobridores, mercadores, senhores da terra, senhores do capital, senhores do aparelho do Estado, senhores da comiseração pelos donos do poder. Assim, miséria e vassalagem, pobreza e subalternidade fazem parte da mesma trajetória, embora tal relação anti-ética seja escamoteada por algumas estratégias de gestão articuladas pelos que se fazem donos do poder" (SPOSATI 1988).

RODRIGUES (1989) trata da segregação espacial e suas consequências às classes mais pobres. Os que mais precisam usufruir uma "cidade com serviços e equipamentos públicos"- aqueles que têm baixos salários compram lotes, casas em áreas distantes, onde o preço é mais baixo. Gastam um tempo elevado de duas a três horas em deslocamento casa/trabalho/casa. Além do custo de transporte, constroem suas casas, em geral nos fins de semana, organizam-se para obter "melhorias" para estes bairros, aumentando ao mesmo tempo o preço da terra, que beneficiará os proprietários de terras vazias. Não puderam pagar por estes serviços, lutaram para consegui-los, inclusive até perdendo vários dias de trabalho remunerado, e elevam o preço da terra que será apropriada por outros.

Em SANTOS (1990), a oposição entre cidade visível e invisível é chocante. A paisagem urbana se estende muito mais depressa do que os serviços destinados a assegurar uma vida correta à população. Desse modo, a parcela maior da sociedade urbana, em grau mais ou menos grande, fica excluída dos benefícios do abastecimento

d`água, dos esgotos, do calçamento, dos transportes, etc. Eis aí, também, um dos aspectos mais chocantes dos contrastes entre centro e a periferia.

> "Para a população de baixa renda, torna-se cada vez mais dificil a aquisição de terrenos, e a autoconstrução demorada faz com que essa faixa dependa de casas ou quartos de aluguel. Muitas vezes, quando nem isso é possível, vão para as favelas. Favelas e cortiços, constituem nos países subdesenvolvidos, uma realidade multiforme e mutável de acordo com cada país e cada cidade. No interior de uma mesma cidade pode-se encontrar diferentes tipos de cortiços, em função de sua localização, sua aparência, a proveniência e a atividade de sua população, a distribuição das rendas individuais e familiares" (SANTOS 1979).

Na intenção de melhor definir ou caracterizar o espaço denominado favela, pode-se encontrar em outro autor a definição abaixo:

> "A favela caracteriza-se por ser uma ocupação individual e cotidiana, ou seja, aqueles que não tem onde morar, procuram um lugar para instalar-se com sua família, procuram um lugar, conversam com moradores já existentes e ao encontrar um pedaço de chão, constroem seu barraco ou então, compram um barraco já pronto. A construção é feita individualmente, ou com a família ou ainda com a ajuda de amigos" (RODRIGUES 1989).

III. MATERIAL E MÉTODOS.

3.1. População e amostra.

A amostra foi constituída de 15 residências em cada uma das cinco favelas escolhidas por serem as que mais cresceram no período de 1991 a 1995 na cidade de Bauru. O critério utilizado foi determinado a partir do nº de residências da menor favela entre as escolhidas (Parque Real) que contava no ano de 1995 com quinze residências. Este mesmo número de pesquisados foi transferido para as demais favelas que se destacaram por terem crescido em proporção maior que as demais.

3.2. Coleta de dados.

A coleta de dados referentes à pobreza mundial, nacional e regional, iniciando-se pela região de Bauru, que incluiu seu processo de ocupação e desenvolvimento econômico.

Em seguida foi estudado o processo, de expansão das favelas da cidade, sendo que a SEPROCOM (Secretaria de Projetos Comunitários), atual SEBES (Secretaria do Bem Estar Social), orgão da Prefeitura do município de Bauru forneceu dados atualizados, assim como a localização das áreas correspondentes às favelas, na planta geral da cidade.

Na fase seguinte, iniciou-se a aplicação de questionários e entrevistas junto à população de favelados. A intenção dessa pesquisa aplicada junto à população foi obter informações que permitissem a investigação dos objetivos propostos.

A próxima etapa foi a análise desses questionários, que deu subsídios para consequênte discussão dos resultados.

3.3. Instrumento.

O principal instrumento foi um questionário, (Anexo 09) que no ano de 1991 foi elaborado e aplicado nas Favelas existentes através da SEPROCOM (Secretaria de Projetos Comunitários) nele constavam questões relativas à composição familiar dos moradores, a infra-estrutura das favelas e o relacionamento entre os moradores, assim como suas aspirações futuras.

O mesmo questionário foi reaplicado no ano de 1995 nas cinco favelas que mais cresceram entre a primeira data e a segunda.



3.4. Tratamento estatístico.

Aplicados e recolhidos os questionários, os resultados foram tabulados e classificados com o auxílio de elementos de estatística descritiva. Foram utilizados quadros demonstrativos e representações gráficas.

3.5. Materiais.

- Mapa da cidade de Bauru, fornecido pela Prefeitura.
- Tabelas.
- Representações gráficas.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

4.1. Descrição das favelas existentes na cidade de Bauru.

Bauru, conta hoje com dezesseis favelas, formadas principalmente nas duas últimas décadas, sendo que o surgimento das mesmas, está claramente associado às crises financeiras que o país atravessava nos mesmos períodos.

As primeiras favelas de Bauru, tem como data aproximada o final da década de 70. Como não havia interesse ou controle por parte do poder público sobre a população que começou a formar os bolsões de pobreza que findaram por transformar-se em favelas, as informações apresentadas neste título são aproximadas.

De acordo com a SEPROCOM(1991), entre as favelas mais antigas da cidade estão: Vila São Manoel, Parque Jaraguá e Jardim Samburá. As favelas mais recentes seriam: Jardim Nicéia, Jardim Vitória, Jardim Ivone, Parque Real, Vila Santa Filomena/Prudência, Jardim Andorfato, Vila Garcia, Jardim Maria Célia, Jardim Gerson França/Marize, Jardim Flórida, Parque São João, Vila Zillo e Parque Ferradura Mirim.

Na tentativa de melhor localizar as favelas acima citadas, e ao mesmo tempo caracterizá-las, segue um breve relato sobre as mesmas e sua localização na malha urbana da cidade pode ser feita através da observação do (Anexos 12, 13 e 14) onde, através de numeração correspondente à do texto, e datas, as favelas estão localizadas.

Tanto as favelas abaixo relacionadas, assim como os "bolsões de pobreza", apresentam, em concordância com os autores acima citados, localização geográfica imprópia e qualidade de vida abaixo das médias aceitáveis. Muitas estão situadas as margens de pequenos córregos, representando, além de deteriorização do meio ambiente, perigo iminente de focos de doenças e possíveis alagamentos.

A utilização de minas de água para abastecimento da população residente nas favelas é outro fator muito comum, assim como a ausência de rede de esgoto.

4.1.1. Favela São Manoel.

Localizada entre os bairros Vila Falcão e Jardim Bela Vista, na região centro-oeste da cidade, conta hoje com aproximadamente 230 "barracos" e 1.035 residentes. POLÍCIA MILITAR (1995). Essa população está assentada em local que possui apenas uma rua de acesso.

A favela está dividida em duas partes: uma possui acesso à rua, enquanto a outra está isolada pela vegetação abundante no local e a linha férrea.

Os barracos estão situados, em sua maioria, às margens de um córrego, que recebe o esgoto doméstico de alguns "barracos".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O acesso a serviços é facilitado por sua localização próxima ao centro comercial da cidade e dos bairros próximos.

4.1.2. Favela Parque Jaraguá.

Além de ser reconhecida como uma das mais antigas, é também a maior em extensão e número de "barracos" SEPROCOM (1991).

Localiza-se no extremo oeste da cidade, e conta hoje com aproximadamente 350 "barracos" e 1.575 residentes POLÍCIA MILITAR (1995).

Parte do bairro possui uma localização privilegiada se comparada ao todo. Nesta favela existem ruas, iluminação pública e casas de alvenaria, assim como espaços delimitados. Já as demais áreas restantes são formadas por "barracos" agrupados sem nenhuma infra-estrutura, nem espaços delimitados para as famílias. É comum a utilização do solo para o cultivo de verduras e árvores frutíferas no bairro.

Novamente é notado o assentamento de famílias próximas a um pequeno córrego que também recebe parte do esgoto doméstico que corre a céu aberto.

4.1.3. Favela Jardim Samburá.

Localizada na Avenida Nações Unidas, zona leste da cidade, possui hoje 31 "barracos" e 139 residentes, dispostos em terreno de acentuado declive POLÍCIA MILITAR (1995).

Os moradores não usufruem de rede de esgoto, correndo os detritos domésticos a céu aberto, e utilizam os serviços do bairro mais próximo (Ernesto Geisel).

4.1.4. Favela Nicéia.

Localiza-se às margens da Rodovia Marechal Rondom, zona leste da cidade e conta hoje com 130 "barracos"e 585 residentes POLÍCIA MILITAR (1995).

Isolada da cidade e desprovida de recursos, sua população enfrenta ainda o problema de uma erosão em expansão que pode afetar os "barracos" situados em terreno de declíve acentuado.

4.1.5. Favela Jardim Vitória.

Encontra-se localizada na Rua João Celechini, nas quadras 04 e 05, ao lado do bairro Vila Ipiranga no sudoeste da cidade. Sua formação é considerada recente, e conta hoje com aproximadamente 50 "barracos" e 225 residentes POLÍCIA MILITAR (1995).

A população utiliza-se dos serviços públicos do bairro vizinho.

4.1.6. Favela Jardim Ivone.

Localizada nas proximidades do bairro Vila São Paulo, no km 347 da rodovia Bauru-Iacanga, no extremo norte da cidade, possui aproximadamente 100 "barracos"e uma população de 450 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

A distância da cidade faz com que os moradores enfrentem dificuldades de acesso a recursos. Também está localizada às margens de uma grande erosão em estado de expansão, e a população se utiliza de mina d'água resultante do lençol freático que é o principal agente erosivo.

4.1.7. Favela Parque Real.

Próxima ao bairro Vila Dutra, a Oeste da cidade, conta hoje com 15 "barracos" e 60 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Nota-se uma diferença sensível entre moradores, já que parte da população é nitidamente desprovida de qualquer infra-estrutura, enquanto uma outra parte de moradores tem seus terrenos regulamentados, água e luz (SEBES 1991).

Conta com infra-estrutura mínima, como creche e empório próximos.

4.1.8. Favela Vila Santa Filomena ou Prudência.

Próxima ao curtume da Vila Nova Esperança, extremo Oeste da cidade.

Composta por 32 "barracos" e 144 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Os "barracos" estão construídos abaixo do nível da rua e próximos a um córrego. Nos períodos chuvosos, os moradores sofrem com inundações devido ao escoamento insuficiente das águas e consequente cheia do córrego.

Não existe centro comercial próximo, nem linhas de ônibus ou centro de saúde, a população utiliza serviços de bairros vizinhos (SEPROCOM 1991).

4.1.9. Favela Jardim Andorfato.

Está localizada entre a Vila Nova Esperança e a favela do Parque Jaraguá, a Oeste da cidade.

Totaliza 33 "barracos" e 149 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Por situar-se longe de centros comerciais, utiliza o comércio e serviços disponíveis na favela Parque Jaraguá, que por ser mais antiga já conquistou alguns recursos (SEPROCOM 1991).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.1.10. Favela Vila Garcia.

Localização altamente imprópria, por estar às margens de um córrego que os moradores utilizam como esgoto.

Localiza-se a Noroeste da cidade e possui 140 "barracos" e 630 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

É atendida com creche, ônibus, e possui empório nas proximidades.

4.1.11. Favela Jardim Maria Célia.

Localiza-se entre os bairros da Vila Garcia e Jardim Godoy, a Sudoeste da cidade, e é considerada uma das mais recentes da cidade.

Possui 76 "barracos" e 342 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Uma característica marcante observada nesta favela, é o fato de a maioria das famílias que ali residem, serem procedentes da zona rural (SEPROCOM 1991).

4.1.12. Favela Jardim Gerson França/Marize.

Localizada entre a favela São Manoel e o bairro Vila Quagio, a Centro-oeste da cidade possui 50 "barracos" e 225 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

De um modo geral sua localização é ruim, estando parte das edificações sob uma colina, portanto em terreno íngreme, e algumas outras edificações foram feitas abaixo do nível da rua. A vegetação ainda abundante na região, dificulta o acesso a alguns "barracos".



4.1.13. Favela Jardim Flórida.

Localiza-se ao Sul da cidade, possui 120 "barracos" e 540 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Esta favela também é vítima de enchentes que ocorrem nos períodos chuvosos por estar nas proximidades de um córrego.

4.1.14. Favela Parque São João.

Localiza-se a Sudoeste da cidade, possui 40 "barracos" e 180 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Próxima a bairros urbanizados, os residentes dispõem com relativa facilidade de serviços públicos como: escola e creche (SEPROCOM 1991).

4.1.15. Favela Vila Zillo.

Localiza-se na Zona Sul da cidade, próxima a bairros nobres. Conta com 15 "barracos" e 167 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

Experimenta o contraste de ter como vizinhos, moradores de casas luxuosas. Novos loteamentos destinados a classe média e alta têm empurrado a favela e diminuído o número de barracos (JORNAL DA CIDADE 1995).

4.1.16. Favela Ferradura Mirim.

Localizada na região Leste da cidade, possui 150 "barracos" e 675 residentes (POLÍCIA MILITAR 1995).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

De acordo com os últimos levantamentos feitos pela Defesa Civil e Polícia Militar, esta foi a favela que mais cresceu no último ano.

Próxima a um depósito de lixo particular, sua população vive o risco constante de epidemias, causadas pelas condições inadequadas à saúde, à qual a população é submetida.

A Defesa Civil, trabalhando em conjunto com a SEBES, identifica hoje, mais 03 (três) "bolsões de pobreza", em Bauru, que ainda não são considerados como favelas. Estes seriam o Jardim Iolanda, localizado próximo à Vila Zillo, o Jardim Eldorado, localizado próximo ao Parque Jaraguá, e o Parque das Nações, localizado também próximo à Vila Zillo.

4.2. Verificação do processo de expansão das favelas de Bauru.

Figura 1: Demonstrativo do crescimento das favelas no período de 1991 a 1995.

unesp

Fonte: Jornal da Cidade. 03/09/95 p. 17, Bauru, S. P.

Como demonstra a figura 1, as favelas que mais cresceram entre as 16 relacionadas no capítulo anterior foram: Jardim Ivone, Parque Real, Jardim Nicéia, Parque S. João e Ferradura Mirim. Por este motivo, estas serão estudadas mais profundamente a seguir, onde serão comparados os questionários aplicados nos anos de 1991 e 1995. Duas das favelas citadas não existiam em 1991, o que impossibilita comparações.

De acordo com os últimos levantamentos feitos pela Defesa Civil e Polícia Militar, esta foi a favela que mais cresceu no último ano.

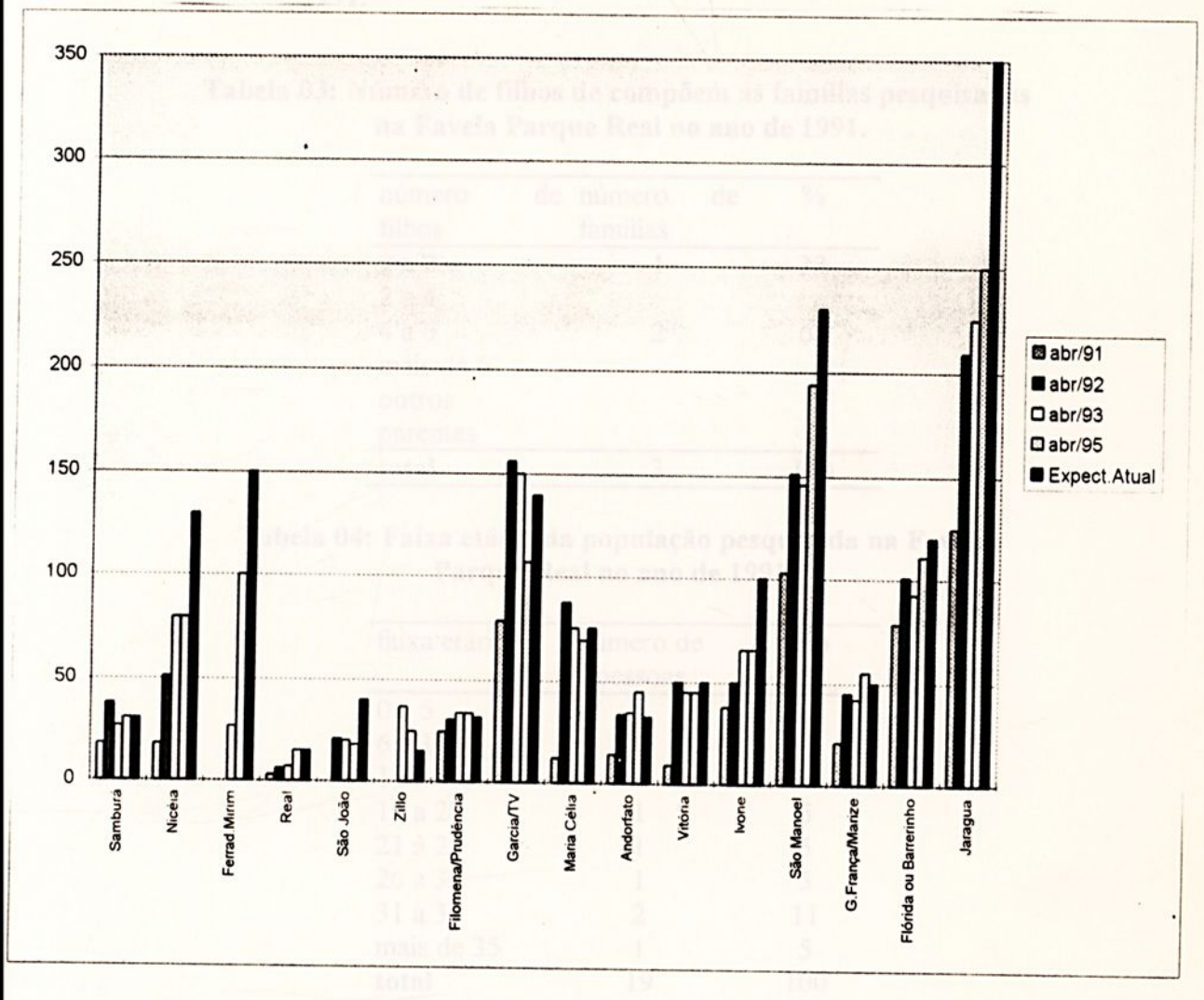
Próxima a um depósito de lixo particular, sua população vive o risco constante de epidemias, causadas pelas condições inadequadas à saúde, à qual a população é submetida.

A Defesa Civil, trabalhando em conjunto com a SEBES, identifica hoje, mais 03 (três) "bolsões de pobreza", em Bauru, que ainda não são considerados como favelas. Estes seriam o Jardim Iolanda, localizado próximo à Vila Zillo, o Jardim Eldorado, localizado próximo ao Parque Jaraguá, e o Parque das Nações, localizado também próximo à Vila Zillo.

4.2. Verificação do processo de expansão das favelas de Bauru.

Figura 1: Demonstrativo do crescimento das favelas no período de 1991 a 1995.

	Fontes: Sebes			Fonte: Policia militar	
Favelas	abr/91	abr/92	abr/93	abr/95	Expect.Atual
Sambura	18	38	27	31	31
Nicéia	18	51	80	80	130
Ferrad.Mirim	0	0	27	100	150
Real	3	6	7	15	15
São João		21	20	18	40
Zillo		0	37	25	15
Filomena/Prudência	25	31	34	34	32
Garcia/TV	79	156	150	107	140
Maria Célia	12	88	76	70	76
Andorfato	14	34	35	45	33
Vitória	9	50	45	45	50
Ivone	38	50	66	66	100
São Manoel	103	151	146	194	230
G.França/Marize	21	45	42	55	50
Flórida ou Barrerinho	79	101	93	111	120
Jaragua	125	209	225	250	350
Totais	544	1.031	1.110	1.246	1.562



Fonte: Jornal da Cidade. 03/09/95 p. 17, Bauru, S. P.

Como demonstra a figura 1, as favelas que mais cresceram entre as 16 relacionadas no capítulo anterior foram: Jardim Ivone, Parque Real, Jardim Nicéia, Parque S. João e Ferradura Mirim. Por este motivo, estas serão estudadas mais profundamente a seguir, onde serão comparados os questionários aplicados nos anos de 1991 e 1995. Duas das favelas citadas não existiam em 1991, o que impossibilita comparações.

4.2.1. Dados levantados pela SEPROCOM na favela Parque Real em 1991.

Tabela 03: Número de filhos de compõem as famílias pesquisadas na Favela Parque Real no ano de 1991.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	1	33
2 a 4		
4 a 6	2	67
mais de 6		
outros parentes		
total	3	100

Tabela 04: Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1991.

faixa etária	número de pessoas	(%)
0 a 5	5	26
6 a 10	6	32
11 a 15	2	11
16 a 20	1	5
21 à 25	1	5
26 a 30	1	5
31 a 35	2	11
mais de 35	1	5
total	19	100

Tabela 05:Estado civil da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1991.

estado civil	número de pessoas	%
casado		
solteiro	13	67
amasiado	6	32
separado		
viúvo		
total	19	100

BIBLIOTECA - UNESP CAMPUS DE BAURU

Tabela 06:Grau de instrução da população da Favela Parque Real no ano de 1991.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	2	10
1.grau incompleto	4	21
1.grau completo mobral		
7 a 14 anos matriculados	3	16
7 a 14 não matriculados	3	16
menor de 7	7	37
total	19	100

Tabela 07: Profissões exercidas pela população da Favela Parque Real no ano de 1991.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais		
ajudante de pedreiro	1	5
pedreiro	1	5
jardineiro		
ajudante de cozinha		
garçon		
empregada doméstica		
desempregado	3	16
outros		
aposentados	1	5
bóia-fria		
menor de 14 anos	13	69
total	19	100

N.º 583
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

Tabela 08: Renda familiar da população da Favela Parque Real no ano de 1991.

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	1	33
2 a 4 salários	2	67
mais de 4 salários		
desconhece		
total	3	100

Tabela 09: Infra-estrutura da Favela Parque Real no ano de 1991.

	número de residências	%
água encanada	1	33
luz elétrica	2	67
fossa asséptica	0	0

Tabela 10: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Parque Real no ano de 1991.

	número de famílias	%
outra cidade		
outro bairro	3	100
sítio/fazenda		
total	3	100

Tabela 11: Pretensão dos moradores da Favela parque Real no ano de 1991 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	1	33
não	2	67
total	3	100

Tabela 12: Relacionamento entre os moradores da Favela Parque Real no ano de 1991.

	número de pessoas	%
bom	2	67
regular		
mau	1	33
total		

Tabela 13: maiores problemas da Favela Parque Real no ano de 1991.

	número de pessoas	(%)
infra-estrutura	2	67
pavimentação		
ônibus		
telefone comunitário		
centro comunitário		
escola		
creche		
roubos e drogas		
não possui problemas	1	33
total	3	100

Tabela 14: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela parque real no ano de 1991.

	número de pessoas	%
vizinhos	1	33
família		
associação de moradores	2	67
resolve sozinho		
total	3	100

Tabela 15:Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque Real no ano de 1991.

Prefeitura	3	100
Municipal		
próprio		
cedido		
total	3	100

Tabela 16: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Parque Real no ano de 1991.

	número de famílias	%
sim		
não	3	100
total	3	100

Tabela 17: Condições da população da Favela Parque real de adquirir um terreno em outro localno ano de 1991.

	número de famílias	%
sim		
não	3	100
total	3	100

Tabela 18: Condições da população da Favela Parque Real, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim		
não	3	100
total	3	100

De acordo com a Secretaria de Projetos Comunitários os dados levantados são os seguintes:

Com relação à composição familiar, 1 família possui de 0 a 02 filhos (33%), enquanto 02 famílias possuem de 04 a 06 filhos (67%).

A faixa etária que vai de 0 a 05 anos, é composta por 05 pessoas, o que representa 26% da população total. Entre 06 e 10 anos, o número de pessoas é 06, e estes representam 32% da população. Entre 11 e 15 anos, há apenas 02 pessoas ou 11%. Entre 16 e 20, 21 e 25, 26 e 30, há apenas 01 pessoa para cada uma dessas faixas, o que representa 5% para cada. Entre 31 e 35 anos, 02 pessoas ou 11%, e acima de 35 anos, 01 pessoa ou 5%.

Com relação ao estado civil, não existem casados, o número de solteiros é de 13 pessoas ou 68%, e o de amasiados 06 pessoas ou 32%.

O grau de instrução das pessoas está distribuído da seguinte maneira:

O número de pessoas analfabetas é 02 ou 10%, e as que possuem o primeiro grau incompleto são 04 ou 21%. Não há pessoas com o primeiro grau completo ou mobral. Crianças matriculadas em escolas e que tenham entre 07 e 14 anos são 03, ou 16%, sendo o mesmo número de crianças nessa faixa etária que não estão matriculadas.

As profissões exercidas pela população são: ajudante de pedreiro (01 pessoa, ou 5%), pedreiro (01 pessoa ou 5%), desempregados (03 pessoas ou 16%), pensionistas (01 pessoa ou 5%). Os menores de 14 anos são 13 ou 68%.

Com relação à renda familiar, 01 família tem como renda 01 salário mínimo (33%), enquanto as demais (02), recebem entre 02 e 04 salários mínimos (67%).

A infra-estrutura está assim distribuída: a água encanada é encontrada em apenas um domicílio (33%), enquanto em dois não (67%). A luz elétrica é encontrada em dois domicílios (67%), e em um não (33%). Todos os domicílios possuem fossa asséptica (100%).

Com relação à proveniência da população em questão, todas as famílias (03), vieram de outros bairros da cidade de Bauru (100%).

Quando perguntados se pretendiam mudar-se do bairro em questão, 02 entrevistados responderam que não (67%), enquanto 01 respondeu que sim (33%).

O relacionamento com os demais moradores foi considerado bom por 02 moradores (67%), e mau por 01 morador (33%).

Os maiores problemas do bairro apontados pela população foram: ausência infra-estrutura, citada por 02 pessoas (67%), enquanto 01 pessoas declarou não haver problemas (33%).

Quanto ao morador procurado para resolver problemas pessoais ou do bairro, o vizinho foi citado por 01 pessoa (33%), enquanto os demais declararam que resolvem sozinhos (67%).

Quanto à propriedade do terreno, todos os entrevistados responderam que os lotes (03) pertencem a Prefeitura Municipal, num total de 100%.

Nenhum dos entrevistados possui terreno em outro local, assim como, condições de adquirir propriedade ou material para construção.

unesp

4.2.1.1 Dados obtidos na favela Parque Real em 1995.

Tabela 19: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Parque Real no ano de 1995.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	4	27
2 a 4	5	33
4 a 6	2	13
mais de 6	1	7
outros parentes	3	20
total	15	100

Tabela 20: Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1995.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	22	31
6 a 10	12	17
11 a 15	7	10
16 a 20	1	1
21 a 25	4	6
26 a 30	11	15
31 a 35	9	13
mais de 35	5	7
total	71	100

Tabela 21: Estado civil da população pesquisada na Favela Parque Real no ano de 1995.

estado civil	número de pessoas	%
casado	16	23
solteiro	43	69
amasiado	10	14
separado viúvo	2	3
total	71	100

Tabela 22: Grau de instrução da população da Favela Parque Real no ano de 1995.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	9	13
1. grau incompleto	19	27
1. grau completo	2	3
mobral		
7 a 14 anos matriculados	16	23
7 a 14 não matriculados		
menor de 7	25	35
total	71	100

Tabela 23: Profissões exercidas pela população da Favela Parque Real no ano de 1995.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais		
ajudante de pedreiro	2	3
pedreiro	2	3
jardineiro		
ajudante de cozinha		
garçon		
empregada doméstica	4	6
desempregado	11	15
outros	13	18
aposentados		
bóia-fria		
menor de 14 anos	39	55
total	71	100

Tabela 24: Renda familiar da população da Favela Parque Real no ano de 1995

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	12	80
2 a 4 salários	3	20
mais de 4 salários		
desconhece		
total	15	100

Tabela 25: Infra-estrutura da Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de residências	%
água encanada	13	87
luz elétrica	15	100
fossa asséptica	13	87

Tabela 26: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de famílias	%
outra cidade	4	27
outro bairro	8	53
sítio/fazenda	3	20
total	15	100

Tabela 27: Pretensão dos moradores da Favela parque Real no ano de 1995 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	7	47
não	8	53
total	15	100

Tabela 28: Relacionamento com os demais moradores da Favela parque real no ano de 1995.

	número de pessoas	%
bom	13	87
regular	2	13
mau		
total	15	100

Tabela 29: Maiores problemas da Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	1	7
pavimentação	3	20
ônibus	1	7
telefone comunitário		
centro comunitário	2	13
escola		
creche		
roubos e drogas	4	27
não possui problemas	4	27
total	15	100

Tabela 30: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de pessoas	%
vizinhos	4	27
família		
associação de moradores	6	40
resolve sozinho	5	33
total	15	100

Tabela 31: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	6	40
próprio	6	40
cedido	3	20
total	15	100

Tabela 32: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Parque Real no ano de 1995.

	número de famílias	%
sim	1	7
não	14	93
total	15	100

Tabela 33: Condições da população da Favela Parque Real de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	4	27
não	11	73
total	15	100

Tabela 34: Condições da população da Favela Parque Real, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Das 15 famílias entrevistadas, obtivemos um total de 71 pessoas na aferição dos dados. Com relação à composição familiar dos entrevistados, os resultados obtidos foram os seguintes: 04 famílias possuiam de 0 a 02 filhos (27%), 5 famílias possuíam de 02 a 04 filhos (33%), 02 famílias possuiam de 04 a 06 filhos (13%) e apenas 01 família possuia mais de 06 filhos (7%). Em 03 famílias constatou-se a presença de parentes agregados, como sobrinhos ou mesmo afilhados (20%).

Com relação à faixa etária, as crianças de 0 a 05 anos são em número de 22 (31%). As de idade entre 06 e 10 anos são em número de 12 (17%). Entre 11 e 15 anos são 07 (10%). Pessoas entre 16 e 20 anos, apenas 01(1%). De 21 a 25 anos são em número de 04 (7%) . De 26 a 30 anos somam 11(15%). De 31 a 35 anos são 9 (13%) e acima de 35 anos, 05 pessoas (7%).

Com relação ao estado civil, a grande maioria é composta por solteiros, são 43 pessoas no total de 60%. Os casados são em número de 16, totalizando 23%, os amasiados são em número de 10, totalizando 14% e os separados são 2 ou o equivalente a 3%.

Com relação ao grau de instrução, 09 pessoas são analfabetas(13%), 19 pessoas (27%) possuem o primeiro grau incompleto, duas pessoas apenas possuem o primeiro grau completo. Entre as crianças, 16 (22%) estão matriculadas em escolas da rede pública e 25 (35%), são menores de 07 anos e não frequentam ainda nenhuma escola.

Com relação à profissão exercida pelos entrevistados coletou-se os seguintes dados:

As crianças menores de 14 anos, são em número de 39 e formam um total de 55% da população entrevistada, 13 adultos responderam que exercem trabalhos eventuais (18%). Dos demais, 11 estão desempregados (15%), 04 pessoas trabalham como empregadas domésticas (6%), são pedreiros (3%), e dois ajudantes de pedreiro (2%).

A renda familiar predominante é de 0 à 02 salários mínimos (80%). Enquanto apenas 03 famílias possuem renda entre 02 e 04 salários mínimos (29%).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Com relação à infra-estrutura do bairro, as 15 famílias possuem luz elétrica (100%)e com relação à água encanada, 13 famílias possuem este benefício (80%) enquanto 02, não (20%).Tendo obtido o mesmo resultado com relação à fossa asséptica.

Com relação à procedência dos moradores, 08 famílias vieram de outro bairro de Bauru (27%). Das demais famílias, 04 vieram de outra cidade (53%), enquanto 03 famílias (20%) vieram da zona rural.

Quando questionados se pretendiam mudar do bairro em questão, 08 famílias responderam que não (53%) enquanto 07 famílias responderam que sim (47%).

Com relação ao relacionamento os demais moradores, 13 famílias, (80%), responderam que era bom e 02 (20%) que era regular.

Os maiores problemas do bairro de acordo com os entrevistados são:

Roubo, drogas e problemas sociais, 04 famílias, ou 27%, ausência de pavimentação das ruas, 03 famílias ou 20%, infra-estrutura e ônibus, ambos escolhidos por 01 família, representando 6, % cada um. Ausência de centro comunitário, 02 famílias ou 13%. Uma considerável parcela da comunidade , 04 famílias ou 27%, acham que o bairro não possui nenhum tipo de problema.

Quando perguntados sobre como são resolvidos os problemas, 06 moradores responderam que procuram a associação de moradores(40%).O número de moradores que resolve sozinho é 05, ou 33%, e o número de moradores que procura pelos vizinhos nessas situações é de 04 ou 27%.

Quanto à propriedade do terreno, 06 deles são da Prefeitura, (40%).Outros 06 são dos moradores entrevistados (40%), enquanto os 03 restantes são cedidos por particulares (20%).

Apenas 01 dos moradores entrevistados, possui terreno em outro local (7%). Enquanto os demais 14 (97%), não possuem .

Quando perguntados se possuíam condições de adquirir um terreno, 11 famílias ou 73%, responderam que não, enquanto 04 ou 27% responderam que sim..

Em relação a possibilidade de adquirir materiais de construção, 12 famílias responderam que não possuiam condições (80%), enquanto 03 famílias disseram que poderiam adquiri-los (20%).

4.2.1.2 Comentário comparativo da favela Parque Real 1991/1995.

No ano de 1991, apenas 03 famílias constituíam a favela Parque Real, enquanto em 1995 esse número subiu para 15.

Analisando a composição familiar em ambas as datas, nota-se que, o número de filhos por famílias diminuiu, e aumentou o número de parentes ou agregados que dividem os domicílios.

A faixa etária predominante em ambas as datas é a que vai de 0 à 10 anos.

O estado civil predominante é o solteiro, mas em 1995 o número de casados supera o de amasiados, notando-se aí uma inversão em relação a 1991.

Com relação ao grau de instrução, permaneceu alto o número de analfabetos (acima de 10%), e de pessoas com o primeiro grau incompleto (acima de 20% em ambas as datas).

O número de crianças matriculadas em escolas nas idades entre 07 e 14 anos aumentou, e o de crianças não matriculadas nessa mesma faixa diminuiu.

Com relação à profissão, o número de entrevistados exercendo funções sem nenhuma especialidade é predominante, e o de desempregados se manteve acima de 15%.

A renda familiar diminuiu entre as famílias se compararmos os dados de 1991 e 1995. Cresceu o número de famílias que ganham de 0 a 02 salários mínimos e diminuiu o número de famílias que ganham entre 02 e 04 salários mínimos.

A infra-estrutura da favela, melhorou na medida em que todas as famílias entrevistadas no ano de 1995, contam com luz elétrica. E a grande maioria possui em seus domicílios, água encanada e fossa asséptica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Com relação à procedência das famílias, cresceu o número de famílias vindas de outras cidades e da zona rural, porém, a maioria ainda é proveniente de outros bairros de Bauru, como constatou-se em 1991.

Quando questionados se pretendiam mudar daquele bairro, em ambas as datas (1991 e 1995) a maioria respondeu que não.

O relacionamento entre moradores é considerado bom pela maioria dos moradores em ambas as datas.

No ano de 1991, o maior problema citado pelos moradores dizia respeito à infra-estrutura. Já em 1995, os 02 mais citados são os problemas de ordem social, como por exemplo: roubos e drogas; e o segundo mais citado seria a ausência de pavimentação das ruas.

Com relação aos problemas cotidianos, pessoais ou do bairro, aumentou a procura pela associação de moradores, se comparados os dados de 1991 com os de 1995. Em 1991, a maioria da população resolvia seus problemas sozinha.

Quanto à propriedade do terreno, cresceu o número de terrenos próprios e cedidos, assim como aumentou consideravelmente o número de famílias ocupando terrenos da Prefeitura.

Em ambas as datas a grande maioria respondeu não possuir condições de adquirir terreno ou material para construir.

4.2.2 Dados levantados pela SEPROCOM na favela Jardim Ivone no ano de 1991.

Tabela 35: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	11	34
2 a 4	4	13
4 a 6	9	28
mais de 6	1	3
outros parentes	7	22
total	32	100

Tabela 36: Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	25	19
6 a 10	16	12
11 a 15	22	17
16 a 20	17	13
21 a 25	14	11
26 a 30	7	5
31 a 35	7	5
mais de 35	24	18
total	132	100

Tabela 37: Estado civil da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

estado civil	número de pessoas	%
casado	18	13
solteiro	90	68
amasiado	18	14
separado	1	1
viúvo	5	4
total	132	100

Tabela 38: Grau de instrução da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	27	20
1. grau incompleto	45	34
1. grau completo mobral		
7 à 14 anos matriculados	12	9
7 à 14 não matriculados	18	14
menor de 7	30	23
total	132	100

Tabela 39: Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais	3	2
ajudante de pedreiro	8	6
pedreiro	1	1
jardineiro	1	1
ajudante de cozinha		
garçon		
empregada doméstica	7	5
desempregado	34	26
outros	4	3
aposentados	2	2
bóia-fria	15	11
menor de 14 anos	57	43
total	132	100

Tabela 40: Renda familiar da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	16	62
2 a 4 salários	8	30
mais de 4 salários	2	8
desconhece		
total	26	100

Tabela 41: Infra-estrutura da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de residências	%
água encanada	11	58
luz elétrica	24	8
fossa asséptica	19	27

Tabela 42: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de famílias	%
outra cidade	11	42
outro bairro	11	42
sítio/fazenda	4	16
total	26	100

Tabela 43: Pretensão dos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	11	42
não	15	58
total	26	100

Tabela 44: Relacionamento com os demais moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de pessoas	%
bom	24	92
regular	2	8
mau		
total	26	100

Tabela 45: Maiores problemas da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	17	53
pavimentação	4	13
ônibus	1	3
telefone comunitário	2	6
centro comunitário		
escola	3	9
creche		
roubos e drogas	1	3
não possui problemas	4	13
total	32	100

Tabela 46: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de pessoas	%
vizinhos	3	12
família	2	8
associação de moradores		
resolve sozinho	21	80
total	26	10 0

Tabela 47: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	25	96
próprio		
cedido	1	4
total	26	100

Tabela 48: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1991.

	número de famílias	%
sim		
não	26	100
total	26	100

Tabela 49: Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim		
não	26	26
total	100	100

Tabela 50: Condições da população da Favela Jardim Ivone, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim		
não	26	100
total	26	100

No ano de 1991, esta favela contava com 26 barracos e 132 pessoas residentes.

De acordo com a Secretaria de Projetos Comunitários, a situação da favela Jardim Ivone no ano de 1991, era a seguinte:

Com relação à composição familiar, 34% das famílias, possuem entre 0 e 02 filhos, 13% possiu entre 2 e 04 filhos, 28% das famílias possui entre 04 e 06 filhos, 3% possui mais de 06 filhos e 22% dos domicílios abriga parentes e agregados.

A faixa etária da população em questão está assim dividida: 25 pessoas (19%) da população está entre 0 e 05 anos, 16 pessoas (12%), está entre 06 e 10 anos, 22 pessoas (17%) está entre 11 e 15 anos, 17 pessoas (13%) está entre 16 e 20 anos, 14 pessoas (11%) está entre 21 e 25 anos, 07 pessoas (5%) está entre 26 e 30 anos, 07 pessoas (5%) está entre 31 e 35 anos, e 24 pessoas (1%) está acima de 35 anos.

Com relação ao estado civil da população, 13% são casados, 68% são solteiros, 14% são amasiados, 01 pessoa (1%) é separado e 05 pessoas (4%) são viúvas.

O grau de instrução da população é o seguinte: 27 pessoas (20%) são analfabetas, 45 pessoas (34%) possuem o primeiro grau incompleto, nenhuma pessoas possui o primeiro grau completo. Das crianças entre 07 e 14 anos, 12 (14%) estão matriculadas na escola, enquanto 18 (23%) não estão. Os menores de 07 anos são 30 (23%).

As profissões exercidas pela população são: serviços gerais (03 pessoas ou 3%), ajudante de pedreiro (08 pessoas ou 6%), pedreiro (01 pessoa ou 1%), jardineiro (01 pessoa ou 1%), empregada doméstica (07 pessoas ou 5%), desempregados (34 pessoas ou 26%), serviços esporádicos e variados(04 pessoas ou 3%), aposentados (02 pessoas ou 2%), bóia fria (15 pessoas ou 11%), menores de 14 anos (57 pessoas ou 43%).

Com relação à renda familiar, 16 famílias recebem de 0 à 02 salários mínimos por mês (62%), enquanto 08 famílias recebem de 02 à 04 salários mínimos (30%), e apenas 02 famílias recebem mais de 04 salários mínimos por mês.



Quanto à infra-estrutura do bairro, em 11 barracos há água encanada (42%), em 24 barracos há luz elétrica (92%) e 19 possuem fossa asséptica (73%).

Quando perguntados sobre sua procedência, 11 famílias responderam que vieram de outra cidade (42%), outras 11 famílias responderam que vieram de outro bairro (42%), e apenas 04 famílias responderam que vieram da zona rural (15%).

Perguntados sobre a intenção de se mudarem daquele bairro, 11 famílias responderam que gostariam de se mudar (42%), enquanto 15 famílias responderam que não gostariam de se mudar (58%).

O relacionamento com os demais moradores é bom para 24 famílias (92%), e regular para 02 famílias (8%).

Os maiores problemas do bairro, apontados pelos moradores são: ausência de infra-estrutura (17 pessoas 53%), ausência de pavimentação das ruas, (04 pessoas 13%), ônibus, (01 pessoa, 3%), falta de telefone comunitário (02 pessoas 6%), falta de escola (03 pessoas 9%), problemas sociais (01 pessoa 3%), não possui problemas (04 pessoas 13%).

O morador procurado para resolver problemas pessoais ou do bairro: 03 pessoas (12%), procuram o vizinho, 02 pessoas (8%) procuram a família, 21 pessoas (81%) resolvem sozinhos.

Quanto à propriedade do terreno, 25 lotes são da Prefeitura (96%), enquanto 01 lote foi cedido por particular (3%).

Quando perguntados se possuíam terreno em outro local, ou condições de adquirir terreno em outro local , ou mesmo material de construção, todos os questionados responderam que não (100%).

4.2.2.2. Dados obtidos na Favela Jardim Ivone em 1995.

Tabela 51: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	1	6
2 a 4	6	40
4 a 6	4	27
mais de 6 outros parentes	4	27
total	15	100

Tabela 52: Faixa etária da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	7	12
6 a 10	9	16
11 a 15	8	14
16 a 20	7	12
21 a 25	7	12
26 a 30	4	7
31 a 35	6	10
mais de 35	10	17
total	58	100

Tabela 53: Estado civil da população pesquisada na Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

estado civil	número de pessoas	%
casado	14	24
solteiro	31	53
amasiado	10	17
separado	1	2
viúvo	2	4
total	58	100

Tabela 54: Grau de instrução da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	7	12
1. grau incompleto	31	53
1. grau completo mobral	2	4
7 à 14 anos matriculados	8	14
7 à 14 não matriculados		
menor de 7	10	17
total	58	100

Tabela 55: Profissões exercidas pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais		
ajudante de pedreiro		
pedreiro	4	7
jardineiro		
ajudante de cozinha	1	2
garçon		
empregada doméstica	1	2
desempregado	20	34
outros	6	10
aposentados	1	2
bóia-fria	6	10
menor de 14 anos	19	33
total	58	100

Tabela 56: Renda familiar da população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	11	73
2 a 4 salários	1	7
mais de 4 salários	1	7
desconhece	2	13
total	15	100

Tabela 57: Infra-estrutura da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de residências	%
água encanada	12	80
luz elétrica	13	80
fossa asséptica	12	80

Tabela 58: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de famílias	%
outra cidade	3	20
outro bairro	10	67
sítio/fazenda	2	13
total	15	100

Tabela 59: Pretensão dos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1995 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	10	62
não	5	33
total	15	100

Tabela 60: Relacionamento com os demais moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de pessoas	%
bom	15	100
regular		
mau		
total	100	100

Tabela 61: Maiores problemas da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	2	13
pavimentação	3	20
ônibus	3	20
telefone comunitário	1	8
centro comunitário		
escola	2	13
creche		
roubos e drogas	2	13
não possui problemas	2	13
total	15	100

Tabela 62: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de pessoas	%
vizinhos	1	7
família		
associação de moradores		
resolve sozinho	14	93
total	15	100

Tabela 63: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	14	93
próprio	1	7
cedido		
total	15	100

Tabela 64: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Jardim Ivone no ano de 1995.

	número de famílias	%
sim		
não	15	100
total	15	100

Tabela 65: Condições da população da Favela Jardim Ivone de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Tabela 66: Condições da população da Favela Jardim Ivone, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total		

Com relação ao número de filhos das famílias entrevistadas no ano de 1995, apenas 01 família possui entre 0 e 2 filhos (6%), enquanto 06 famílias possuem entre 02 e 04 filhos (40%), 04 famílias possuem entre 04 e 06 filhos (27%), e quatro entrevistados não possuem filhos morando com eles: são idosos, acima de 35 anos que vivem com seus respectivos companheiros ou sozinhos, estes representam 27% das famílias.

A faixa etária da população está dividida da seguinte forma: 07 pessoas estão entre 0 e 05 anos (12%), 09 pessoas estão entre 06 e 10 anos (16%), 08 pessoas estão entre 11 e 15 anos (14%), 07 pessoas estão entre 16 e 20 anos (12%), 07 pessoas estão entre 21 e 25 anos (12%), 04 pessoas estão entre 26 e 30 anos (7%), 06 pessoas estão entre 31 e 35 anos (10%), e 10 pessoas estão acima de 35 anos (17%).

Quanto ao estado civil das pessoas questionadas, 14 são casadas (24%), 31 são solteiras (53%), 10 são amasiadas (17%), 01 é separada (2%) e duas são viúvas (4%).

O grau de instrução da população está assim distribuído: 07 pessoas são analfabetas (12%),31 pessoas possuem o primeiro grau incompleto (53%), apenas 02 pessoas possuem o primeiro grau completo (4%). As crianças entre 07 e 14 anos matriculadas em escolas são 08 (14%), não existem crianças nesta mesma faixa etária que não estejam matriculadas. Os menores de 07 anos são em número de 10 (17%).

Com relação a profissão exercida pelos moradores, 04 são pedreiros (7%), 01 é ajudante de cozinha (2%), 01 é empregada doméstica (2%), 20 estão desempregados (34%), 06 estão exercendo atividades esporádicas ou trabalhando em comércio, 01 pessoa (2%) é aposentada, 06 pessoas são bóias -frias (10%), e 19 são menores de 14 anos (33%).

A renda familiar dos entrevistados fica entre 0 e 02 salários mínimos em 11 famílias (73%), e entre 02 e 04 salários em apenas 01 família (7%), assim como acima de 4 salários mínimos (01 família e ou 7%) Duas famílias desconhecem a renda obtida mensalmente(13%).

A infra-estrutura usufruída pelas famílias é a seguinte: 12 famílias possuem água encanada (80%), 13 famílias possuem luz elétrica (86%) e 12 possuem recolhimento de esgoto (80%).

A procedência das famílias, é variada, sendo que 03 delas (20%) vieram de outras cidades, enquanto 10 famílias (67%) vieram de outro bairro e 02 famílias (13%) vieram da zona rural.

Quando questionados se pretendiam mudar-se do bairro, 10 famílias (67%) responderam que sim, enquanto 5 famílias (33%) responderam que não.

O relacionamento com os demais moradores é bom para as 15 famílias entrevistadas (100%).

Os maiores problemas apontados pelos moradores são: infra-estrutura, (resposta de 02 pessoas 13%), pavimentação das ruas, (resposta de 03 pessoas 20%), falta de ônibus, (resposta de 03 pessoas 20%), telefone comunitário, (resposta de 01 pessoa 8%), falta de escola, (resposta de 02 pessoas 13%), problemas sociais como roubo e drogas, (resposta de 02 pessoas 13%). Duas pessoas responderam que não existe problemas no bairro (13%).

Com relação ao morador que é procurado para resolver problemas pessoais ou do bairro, 01 morador declarou procurar o vizinho (7%), enquanto 14 outros declararam resolver sozinhos (93%).



Quanto à propriedade do terreno ocupado pelos moradores, 14 deles são de propriedade da Prefeitura Municipal (93%), enquanto 01 morador é proprietário do terreno (7%).

Quando perguntados se possuìam terreno em outro local, os 15 entrevistados responderam que não (100%).

Com relação a condições de adquirir terreno em outro local, ou material de construção, 03 pessoas responderam sim a ambas as perguntas (20%), enquanto 12 responderam que não a ambas as perguntas (80%).

4.2.2.2 Comentário comparativo da Favela Jardim Ivone.

O número de filhos por famílias diminuiu se compararmos os dados de 1991 com os de 1995, o que implica uma redução da população de faixa etária mais baixa.

O número de solteiros diminuiu, e o de casados e amasiados se manteve muito próximo ao já existente.

O número de analfabetos teve uma redução significativa, porém ainda é alto o número de pessoas com o primeiro grau incompleto, assim como os que possuem o primeiro grau completo. Houve uma queda drástica no número de crianças entre 07 e 14 anos que não estão matriculadas em escolas. No ano de 1995, nenhuma das famílias entrevistadas possuía em sua família crianças nessa faixa etária que não estivessem matriculadas.

Comparando as profissões executadas pela população em questão, nota-se que se mantém alto o número de desempregados (acima de 30% em ambas as datas), e o número de trabalhadores que executam serviços como bóia-fria (em torno de 10%).

A renda familiar continua muito baixa na maioria das famílias (acima de 50%).

As condições de vida, estreitamente relacionadas com a infra-estrutura disponível, melhoraram em todos os ítens pesquisados, tendo havido um aumento

significativo de casas com água encanada, luz elétrica e esgoto ou fossa asséptica. Das famílias pesquisadas em 1995, apenas 20%, não dispõem de serviços como os citados, enquanto que em 1991, entre 10 e 15% podiam contar com esses serviços.

Em 1991 havia um número maior de famílias procedentes da zona rural ou de outras cidades enquanto em 1995, a maioria das famílias veio de outros bairros da cidade.

A pretensão de mudar-se do bairro é maior em 1995 do que em 1991, já o relacionamento entre os moradores parece ter melhorado na medida em que 100% respondeu ser bom em 1995, contra 92% em 1991.

Os maiores problemas do bairro deixaram de ser os relacionados à infra-estrutura, estando como prioridade para os moradores atualmente a pavimentação da rua e o aumento de linhas de transporte urbano que beneficiem a região em questão.

A ausência de uma associação de moradores, leva a população a tentar resolver sozinha os problemas existentes. Esses procedimento são comuns em ambas as datas pesquisadas.

Nenhuma das famílias pesquisadas possui terreno em outro local em nenhuma das datas pesquisadas, mas atualmente algumas (3)possuem condições de adquirir terreno em outro local, e cresceu,de 1991 para 1995, o número de famílias com condições de adquirir material de construção e terreno.

4.2.3 Dados levantados pela SEPROCOM na Favela Jardim Nicéia no ano de 1991.

Tabela 67: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Nicéia no ano de 1991.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	7	44
2 a 4	6	33
4 a 6	1	6
mais de 6	1	6
outros parentes	2	11
total	18	100

Tabela 68: Faixa etária da população pesquisada na Favela Nicéia no ano de 1991.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	9	12
6 a 10	7	9
11 a 15	13	17
16 a 20	11	15
21 a 25	8	11
26 a 30	4	5
31 a 35	4	5
mais de 35	19	25
total	75	99

Tabela 69: Estado civil da população pesquisada na Favela Nicéia no ano de 1991.

estado civil	número de pessoas	%
casado	14	19
solteiro	46	61
amasiado	6	8
separado	4	5
viúvo	5	7
total	75	100

Tabela 70: Grau de instrução da população da Favela Nicéia no ano de 1991.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	10	13
1. grau incompleto	35	47
1. grau completo mobral	1	1
7 à 14 anos matriculados	9	12
7 à 14 não matriculados	9	12
menor de 7	11	15
total	75	100

Tabela 71: Profissões exercidas pela população da Favela Nicéia no ano de 1991.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais	0	0
ajudante de pedreiro	3	4
pedreiro	7	9
jardineiro	0	0
ajudante de cozinha	0	0
garçon	0	0
empregada doméstica	8	11
desempregado	18	24
outros	7	9
aposentados	3	4
bóia-fria	0	0
menor de 14 anos	29	39
total	75	100

Tabela 72: Renda familiar da população da Favela Nicéia no ano de 1991.

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	10	55
2 a 4 salários	6	33
mais de 4 salários	1	6
desconhece	1	6
total	18	100

Tabela 73: Infra-estrutura da Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de residências	%
água encanada	8	44
luz elétrica	11	61
fossa asséptica	14	78

Tabela 74: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de famílias	%
outra cidade	6	33
outro bairro	10	56
sítio/fazenda	2	11
total	18	100

Tabela 75: Pretensão dos moradores da Favela Nicéia no ano de 1991 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	3	17
não	15	83
total	18	100

Tabela 76: Relacionamento com os demais moradores da Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de pessoas	%
bom	18	100
regular	0	0
mau	0	0
total	18	100

Tabela 77: Maiores problemas da Favela Nicéia ano de 1991.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	15	32
pavimentação	4	9
ônibus	11	23
telefone comunitário	10	21
centro comunitário	1	2
escola	3	6
creche	3	6
roubos e drogas	0	0
não possui problemas	0	0
total	47	99

Tabela 78: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de pessoas	%
vizinhos	1	6
família	3	17
associação de moradores	3	17
resolve sozinho	11	60
total	18	100

Tabela 79: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	17	94
próprio	0	0
cedido	1	6
total	18	100

Tabela 80: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Nicéia no ano de 1991.

	número de famílias	%
sim	3	17
não	15	83
total	18	100

Tabela 81: Condições da população da Favela Nicéia de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	0	0
não	18	100
total	18	100

Tabela 82: Condições da população da Favela Nicéia, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	0	0
não	18	100
total	18	100

No ano de 1991, a favela em questão, era composta por 18 barracos e 75 pessoas entre adultos e crianças.

Segundo a Secretaria de Projetos Comunitários, com relação à composição familiar dos moradores da favela do Jardim Nicéia, 07 famílias possuem de 0 a 02 filhos (44%), 06 famílias possuem de 02 à 04 filhos (33%) apenas 01 família possui entre 04 e 06 filhos (5%) , o mesmo se repetindo para famílias com mais de 06 filhos (5%). O número de famílias que abriga em seu domicílio agregados e parentes é 02, representando 11%.

Quanto à faixa etária, há predominância de crianças e adolescentes, sendo que entre 0 e 05 anos, o número de crianças é 09, representando 12%, entre 06 e 10 anos é 07, num total de 9%, entre 11 e 15 anos, 13, ou 17%, entre 16 e 20 anos é 11 ou 15%, entre 21 e 25 anos é 08, ou 11%, entre 26 e 30 anos é 04, ou 5% e entre 31 e 35 é 04 ou 5%. Acima de 35 anos o número de pessoas é 19, ou 25%.

Devido a este grande número de crianças e adolescentes, a maioria dos moradores possui estado civíl de solteiro(46 pessoas ou 19%), havendo também um número razoável de pessoas casadas (14 ou 19%). Os amasiados são em número de 06, ou 8%, e o de separados 04, ou 5%, os viúvos são 05, ou 7%.

Quanto ao grau de instrução, 35 moradores (47%) não concluíram o primeiro grau, 10 são analfabetos (13%), 9 crianças de 7 a 14 anos frequentam escolas (12%) e 09 crianças de 07 a 14 anos não frequentam escolas (12%) por encontrarem dificuldades quanto à distância e não possuírem condições de utilizarem ônibus. Apenas 01 pessoa possui o primeiro grau completo (1%).

Com relação à profissão exercida pela população, 03 pessoas são ajudantes de pedreiro (4%), 07 são pedreiros (9%), 08 são empregadas domésticas (11%), 18 estão desempregados (24%), 07 exercem trabalhos esporádicos e variados (9%), 03 são aposentados (4%), e 29 são menores de 14 anos (39%).

A renda que predomina na favela é de 0 à 2 salários, sendo esta a renda de 10 famílias (55%), enquanto 06 famílias recebem entre 02 e 04 salários mínimos (33%). Apenas 01 recebe mais de 04 salários mínimos (6%), e uma desconhece sua renda (6%).

Dentre os 18 barracos existentes na favela, 08 possuem água encanada (44%), enquanto 10 não possuem (56%), 11 possuem luz elétrica (61%) enquanto 07 não possuem (39%) e 14 possuem fossa asséptica (78%), enquanto 04 não possuem (22%).

A maioria dos moradores da favela são provenientes de outros bairros (10 famílias ou 56%). Somente 06 famílias vieram de outra cidade (33%), e 02 famílias vieram da zona rural (11%).

Apenas 03 famílias estão pretendendo se mudar (17%), e as demais (15, famílias ou 83%) não pretendem sair do bairro, alegando não possuírem condições sócio-econômicas para aquisição de casa ou construção de barraco em outro bairro.

Entre os moradores residentes na favela existe um bom relacionamento, não havendo nenhum tipo de briga ou problemas de roubo entre eles, como revelaram 100% dos entrevistados.



De acordo com os quadros demonstrativos, pode-se observar que os maiores problemas do bairro são, falta de infra-estrutura como água, luz e fossa (resposta de 15 pessoas,32%), de pavimentação nas ruas, (resposta de 04 pessoas, 9%) de ônibus, (11 pessoas, 23%), de telefone, (10 pessoas, 21%) de centro comunitário (01 pessoa, 2%), escola (3 pessoas, 6%),e de creche, (3 pessoas, 6%).

Segundo os moradores, eles próprios na maioria das vezes, resolvem seus problemas particulares (11 pessoas, ou 61% respondeu assim). São poucos os que procuram vizinhos(01 pessoa, ou 6%) e parentes (03 pessoas, ou 17%). A associação de moradores é procurada por (03 pessoas, ou 17%).

Dos 18 domicílios entrevistados, 17 estão situados em terrenos de propriedade da Prefeitura (94%). Apenas 01 é cedido (6%).

Devido ao baixo poder aquisitivo das famílias, somente 03 delas possuem terrenos (17%), e 15 não possuem (83%).

A totalidade de entrevistados deixou claro a falta de recursos para adquirir terreno ou material de construção (100%).

4.2.3.1 Dados obtidos na Favela Jardim Nicéia em 1995.

Tabela 83: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Nicéia, no ano de 1995.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	7	47
2 a 4	3	20
4 a 6	1	7
mais de 6	0	0
outros parentes	4	26
total	15	100

Tabela 84: Faixa etária da população pesquisada na Favela Nicéia no ano de 1995.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	14	23
6 a 10	8	13
11 à 15	6	10
16 a 20	3	5
21 a 25	10	16
26 a 30	7	11
31 a 35	4	6
mais de 35	10	16
total	62	100

Tabela 85: Estado civil da população pesquisada na Favela Nicéia no ano de 1995.

estado civil	número de pessoas	%
casado	11	18
solteiro	37	60
amasiado	12	19
separado	2	3
viúvo	0	0
total	62	100

Tabela 86: Grau de instrução da população da Favela Nicéia no ano de 1995.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	7	11
1. grau incompleto	27	44
1. grau completo	1	2
mobral	0	0
7 à 14 anos matriculados	7	11
7 à 14 não matriculados	2	3
menor de 7	18	29
total	62	100

Tabela 87: Profissões exercidas pela população da Favela Nicéia no ano de 1995.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais	0	0
ajudante de pedreiro	2	3
pedreiro	2	3
jardineiro	0	0
ajudante de cozinha	0	0
garçon	0	0
empregada doméstica	8	13
desempregado	12	19
outros	10	16
aposentados	3	5
bóia-fria	0	0
menor de 14 anos	25	40
total	62	100

Tabela 88: Renda familiar da população da Favela Nicéia no ano de 1995.

renda familiar	número de pessoas	%
0 a 2 salários	10	66
2 a 4 salários	5	33
mais de 4 salários	0	0
desconhece	0	0
total	15	100

Tabela 89: Infra-estrutura da Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de residências	%
água encanada	15	100
luz elétrica	15	100
fossa asséptica	15	100

Tabela 90: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de famílias	%
outra cidade	10	66
outro bairro	5	33
sítio/fazenda	0	0
total	15	100

Tabela 91: Pretensão dos moradores da Favela Nicéia no ano de 1995 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	9	60
não	6	40
total	15	100

Tabela 92: Relacionamento com os demais moradores da Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de pessoas	%
bom	11	73
regular	3	20
mau	1	7
total	15	100

Tabela 93: Maiores problemas da Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	7	23
pavimentação	5	16
ônibus	8	26
telefone comunitário	4	13
centro comunitário	1	3
escola	3	10
creche	1	3
roubos e drogas	1	3
não possui problemas	1	3
total	31	100

Tabela 94: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de pessoas	%
vizinhos	5	33
família	0	0
associação de moradores	4	27
resolve sozinho	6	40
total	15	100

Tabela 95: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	9	60
próprio	1	7
cedido	5	33
total	15	100

Tabela 96: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Nicéia no ano de 1995.

	número de famílias	%
sim	0	0
não	15	100
total	15	100

Tabela 97: Condições da população da Favela Nicéia de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Tabela 98: condições da população da Favela Nicéia, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Foram entrevistadas 15 famílias, num total de 62 pessoas.

Com relação à composição familiar, 7 famílias, ou 47% , possuem entre 0 e 02 filhos. Outras 3 famílias, 20%, possuem entre 2 e 4 filhos. Apenas uma família possui entre 4 e 6 filhos, e nenhuma possui mais de 6. O número de famílias que abrigam agregados é 4, o que representa 26%.

A faixa etária dos componentes familiares está distribuída da seguinte forma:

A maioria da população está contida na faixa etária que vai de 0 a 5 anos, num total de 14 pessoas, que representam 23% da população. Entre 06 e 10 anos, somam 8 pessoas, que correspondem a 13% da população. Entre 11 e 15 anos são em número de 6 ou 10%. Entre 16 e 20 anos apenas 3 pessoas ou 5%. Entre 21 e 25 anos são 10 pessoas ou 16%. Entre 26 e 30 anos são 7 pessoas ou 11%.. Entre 31 e 35 anos são 4 pessoas ou 6%. Com mais de 35 anos são 10 pessoas ou 16%.

Com relação ao estado civil, 11 pessoas são casadas (18%) os solteiros são em maioria de 37 (60%) os amasiados são 12 (19%), e os separados 2 (3%).

Em relação ao grau de instrução, 7 são analfabetos (11%), 27 possuem o primeiro grau incompleto (44%) Apenas 1 pessoa possui o primeiro grau completo (2%). Crianças matriculadas de 7 a 14 anos são 7 (11%),crianças não matriculadas de 7 a 14 anos são 2 ou (3%), e menores de 7 anos são em 18 (29%).

Com relação à profissão, 02 são ajudantes de pedreiro (3%),02 são pedreiros (3%), 8 são domésticas (13%), 12 estão desempregados (19%), 10 exercem empregos temporários (16%), e 3 são aposentados (5%). Os menores de 14 anos são em 25(40%).

Com relação à renda familiar, 10 famílias recebem entre 0 e 02 salários mínimos(67%) e 5 famílias recebem entre 02 e 04 salários mínimos (33%).

Com relação à infra-estrutura, 100% das residências entrevistadas possuem água encanada, luz elétrica e fossa asséptica.

Com relação à residência anterior, 10 famílias (67%) vieram de outra cidade, enquanto 5 famílias (33%) vieram de outros bairros.

Quando perguntados se pretendiam se mudar do bairro, 9 entrevistados (60%) disseram que sim, enquanto 6 (40%) responderam que não.



A maioria dos moradores (11) respondeu que o relacionamento com os demais moradores é bom (73%). Apenas 3 responderam que o relacionamento é regular (20%), e somente 1 disse ser mau (7%).

Quando perguntados sobre os maiores problemas do bairro, 7 moradores (23%) responderam ser a infra-estrutura, 5 responderam ser a ausência de pavimentação (16%), 8 responderam ser a falta de ônibus circulares (26%), 4 responderam ser a falta de telefones comunitários (13%), 1 morador respondeu ser a falta de um centro comunitário (3%), 3 responderam ser a falta de escolas próximas (10%), 1 respondeu ser a falta de creches, 1 respondeu que os problemas sociais, como drogas (3%), e 1 respondeu não haver problemas.

Para resolver problemas das mais diversas variedades, 5 moradores (33%) procuram por vizinhos, 4 procuram a associação de moradores (27%), e 6 resolvem sozinhos (40%).

Quanto à propriedade do terreno, 8 (60%) são da prefeitura, 1 é próprio (7%), e 5 são cedidos (33%).

Nenhum dos moradores possui terreno em outro local.

Apenas 20% possuem condições de adquirir terreno ou material de construção, enquanto 80% não possuem.

4.2.3.2 Comentário comparativo da Favela Jardim Nicéia.

Comparando-se os dados recolhidos das 18 famílias entrevistadas em 1991 com os dados recolhidos das 15 famílias entrevistadas em 1995, nota-se a tendência de uma diminuição no número de filhos por família, e o aumento de parentes e agregados residindo no mesmo domicílio.

Com relação à faixa etária, enquanto em 1991 a maior concentração era entre 11 e 20 anos, em 1995 está entre 0 e 10 anos. Houve também uma sensível diminuição na faixa etária superior a 35 anos.

Com relação ao estado civil, os solteiros permanecem como grande maioria em ambos os levantamentos, o que é justificado pelas faixas etárias predominantes. Cresceu de 1991 para 1995 o número de amasiados .

Com relação ao grau de instrução dos pesquisados, permanece alto o número de analfabetos (acima de 10%), assim como o de semi analfabetos, já que em ambos os levantamentos o número de pessoas com o primeiro grau incompleto fica acima 40% - tanto em 1991, como em 1995.

O número de pessoas que concluíram o primeiro grau não ultrapassa 1% em nenhum dos dois levantamentos.

O número de crianças não matriculadas nas escolas diminuiu.

Com relação à profissão exercida pela população pesquisada, nota-se o aumento do emprego temporário e não qualificado. O número de desempregados se manteve alto (acima de 20%) em ambos os casos O gráfico de número x mostra que o número de empregos domésticos se manteve em torno de 10%.

A renda familiar dos entrevistados em 1991 e em 1995 demonstra pouca melhoria, permanecendo a maioria das famílias com uma renda mensal entre 0 e 02 salários mínimos. De 1991, para 1995, diminuiu o número de famílias com renda superior a superior a 04 salários mínimos e aumentou o número de famílias com renda entre 0 e 02 salários.

Com relação à infra-estrutura, houve uma melhora sensível. Enquanto em 1991 benefícios como água encanada, luz elétrica e fossa asséptica ou esgotos não atingiam a totalidade dos moradores, que em 1995 total as residências são beneficiadas com esta infra-estrutura.

Com relação à procedência das famílias moradoras na favela em questão, cresceu em 30% o número de famílias provenientes de outras cidades, e diminuiu o número de moradores que vieram de outros bairros. Não foi entrevistado em 1995, nenhum morador que tenha vindo da zona rural, o que representou uma queda em relação a 1991.



Quando perguntados se gostariam de mudar-se do bairro em questão, nota-se uma verdadeira inversão, entre 1991 e 1995. Percebe-se que em 1991 a grande maioria não gostaria de mudar-se, já em 1995 a situação é inversa, ou seja, a maioria gostaria de mudar-se.

O relacionamento entre moradores sofreu alterações substanciais. Se em 1991 não havia problemas entre moradores e a totalidade deles classificou como bom o convívio existente, em 1995 boa parcela já qualifica como regular o relacionamento e outros como mau.

Os maiores problemas apontados pelos moradores em 1991 eram infra-estrutura, ônibus e telefone. Já em 1995 estes são: ônibus, pavimentação e telefone.

Em 1991, a maioria dos moradores resolvia sozinho o seu problema cotidiano, sendo observado o mesmo procedimento em 1995 . Em contrapartida, a família deixou de ser requisitada e a procura pela associação de moradores e vizinhos cresceu.

Em 1991, todos os terrenos ocupados com exceção de 1 eram propriedade da Prefeitura Municipal, enquanto em 1995 o número de terrenos cedidos aumentou em 30%.

Em 1991, 16% dos moradores possuíam terreno em outro local, porém não possuíam condições de adquirir materiais de construção. Em 1995, apesar de 20% dos entrevistados possuírem condições de adquirir terreno ou material de construção, nenhum possuía propriedade em outro local.

4.2.4 Dados obtidos na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

Tabela 99: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	6	40
2 a 4	3	20
4 a 6	1	7
mais de 6	2	13
outros parentes	3	20
total	15	100

Tabela 100: Faixa etária da população pesquisada na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	18	25
6 a 10	8	11
11 a 15	11	15
16 a 20	6	8
21 a 25	3	4
26 a 30	10	14
31 a 35	4	6
mais de 35	11	15
total	71	99

Tabela 101: Estado civil da população pesquisada na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

estado civil	número de pessoas	%
casado	14	20
solteiro	45	63
amasiado	10	14
separado	1	1
viúvo	1	1
total	71	99

Tabela 102: Grau de instrução da população da Ffavela Ferradura Mirim no ano de 1995.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	3	4
1. grau incompleto	30	42
1. grau completo	3	4
mobral	0	0
7 a 14 anos matriculados	14	20
7 a 14 não matriculados	0	0
menor de 7	21	30
total	71	100

Tabela 103: Profissões exercidas pela população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais	1	1
ajudante de pedreiro	0	0
pedreiro	3	4
jardineiro	0	0
ajudante de cozinha	0	0
garçon	0	0
empregada doméstica	4	6
desempregado	20	28
outros	7	10
aposentados	2	3
bóia-fria	2	3
menor de 14 anos	32	45
total	71	100

Tabela 104: Renda familiar da população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

renda familiar	número de pessoas	%
0 à 2 salários	13	87
2 à 4 salários	2	13
mais de 4 salários	0	0
desconhece	0	0
total	15	100

Tabela 105: Infra-estrutura da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de residências	%
água encanada	6	40
luz elétrica	6	40
fossa asséptica		40

Tabela 106: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de famílias	%
outra cidade	12	80
outro bairro	3	20
sítio/fazenda	0	0
total	15	100

Tabela 107: Pretensão dos moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Tabela 108: Relacionamento com os demais moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de pessoas	%
bom	14	93
regular	1	7
mau	0	0
total	15	100

Tabela 109: Maiores problemas da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	12	8
pavimentação	1	7
ônibus	0	0
telefone comunitário	0	0
centro comunitário	0	0
escola	0	0
creche	0	0
roubos e drogas	2	13
não possui problemas	0	0
total	15	100

Tabela 110: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de pessoas	%
vizinhos	8	53
família	1	7
associação de moradores	0	0
resolve sozinho	6	40
total	15	100

Tabela 111: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	13	87
próprio	0	0
cedido	2	13
total	15	100

Tabela 112: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Ferradura Mirim no ano de 1995.

	número de famílias	%
sim	1	13
não	14	87
total	15	100

Tabela 113: Condições da população da Favela Ferradura Mirim de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	2	13
não	13	87
total	15	100

Tabela 114: Condições da população da Favela Ferradura Mirim, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	1	7
não	14	93
total	15	100

Das 15 famílias pesquisadas, num total de 71 pessoas, os dados obtidos foram os seguintes:

Com relação à composição familiar, 06 famílias, ou 40%, possuem de 0 a 02 filhos, 03 famílias possuem de 02 a 04 filhos (20%), 01 família possui de 04 a 06 filhos (7%), 02 famílias possuem mais de 06 filhos (13%), e 03 famílias possuem em seu domicílio parentes e agregados morando juntos (20%).

A faixa etária está dividida da seguinte forma: 18 pessoas (25%), possuem de 0 à 05 anos, 08 pessoas possuem de 06 a 10 nos (11%), 11 pessoas possuem de 11 a 15 anos (15%), 06 pessoas possuem de 16 a 20 anos (8%), 03 pessoas possuem de 21 a 25 anos (4%), 10 pessoas possuem de 26 a 30 anos (14%), 04 pessoas possuem de 31 a 35 anos (6%), e 11 pessoas estão acima de 35 anos (15%).

Em relação ao estado civil da população em questão, 14 pessoas são casadas(20%), 46 pessoas são solteiras (64%), 10 pessoas são amasiadas (14%), 01 pessoa é separada(1%) e 01 pessoa é viúva (1%).

Quanto ao grau de instrução da população em questão, 03 pessoas são analfabetas(4%), 30 pessoas possuem o primeiro grau incompleto (42%) e apenas 01 pessoa possui o primeiro grau completo (4%). As crianças entre 07 e 14 anos matriculadas em escolas são em número de 14 ou 20%, não havendo nenhuma que dentro dessa faixa etária não esteja matriculada. Os menores de 07 anos são em número de 21 ou 30%.

Com relação à profissão exercida pelos entrevistados, 01 pessoas exerce serviços gerais (1%), enquanto 03 são pedreiros (4%) e 04 domésticas (6%). O número de desempregados é de 20 pessoas, ou 28%, os que exercem serviços esporádicos e variados são 07 ou 10%, os aposentados são 02 pessoas, ou 3%, bóias- frias são 02 pessoas, ou 3% e menores de 14 anos são 32 pessoas ou 45%.

A renda familiar está dividida da seguinte forma: 13 famílias recebem entre 0 e 02 salários mínimos, enquanto 02 famílias recebem entre 02 e 04 salários mínimos.

Quanto à infra-estrutura do bairro, 60% dos domicílios não possuem água encanada, luz elétrica ou fossa asséptica, num total de 09 domicílios. Enquanto os 40% restantes usufruem os ítens acima citados.



A maioria das famílias entrevistadas é proveniente de outra cidade (12 famílias, ou 80%). Enquanto as 03 restantes vieram de outros bairros de Bauru (20%).

Quando questionadas se pretendiam mudar-se daquele local, 03 famílias (20%) responderam que sim, enquanto 12 famílias (80%) responderam que não.

O relacionamento com os demais moradores é considerado bom por 14 famílias ou 93% dos moradores, enquanto apenas 01 morador considera o relacionamento regular (7%).

Os maiores problemas do bairro, citados pelos moradores são: em primeiro lugar a ausência de infra-estrutura, como responderam 12 entrevistados (80%), em segundo lugar, problemas sociais, como roubo e drogas, e em terceiro lugar, ausência de pavimentação das ruas como respondeu 01 morador (7%).

O morador procurado para resolver problemas pessoais e do bairro, é o vizinho em 53% dos casos (como responderam 08 moradores), a família, de acordo com 7% dos moradores (como respondeu 01 morador) e os demais 40% resolvem (sózinhos como 06 moradores responderam).

Quanto à propriedade do terreno, apenas 02 são cedidos por proprietários para famílias que lá se fixaram (13%). A grande maioria, 13 domicílios ou 87%, é de propriedade da Prefeitura Municipal de Bauru.

Quando perguntados se possuíam terreno em outro local, apenas 01 morador respondeu que sim (7%), enquanto 14 responderam não (93%).

Apenas 02 moradores disseram possuir condições de adquirir terreno em outro local (13%), enquanto 13 (87%), responderam não possuir condições.

No que se referia a condições de adquirir materiais de construção, 01 morador respondeu que sim (7%), e os demais que não (93%).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.2.4.1 Comentário da Favela Ferradura Mirim.

A favela em questão, não possui dados anteriores que possam ser comparados com os recolhidos no ano de 1995, porém é notadamente a que possui as piores condições de vida para a população. Com características semelhantes às demais favelas pesquisadas, possui uma população com grau de escolaridade baixo, alta taxa de desemprego e de empregos sem especialidades, renda familiar mais baixa que de todas as outras favelas pesquisadas, e apenas 40% das casas pesquisadas com serviços de infra-estrutura como água, luz elétrica e esgoto. A procedência das famílias é em grande maioria das cidades próximas, sendo também a maior incidência dessa proveniência entre todas as favelas pesquisadas. A população demostra pouco interesse em mudar-se daquele local como percebe-se por 80% ter respondido não quando perguntado sobre essa questão.

O relacionamento com os demais moradores segue a tendência das demais favelas e essa, por ser das mais recentes e com o maior crescimento nos últimos anos, aponta como maiores problemas os que se referem à infra-estrutura.

Destoando das demais favelas, o vizinho é o morador mais procurado para resolver os problemas de ordem pessoal ou do bairro.

Os terrenos são em grande maioria da prefeitura municipal, havendo poucos casos (2) de terrenos cedidos.

Por terem uma renda mensal muito baixa, é compreensível que tão poucos moradores possuam condições de adquirir terreno ou material de construção.



4.2.5 Dados obtidos na Favela Parque São João no ano de 1995.

Tabela 115: Número de filhos que compõem as famílias pesquisadas na Favela Parque São João no ano de 1995.

número de filhos	número de famílias	%
0 a 2	6	40
2 a 4	2	13
4 a 6	3	20
mais de 6	3	20
outros parentes	1	7
total	15	100

Tabela 116: Faixa etária da população pesquisada na Favela Parque São João no ano de 1995.

faixa etária	número de pessoas	%
0 a 5	26	27
6 a 10	15	16
11 a 15	13	14
16 a 20	11	12
21 a 25	9	9
26 a 30	5	5
31 a 35	6	6
mais de 35	10	11
total	95	100

Tabela 117: Estado civil da população pesquisada na Favela Parque São João no ano de 1995.

estado civil	número de pessoas	%
casado	6	19
solteiro	66	61
amasiado	20	8
separado	2	5
viúvo	1	7
total	95	100

Tabela 118: Grau de instrução da população da Favela parque São João no ano de 1995.

grau de instrução	número de pessoas	%
analfabetos	19	20
1. grau incompleto	28	29
1. grau completo	0	0
mobral	0	0
7 a 14 anos matriculados	13	14
7 a 14 não matriculados	6	6
menor de 7	29	31
total	62	100

Tabela 119: Profissões exercidas pela população da Favela Parque São João no ano de 1995.

profissão	número de pessoas	%
serviços gerais	0	0
ajudante de pedreiro	3	3
pedreiro	5	5
jardineiro	1	1
ajudante de cozinha	0	0
garçon	5	5
empregada doméstica	28	29
desempregado	5	5
outros	0	0
aposentados	0	0
bóia-fria	0	0
menor de 14 anos	48	51
total	95	100

Tabela 120: Renda familiar da população da Favela Parque São João no ano de 1995.

renda familiar	número de pessoas	%
0 à 2 salários	8	53
2 à 4 salários	6	40
mais de 4 salários	1	7
desconhece	0	0
total	15	100

N.º 583
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

Tabela 121: Infra-estrutura da Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de residências	%
água encanada	8	53
luz elétrica	6	40
fossa asséptica	1	7

Tabela 122: Procedência das famílias que estavam instaladas na Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de famílias	%
outra cidade	6	40
outro bairro	6	40
sítio/fazenda	3	20
total	15	100

Tabela 123: Pretensão dos moradores da Favela Parque São João no ano de 1995 de se mudarem daquele local.

	número de pessoas	%
sim	13	87
não	2	13
total	15	100

Tabela 124: Relacionamento com os demais moradores da Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de pessoas	%
bom	13	87
regular	2	13
mau	0	0
total	15	100

Tabela 125: Maiores problemas da Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de pessoas	%
infra-estrutura	9	60
pavimentação	2	13
ônibus	0	0
telefone comunitário	0	0
centro comunitário	0	0
escola	0	0
creche	0	0
roubos e drogas	2	13
não possui problemas	2	13
total	15	99

Tabela 126: Morador procurado para resolver problemas do bairro ou pessoais na Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de pessoas	%
vizinhos	7	47
família	1	6
associação de moradores	0	0
resolve sozinho	7	47
total	15	100

Tabela 127: Propriedade do terreno ocupado pelos moradores da Favela Parque São João no ano de 1995.

	número de pessoas	%
Prefeitura Municipal	15	100
próprio	0	0
cedido	0	0
total	15	100

Tabela 128: Propriedade de terrenos em outro local pela população da Favela Parque São João 1995.

	número de famílias	%
sim	1	7
não	14	93
total	15	100

Tabela 129: Condições da população da Favela Parque São João de adquirir um terreno em outro local.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Tabela 130: Condições da população da Favela Parque São João, de adquirir material de construção.

	número de famílias	%
sim	3	20
não	12	80
total	15	100

Esta favela não existia no ano de 1991, foi escolhida para fazer parte da pesquisa por ter tido um crescimento por demais acentuado nos anos de 1993, 1994 e 1995. Nela foram entrevistadas 15 famílias, num total de 95 pessoas.

Com relação à composição familiar, 06 famílias possuem de 0 a 02 filhos (40%), 02 famílias possuem de 02 a 04 filhos (13%), 03 famílias possuem de 04 a 06 filhos (20%), 03 famílias possuem mais de 06 filhos (20%) e 01 família abriga parentes e agregados em seu domicílio (17%).

Quanto à faixa etária das pessoas que compõem a população em questão, 26 estão com idade entre 0 e 05 anos (27%), 15 pessoas têm entre 06 e 10 anos (16%), 13 pessoas têm entre 11 e 15 anos (12%), 09 pessoas têm entre 21 e 25 anos (9%), 05 pessoas têm entre 26 e 30 anos (5%), 06 pessoas têm entre 31 e 35 anos (6%), e 10 pessoas estão acima de 35 anos (11%).

Quanto ao estado civil a população é predominantemente constituída por solteiros, em número de 66 pessoas (69%). Os casados são em número de 06 (6%), os amasiados são 20 (21%), os separados são 02 ou (2%), e apenas 01 morador é viúvo (1%).

Quanto ao grau de instrução, os analfabetos são 19 (20%), os que possuem primeiro grau incompleto são 28 ou 29%, nenhum morador possui o primeiro grau completo. As crianças entre 7 e 14 anos matriculadas em escolas são 13 (14%), e as da mesma faixa etária não matriculadas são 06 (6%). Menores de 07 anos são 29 (31%).

As profissões mais exercidas pela população são: ajudante de pedreiro, (03 pessoas ou 3%), pedreiro (05 pessoas ou 5%), jardineiro (01 pessoa ou 1%), empregada doméstica (05 pessoas ou 5%). O número de desempregados é 28, ou 28%. Um total de 05 pessoas executam serviços esporádicos e variados(5%), e 48 são menores de 14 anos.

A renda familiar predominante é a que vai de 0 à 02 salários mínimos, englobando 08 famílias num total de 53%. Das demais famílias, 06 possuem renda entre 02 e 04 salários mínimos(40%), enquanto apenas 01 família possui renda superior a 04 salários mínimos (7%).

Quanto à infra-estrutura do bairro, 11 famílias (73%), recebem água encanada, enquanto 04 não recebem (27%).Em 14 domicílios encontra-se luz elétrica (93%), enquanto 01 não recebe (7%). E, em relação ao escoamento de detritos domésticos, 10 famílias despejam em fossas assépticas (67%), enquanto 05 famílias (33%) despejam a céu aberto.

Com relação à procedência das famílias pesquisadas, 06 famílias (40%), vieram de outra cidade, 06 famílias (40%) vieram de outro bairro, e 03 famílias vieram da zona rural (20%).

Quando perguntados se pretendiam mudar-se do local em questão, 13 famílias responderam que sim (87%) enquanto 02 famílias responderam não (13%).

O relacionamento com os demais moradores é bom para 13 famílias (87%) e regular para 02 famílias (13%).

Os maiores problemas do bairro, de acordo com os entrevistados são: ausência de infra-estrutura, como responderam 09 pessoas (60%), falta de pavimentação nas ruas, como responderam 02 pessoas (13%), problemas sociais como roubo e drogas, como responderam 02 pessoas (13%). 02 pessoas responderam que não há problemas.

O morador mais procurado para resolver problemas pessoais e do bairro são: vizinho (resposta de 07 pessoas e, portanto, 47%). A própria família (resposta de 01 morador, ou 7%) . Outros resolvem sozinhos (07 pessoas ou 47%).

Quanto a propriedade do terreno, 100% dos lotes ocupados são da Prefeitura.

Apenas 01 dos moradores possui terreno em outro local (7%), enquanto 14 (93%) não possuem terreno em outro local (93%).

Dos entrevistados, 04 possuem condições de adquirir um lote próprio (27%), enquanto 11 responderam não possuir condições (73%).

Os números são semelhantes no que diz respeito à aquisição de materiais de construção: 03 responderam que podem comprar (20%), enquanto 12 responderam que não podem comprar (80%).

4.2.5.1 Comentário da Favela Parque São João.

Essa favela tem sua formação em data recente, não possuindo levantamentos anteriores que possibilitem comparação, sua composição familiar é semelhante às demais porém chama a atenção o número de analfabetos, que é o maior entre todas as favelas pesquisadas, assim como o número de crianças entre 07 e 14 anos fora da escola.

O número de desempregados é o segundo mais alto, só perdendo para a favela jardim Ivone, em compensação, sua renda familiar é das mais altas.

A infra-estrutura é precária, e só perde para afavela Ferradura Mirim, este fato se explica pela recente ocupação da favela e falta de mobilização através de uma associação.

A procedência das famílias é equilibrada entre outra cidade e outro bairro.

A maioria da população não tem intenção de mudar-se, e o relacionamento é, para a grande maioria bom.

Os maiores problemas do bairro são relacionados à infra-estrutura, fato que se explica também pela formação recente.

Os terrenos são em maioria da Prefeitura municipal , com poucos moradores em condições de adquirir propriedade ou material de construção.

4.3 Comentário Geral sobre as Favelas pesquisadas.

A composição familiar sofreu modificações de 1991 a 1995, já que se nos detivermos a observar o número de filhos por família, notaremos que houve uma queda no mesmo (Anexo 15).

As faixas etárias que acumulam maior número de pessoas são as distribuídas entre 0 e 20 anos, e esse quadro se manteve constante em ambas as datas de realização de pesquisas. Vale observar que as favelas Jardim Ivone e Nicéia possuíam, em 1991,

taxa acima de 20% na faixa etária que abrangia pessoas com idade superior a 35 anos. Porém, no ano de 1995 essa porcentagem caiu, equiparando-se as demais (Anexo 16).

Os dados sobre o estado civil da população demostram um elevado número de solteiros, o que se justifica-se ao verificarmos a faixa etária predominante. É alto também o número de amasiados, porém, no geral, o número de casados é maior. O número de separados não ultrapassa 7% e o de viúvos, também baixo, se mostra ligeiramente superior nas favelas Jardim Ivone e Nicéia devido à idade mais avançada de parte da população dessas favelas (Anexo 17).

É predominante o número de pessoas com o primeiro grau incompleto, contra um número ínfimo de pessoas que concluíram o primeiro grau. Alto também é o número de analfabetos, que apesar de ter diminuído de 1991 a 1995 nas favelas pesquisadas em ambas as datas, permanece alto, ocorrendo o mesmo em relação a crianças entre 7 e 14 anos não matriculadas em escolas (Anexo 18).

O número de desempregados é o mais alto dos ítens referentes a empregos exercidos pela população em ambas as datas pesquisadas, tendo se mantido entre 15% e 35%.. É elevado também o número de pessoas que realizam serviços esporádicos, sem remuneração fixa. As demais funções exercidas pela população pesquisada,não exigem especialização ou grau de instrução elevado.

A renda familiar predominante é a que atinge no máximo 02 salários mínimos, sendo reduzido o número de famílias que dispõem de uma renda superior a esta (Anexo 19).

O saneamento básico, assim como energia elétrica, não foram estendidos a uma parcela considerável dessa população, e vale ressaltar que as favelas mais antigas usufruem hoje maior número de domicílios com estes serviços. Quanto mais recentes as favelas, menor o número de domicílios que podem contar com água, fossa asséptica ou esgoto e luz elétrica (Anexo 20).

Com relação à procedência das famílias, a maioria deslocou-se de um bairro de Bauru para a favela, sendo ligeiramente inferior o número de pessoas que se deslocaram de outra cidade para Bauru e vieram instalar-se na favela. Já o número de

unesp

pessoas que se deslocaram da zona rural para a favela é substancialmente inferior aos demais (Anexo 21).

Quando perguntados se pretendiam mudar-se daquele bairro, a maioria respondeu que não (Anexo 22).

Em questão que avaliava o relacionamento entre os moradores, a maioria dos questionados respondeu que era bom (Anexo 23).

Com relação aos maiores problemas do bairro, os mais citados foram os relacionados a infra-estrutura, principalmente nas favelas de formação mais recente, como a favela parque São João e Ferradura Mirim. O segundo problema mais citado é a falta de pavimentação das ruas, seguido de falta de transporte coletivo (Anexo 24).

Os moradores das favelas pesquisadas responderam na maioria das vezes que resolvem sozinhos os seus problemas, sendo os vizinhos pessoas também procuradas diante de dificuldades. A família ou associação de moradores foram pouco citadas (Anexo 25).

A grande maioria dos terrenos ocupados é de propriedade da Prefeitura Municipal de Bauru (Anexo 26).

A maioria predominante dos questionados não possui terreno em outro local, condições de adquirir terreno ou material de construção (Anexos 27, 28).

V. CONCLUSÕES.

A população das favelas pesquisadas é constituída de pessoas que vieram em grande maioria de outros bairros ou outras cidades, e encontraram no espaço da favela a possibilidade de se manteram no município de Bauru. Devido ao baixo grau de instrução, os empregos disponíveis para essa população são mal remunerados, o que acarreta uma renda disponível para ser gasta com habitação próxima ao irrisório.

O único espaço possível de ser ocupado com a finalidade de habitar para os que possuem uma renda escassa é a favela, tanto em Bauru como no resto do país.

A reprodução dessa realidade se faz verdade quando notamos um número alto de crianças que, vivendo na favela ingressa mais cedo no mercado de trabalho e abandona os estudos. A recessão na qual se encontra o país expulsa cada vez mais os moradores de bairros e cidades por não oferecerem no local de origem condições para manutenção de seu sustento.

unesp

VI. BIBLIOGRAFIA.

ABRAMIDES, S. H., SANTOS, W. G., COIMBRA, M. A. **Política social e combate a pobreza** . 2 ed . Rio de Janeiro : zahar , 1989 .

ANDRADE, R. C. **Política e Pobreza no Brasil**. In: Nova: Revista de Cultura e Política. nº 19 , 107 - 21, nov. , 1989 .

ÁVILA, F. B. **Desafio da pobreza.** In: Debates sociais, v. 17, nº 33, 1981 apud NOGUEIRA, M. V. L. **Uma representação conceitual da pobreza**. Serv. Social e Doc., v . 12 , n 36 , p . 101 -13 , ago . 1991

BACHELARD, G., **La formation de L esprit scientifique**. 8 ed. Paris, J. Vrin, 1972 .

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial. 1990**. São Paulo Fundação Getúlio Vargas , 1990

BASTOS, I. **A ocupação natural, jurisdicional e religiosa do sertão de Bauru**. Dissertação de mestrado Bauru 1994.

BASTOS, I, SOARES, F, CONSTANTINO, N. T. e NASCIMENTO, A. F. J. **Impácto do processo erosivo em áreas urbanas surbanas: Estudo de caso da bossoroca situada na favela Jardim Ivone,Bauru SãoPaulo,** Rio Claro, 1993.

BAURU, Lei Orgânica do Município. São Paulo, **1990.**

CAMPOS FILHO, Cândido Malta.1986.apud SOARES et al . **Espaços Urbanos Ocupados Pela População de Baixa**.São Paulo Eco Urbs 1994.

CARTER.Ch., **La richesse**. Paris Stock, 1970 (Wealth. C.A. Watts, (1968).

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** Editora Ática S. A . São Paulo, 1989.

CORRÊA. R. L. - **Espaço Urbano**. São Paulo. Brasiliense 1975

CORTAZAR, R. **Necessidades básicas y extrema pobreza**. in: Oficina Internacional del trabajo. Investigaciones sobre empleto. Santiago do Chile, Kosmos.

CÚPULA DE COMPENHAGEM - **Reunião da ONU para o desenvolvimento social.** In: Revista Problemas do 3° Mundo São Paulo. Abril 1995.

DEMO, P. **Pobreza Política**. São Paulo: Cortez, 1988.

FALCÃO, M. C. **O estatuto da criança e do adolescente e a política de assistência social** .In: Cadernos Populares. n° 9, janeiro. 1992. (no prelo)

FORUM NACIONAL, **A questão social no Brasil**. São Paulo. Nobel. 1991.

FRANCO, R. **Pobreza, necessidade básica y desarollo**. Santiago: Cepal / Ilpes / Unicef, 1982 .

FORUM NACIONAL, **A questão social no Brasil**. São Paulo. Nobel. 1991.

GALBRAITH, J. K. **The affluent society.** New York, Houghton Mifflin, 1969.

GOHN, M. G. **Conflitualidade e tensões no centro de São Paulo** In: espaços e debates. número 17, ano VI, 1986.

GORENDER, J. **A Burguesia brasileira**. São Paulo. Brasiliense 1981. 5ª edição .

GRACIANO M. I. e WADA G. N. M. P. **Pobresa: conceito e indicadores sociais**. Serviço Social Real, Franca. 1993. POLÍCIA MILTAR, Artigo publicado dia 03 de setembro de 1995.Jornal da cidade,Bauru, São Paulo.

LANDIM Y GOYA, P.C.. **Percepção e conservação do patrimônio ambiental urbano: A cidade de Bauru**. Dissertação de mestrado, Rio Claro, São Paulo, 1994.

LEWIS, O. **The possessions of the poor** . Scientific American: 113 124, oct . 1969 .

KOWARIC, L. **Capitalismo e marginalidade na América Latina.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

MAGNANI, J. G. Cantor.In: **Os espaços do centro** in espaços e debates. n. 17, ano VI, 1986.

MARX, M. **Cidade brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MOORE, W. E., **Social change**. New Jersey, Prentice Hall, 1963 .

MONBEIG, J. P.. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo Hucitec-Polis, 1984

MOREIRA, R. **Arranjo Epacial e Formação sócio-Espacial**.Ed Ática.São Paulo, 1985

NOGUEIRA, M. V. L. **Uma representação conceitual da pobreza**.In: Serv. Social Soc. v. 12 nº 36. p. 101 - 13 ago 1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU, **Plano Diretor do Município de Bauru, proposta, 1992, mimeo.**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, **Plano Regional de Bauru, São Paulo, Paulo.Ed. Vida Nova, 1981 Sec. do Interior.**

POLÍCIA MILTAR, Artigo publicado dia 03 de setembro de 1995.Jornal da cidade , Bauru, São Paulo.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo. Brasiliense 1971.

RIBEIRO E PECHMAN(1985) apud SOARES et al .**Espaços Urbanos Ocupados Pela População de Baixa Renda**.São Paulo, Eco Urbs 1994.

RODRIGUES, A. M. MORADIAS NAS CIDADES BRASILEIRAS.Ed. Contexto, São Paulo, 1989.

SACHS, I. **Espaço tempos e estratégias do desenvolvimento**. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, M. **Espaço dividido**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. **Pensando o espaço do homem** . Ed. Hucitec, São Paulo, 1982. **Metamorfoses do espaço habitado**. Ed. Hucitec, São Paulo, 1988. SANTOS, M.**Pobreza Urbana**, 2 ed. São Paulo, Hucitec,1990.

SCHMIDIT, B. e FARRET, R. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Jorge Zarar Editor, 1986. SEBES-Secretaria do Bem Estar Social do Município de Bauru.**FAVELAS: UMA REALIDADE EM BAURU.** BAURU, 1991.

SOARES, F. **Um estudo de caso da crise urbana numa cidade de porte médio: A favela Jardim Ivone na cidade de Bauru, São Paulo**. Cuiabá, 1993.

SPOSATTI A. O. **Assistência social e combate a pobreza**, in: Vida urbana e gestão da pobreza. São Paulo: Cortez, 1988. p. 19-57

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. Trad. Lívia de Oliveira, São Paulo Difel, 1983.

TAUBE, M. J. M. **De migrantes a favelados, estudo de um processo migratório.**Campinas editora da UNICAMP 1986.

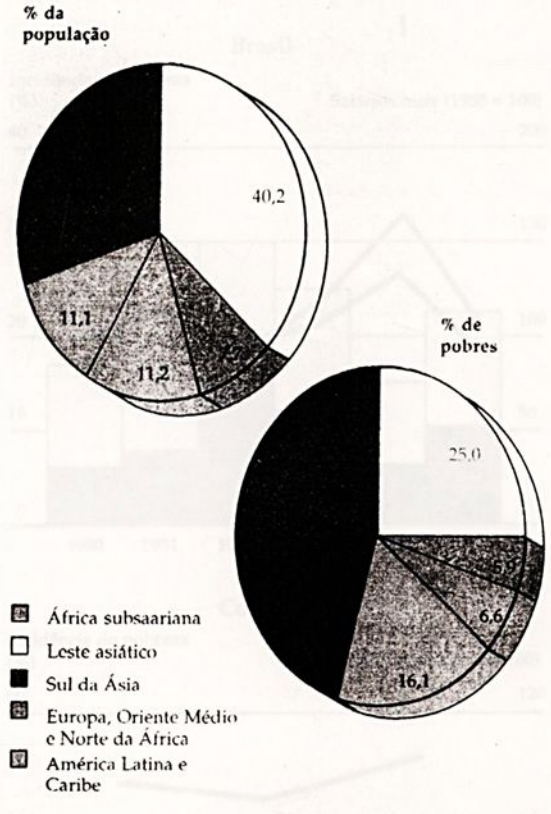
VERVIER J. H. e VIEIRA, G. **Bauru na década de 80: Indicadores econômicos de curto prazo**. Mimesis Bauru, 1991.

VIZENTINI P . G . F **.Os liberais e a crise da República Velha.** São Paulo, Brasiliense 1983

ANEXOS

Anexo (01)

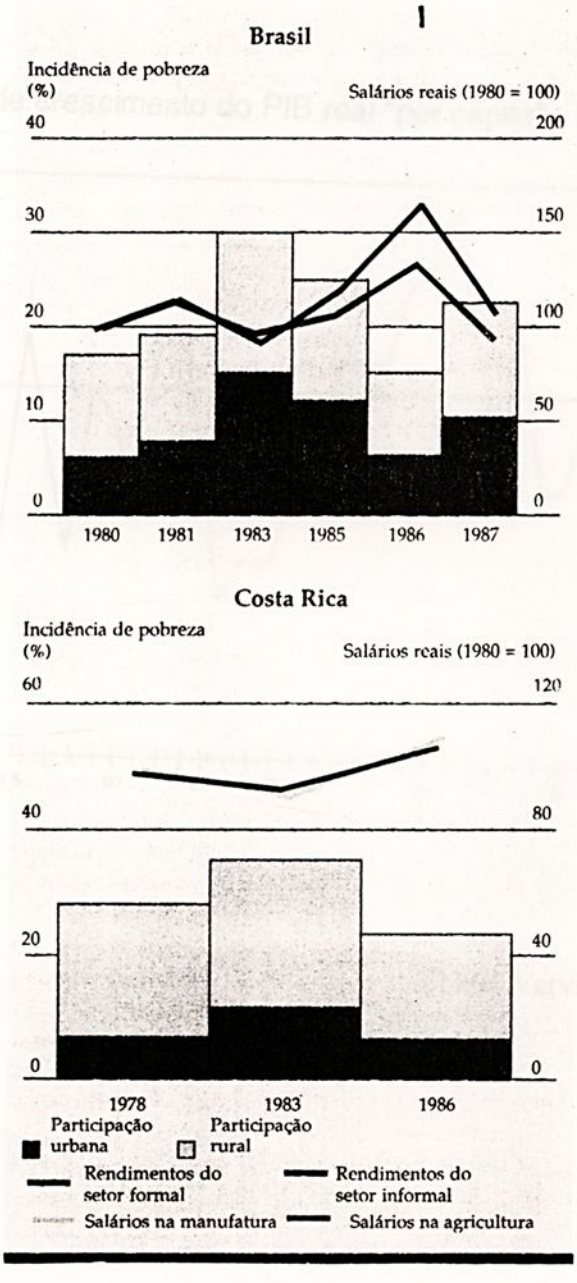
Figura 1 População e pobreza no mundo em desenvolvimento, 1985



Fonte: Banco Mundial(1990 pag.02)

Anexo (2)

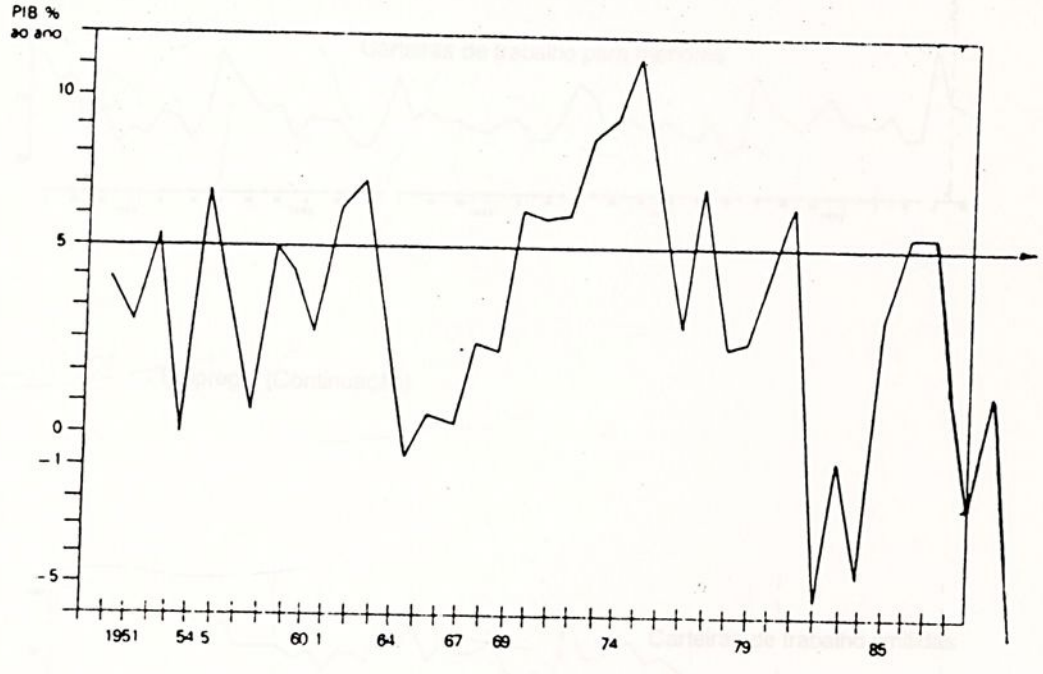
Figura 7.3 Pobreza e salários no Brasil e em Costa Rica



Banco Mundial (1990 pag. 116)

Anexo (3)

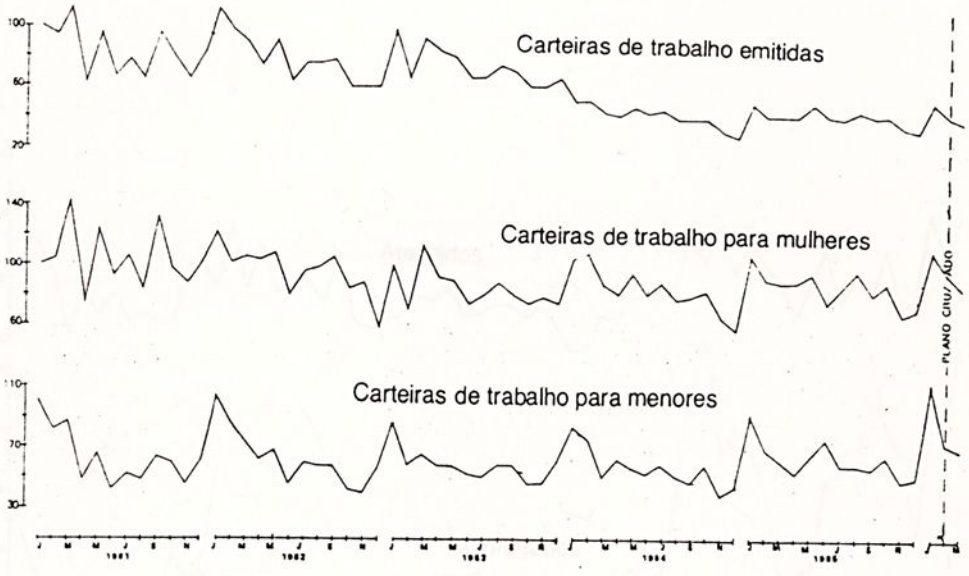
Taxa de crescimento do PIB real "per capita"



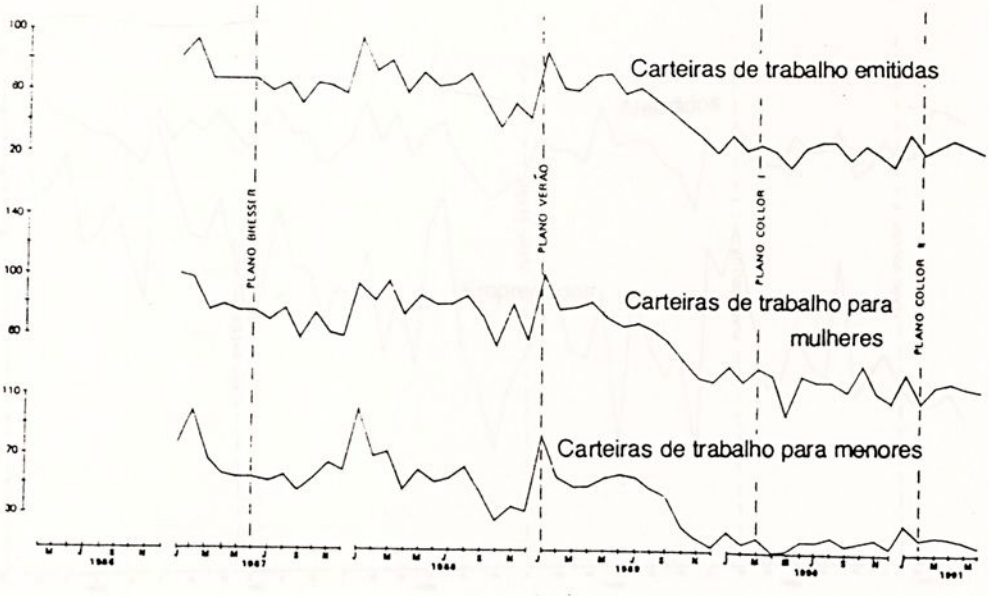
Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 19)

Anexo (4)

- Emprego



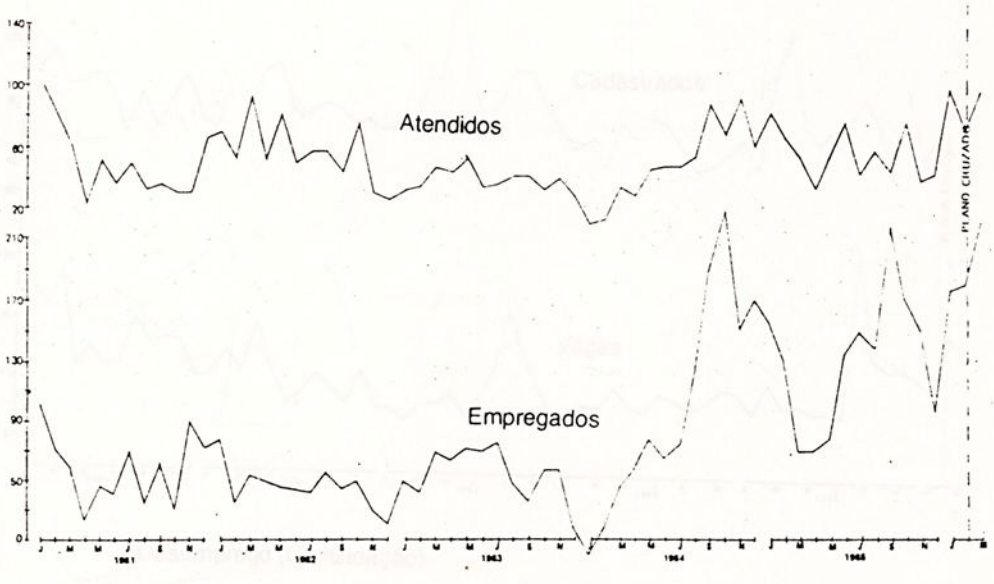
- Emprego (Continuação)



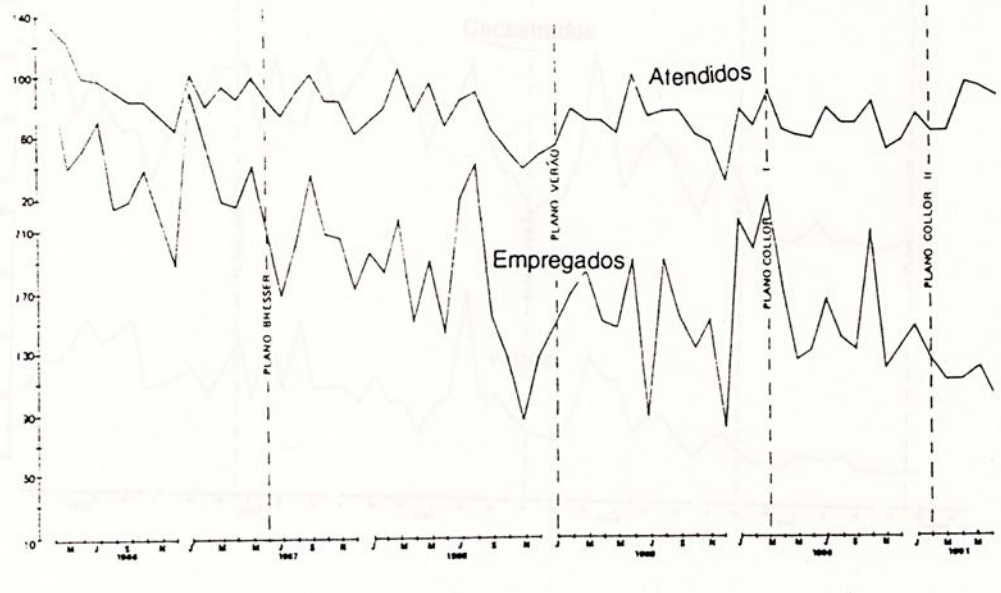
Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 23 e 24)

Anexo (5)

- Desemprego



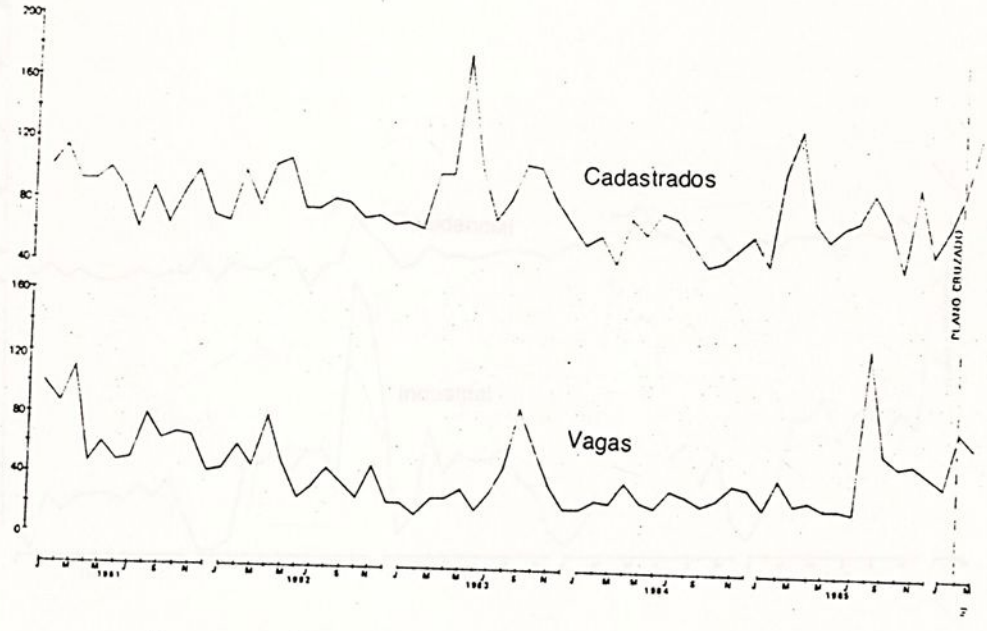
- Desemprego (Continuação)



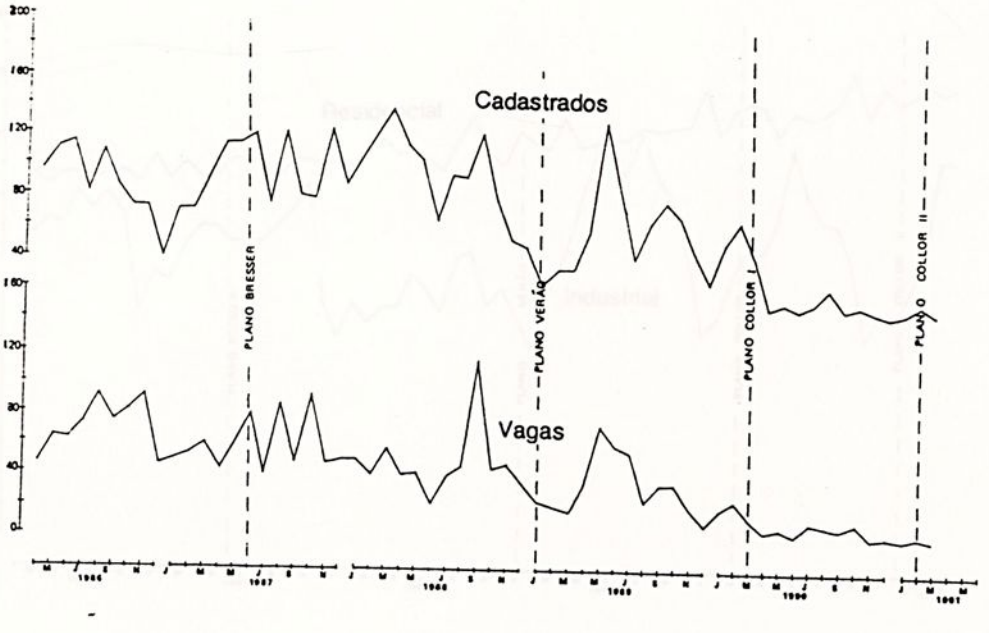
Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 25 e 26)

Anexo (6)

4 - Desemprego



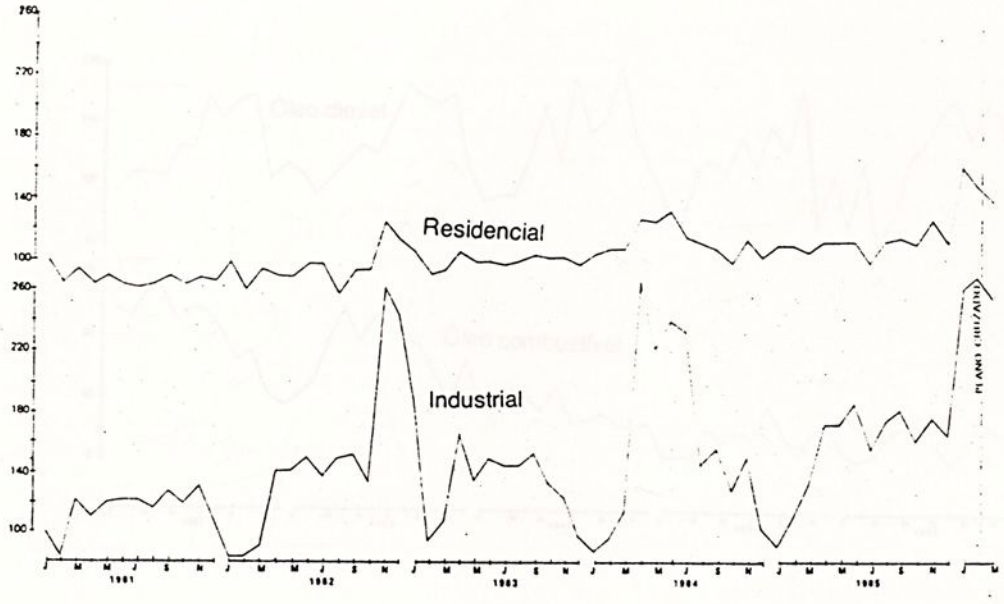
- Desemprego (Continuação)



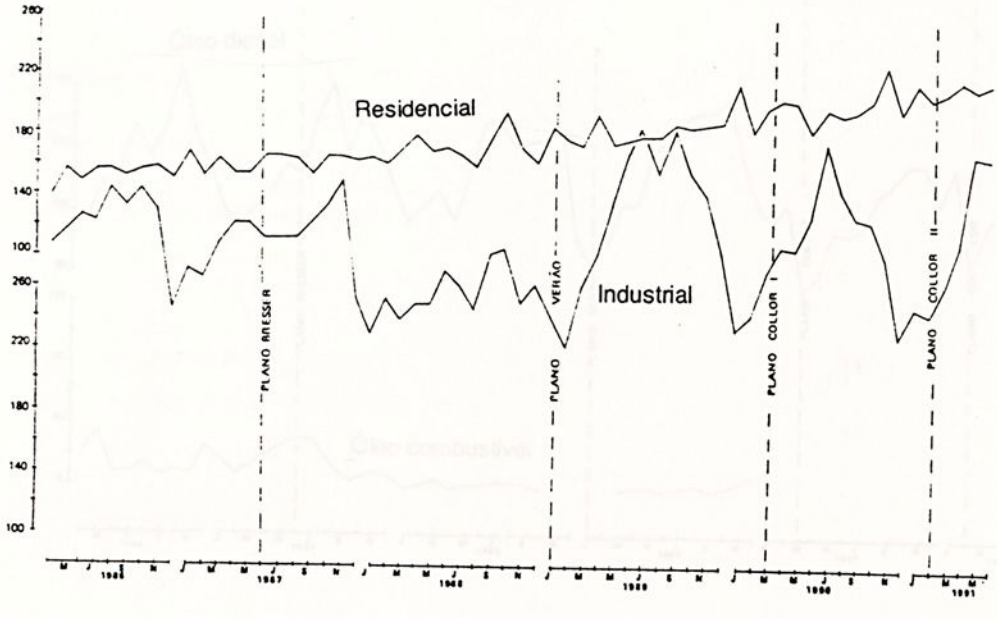
Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 26 e 27)

Anexo (7)

- Consumo de energia elétrica.



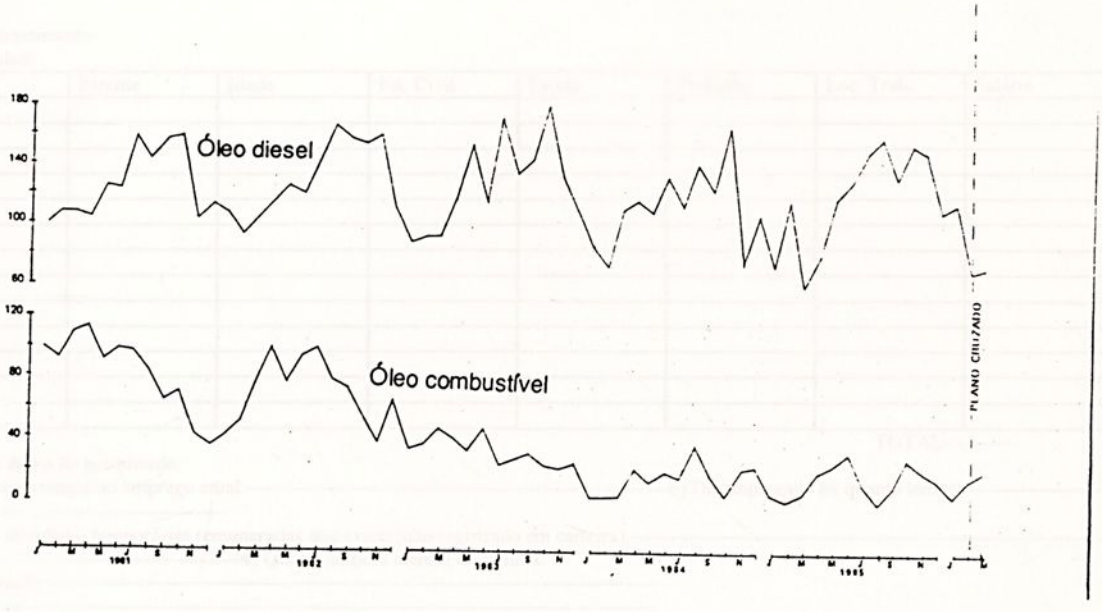
- Consumo de energia elétrica (Continuação)



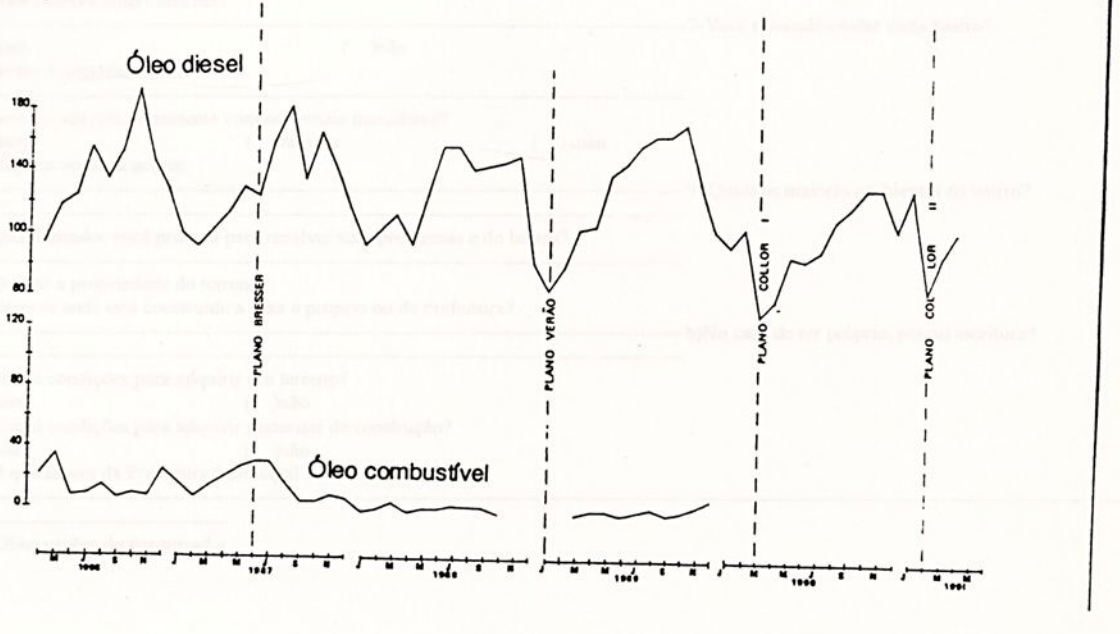
Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 41 e 42)

Anexo(8)

- Consumo de derivados de petróleo.



- Consumo de derivados de petróleo (Continuação)



Fonte: Vervier e Vieira (1991 pag. 43 e 44)

Anexo (9)

FORMULÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS EM FAVELAS

1- Identificação do pesquisado:

nome:

end:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Nome	Parente	Idade	Est. Civil	Escola	Profissão	Loc. Trab.	Salário

TOTAL----------

3-Outros dados do pesquisado:

a) Há quanto tempo no emprego atual:----------b) Desempregado há quanto tempo:----------

c)Outras atividades temporárias remuneradas que exerce(não registrado em carteira):----------4) Qual a despesa mensal da família:

a)alimentação:----------

b)água:----------

c)luz elétrica:----------d)farmácia:----------

e)transporte:----------f)prestações:----------

g)outros:----------

INFRA-ESTRUTURA DO BAIRRO

a) possui água encanada?----------b)possui energia elétrica?----------

c)possui fossa asséptica?----------d)outros melhoramentos?----------

6- Onde morava anteriormente?

R:----------7-Você pretende mudar deste bairro?

( )sim ( )não

justifique a resposta acima:

8-como é o seu relacionamento com os demais moradores?

( )bom ( ) regular ( ) mau

justifique a resposta acima:

----------9- Quais os maiores problemas do bairro?

10-Qual morador você procura para resolver seus problemas e do bairro?

11-Quanto a propriedade do terreno?

a)O terreno onde está construido a casa é próprio ou da Prefeitura?

----------b)No caso de ser próprio, possui escritura?

12-Possui condições para adquirir um terreno?

( )sim ( )não

13-Possui condições para adquirir materiais de construção?

( ) sim ( )não

14-O que espera da Prefeitura Municipal de Bauru?

15- Observações do pesquisador



FIGURA 4:

MAPA EVOLUTIVO DA CIDADE DE BAURU.

Fonte: LEVANTAMENTO SISTEMATICO DO PATRIMONIO AMBIENTAL URBANO DA CIDADE DE BAURU.

Desenho: Euclides Aparecido Ribeiro

Fonte: Landim y Goya (1994 pag. 51)

Anexo (11)

SECRETARIA MUNICIPAL DO BEM ESTAR SOCIAL

LEVANTAMENTO DE DADOS EM FAVELAS

FAVELAS	Nº BARRACOS		NºaPESSOAS	
	Abril/92	Abril/93	Abril/92	Abril/93
Jardim Samburá	38	27	156	95
Jardim Nicéia	51	80	174	357
Jardim Vitória	50	45	207	186
Jardim Ivone	50	66	207	275
Vi. São Manoel	151	146	638	624
Parque Real	06	07	20	30
V.Stª Filomena/Prudencia.	31	34	145	156
Jardim Andorfato	34	35	136	179
Vila Garcia	156	150	659	735
Jd. Maria Célia	88	76	298	314
Jd.Gerson França/Marize	45	42	196	202
Jd. Flórida	101	93	453	455
Parque Jaraguá	209	225	944	1.005
Parque São João	21	20	99	130
Vila Zillo	-	37	-	167
Pq.Ferradura Mirim	-	27	-	108
TOTAIS	1.031	1.110	4.332	5.018

Fonte: Secretaria Municipal do Bem Estar Social do Município de Bauru SP.

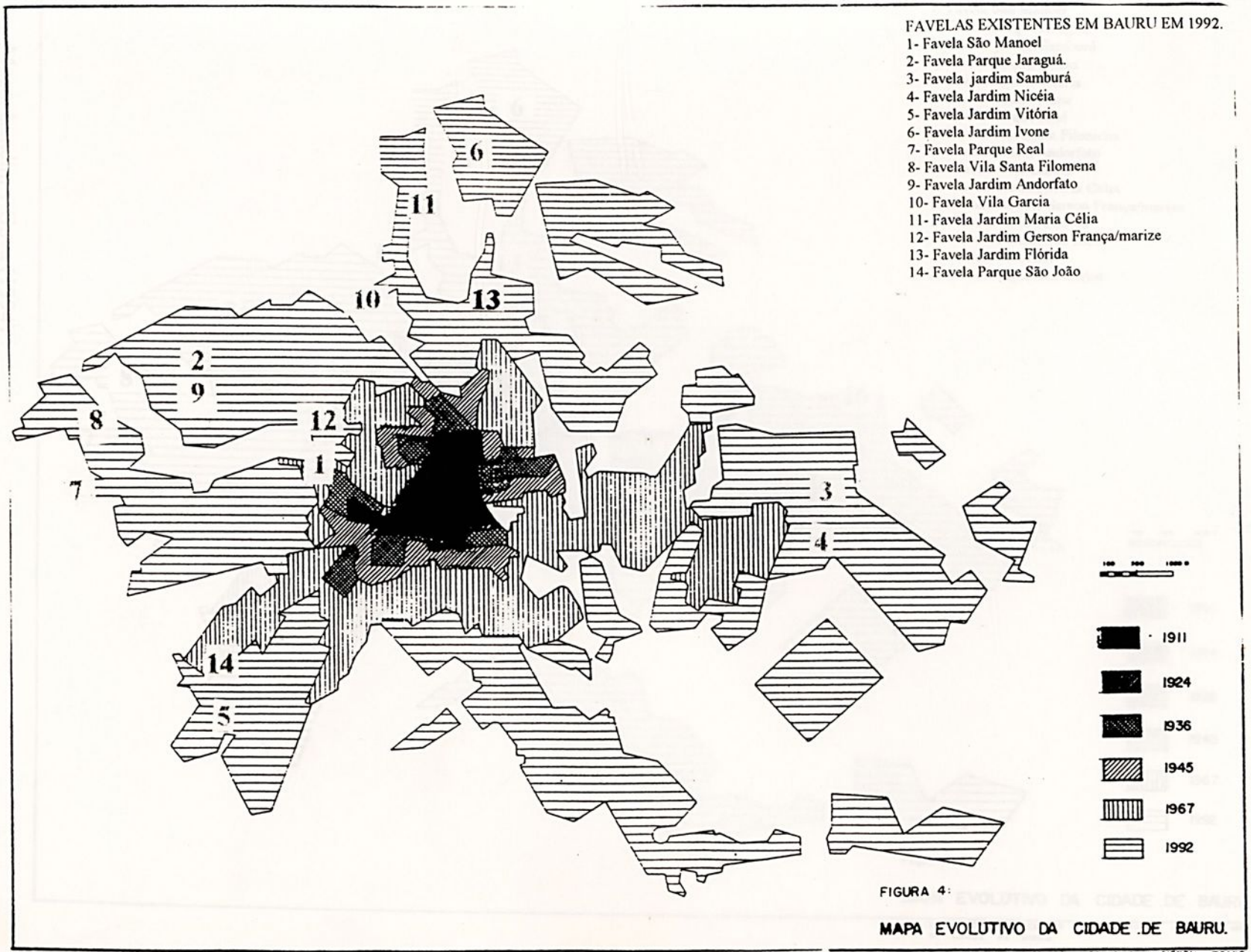


FIGURA 4:

MAPA EVOLUTIVO DA CIDADE DE BAURU.

Fonte: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO DA CIDADE DE BAURU

Mapa: Landim y Goya (1994)
Demarcação das favelas: Secretaria de Planejamento da Prefeitura do Município de Bauru.

FAVELAS EXISTENTES EM BAURU EM 1993.

1- Favela São Manoel
2- Favela Parque Jaraguá.
3- Favela jardim Samburá
4- Favela Jardim Nicéia
5- Favela Jardim Vitória
6- Favela Jardim Ivone
7- Favela Parque Real
8- Favela Vila Santa Filomena
9- Favela Jardim Andorfato
10- Favela Vila Garcia
11- Favela Jardim Maria Célia
12- Favela Jardim Gerson França/marize
13- Favela Jardim Flórida
14- Favela Parque São João
15- Favela Vila Zillo
16- Favela Ferradura Mirim

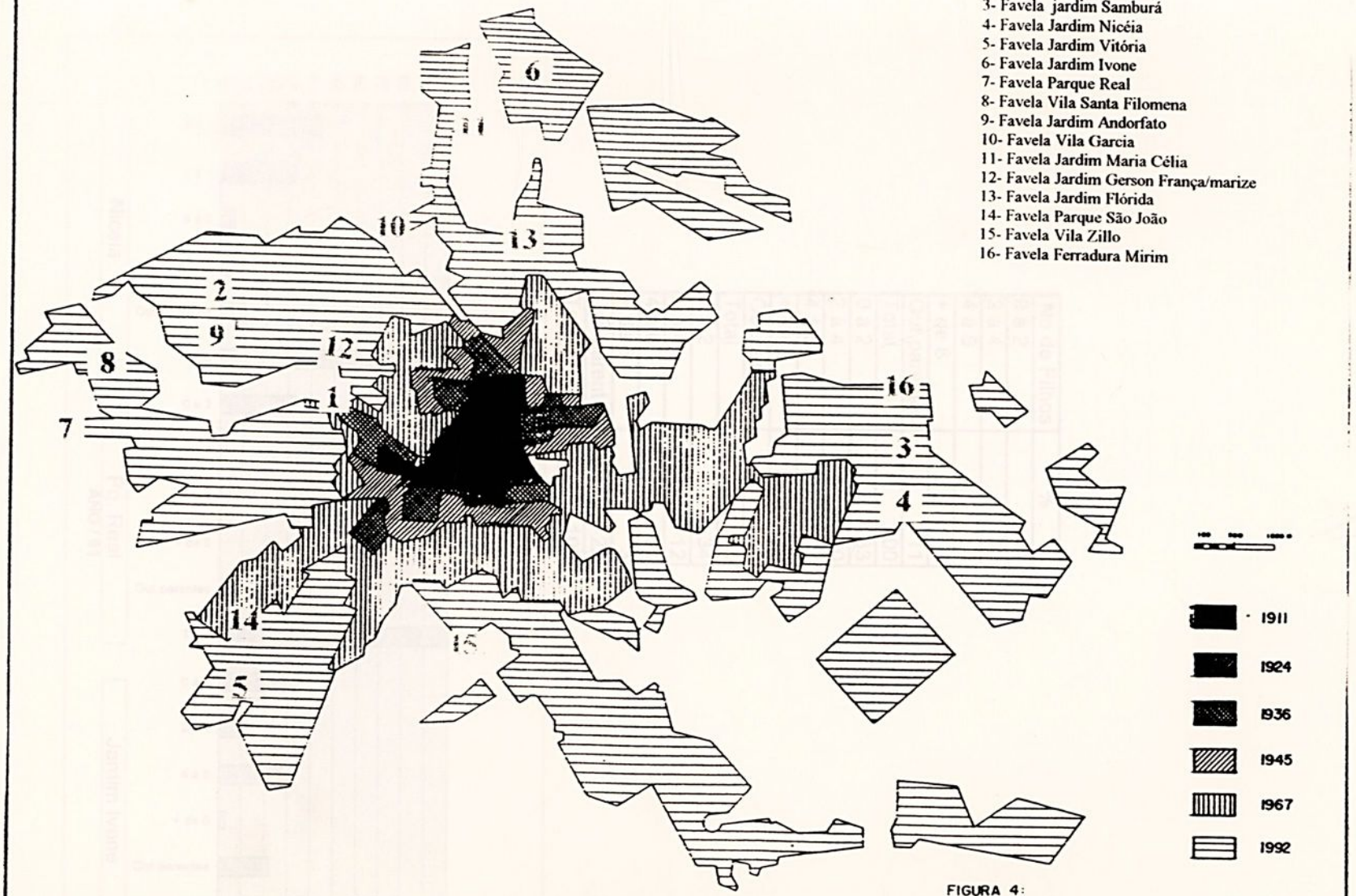


FIGURA 4:

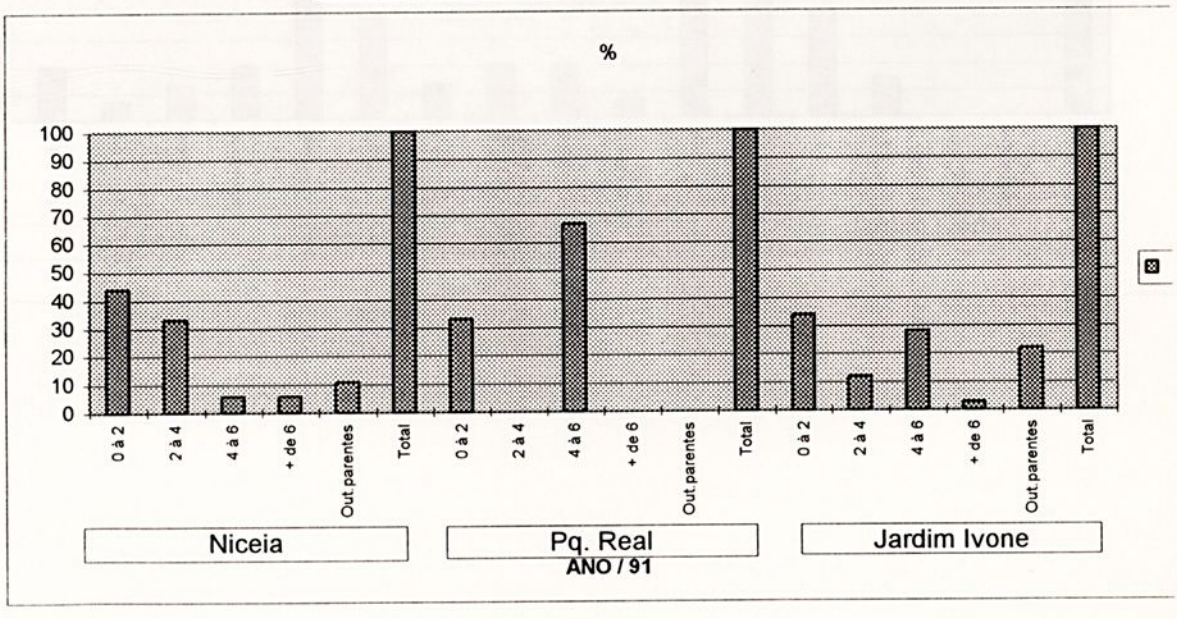
MAPA EVOLUTIVO DA CIDADE DE BAURU.

Fonte: LEVANTAMENTO SISTEMATICO DO PATRIMONIO AMBIENTAL URBANO DA CIDADE DE BAURU.

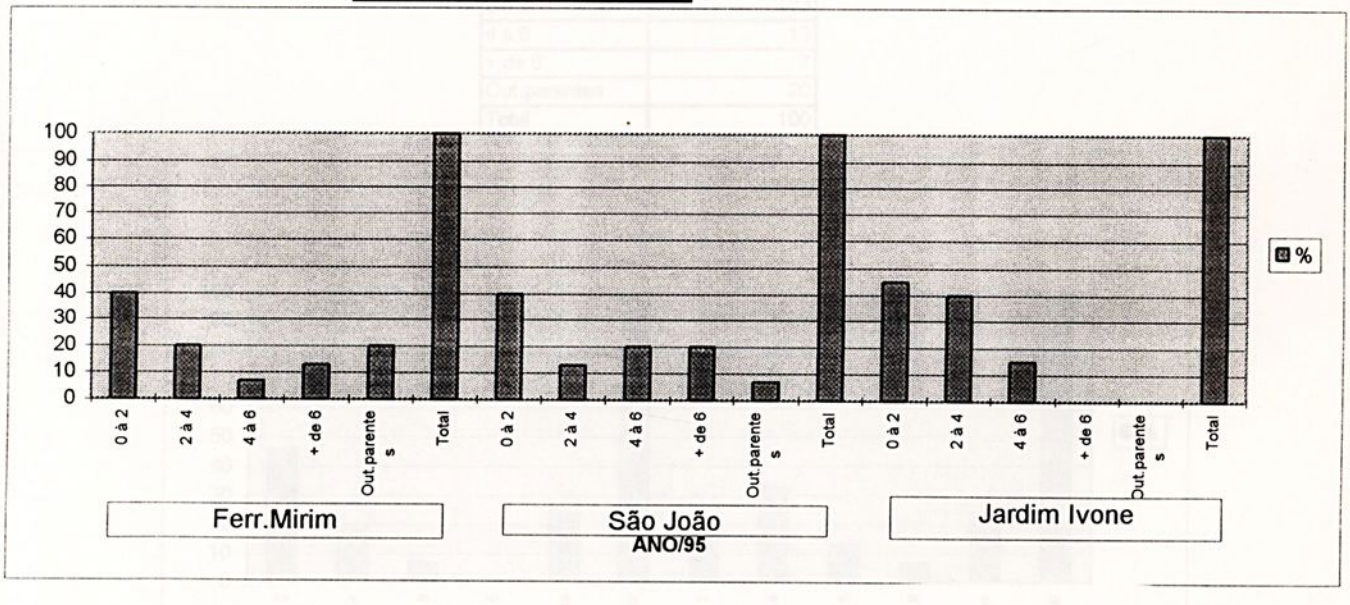
Mapa: Landim y Goya (1994)
Demarcação das favelas: Secretaria de Planejamento da Prefeitura do Município de Bauru.

Figuras referentes à Composição familiar das favelas pesquisadas nos anos de 1991 e 1995.

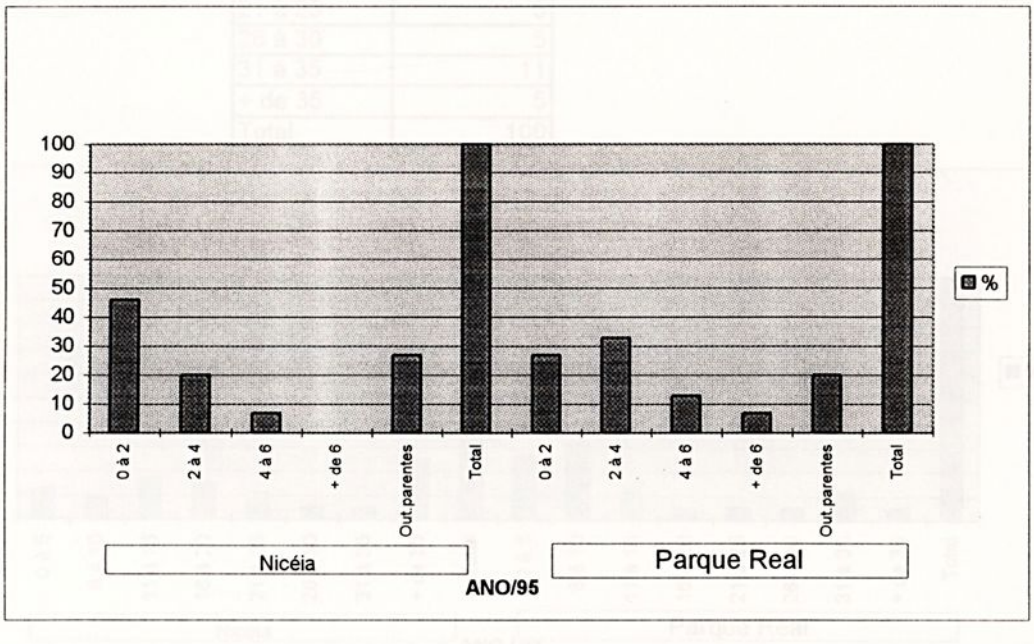
No de Filhos	%
0 à 2	44
2 à 4	33
4 à 6	6
+ de 6	6
Out.parentes	11
Total	100
0 à 2	33
2 à 4	0
4 à 6	67
+ de 6	0
Out.parentes	0
Total	100
0 à 2	34
2 à 4	12
4 à 6	28
+ de 6	3
Out.parentes	22
Total	100



N.Filhos	%
0 à 2	40
2 à 4	20
4 à 6	7
+ de 6	13
Out.parentes	20
Total	100
0 à 2	40
2 à 4	13
4 à 6	20
+ de 6	20
Out.parentes	7
Total	100
0 à 2	45
2 à 4	40
4 à 6	15
+ de 6	0
Out.parentes	
Total	100



No de Filhos	%
0 à 2	46
2 à 4	20
4 à 6	7
+ de 6	0
Out.parentes	27
Total	100
0 à 2	27
2 à 4	33
4 à 6	13
+ de 6	7
Out.parentes	20
Total	100

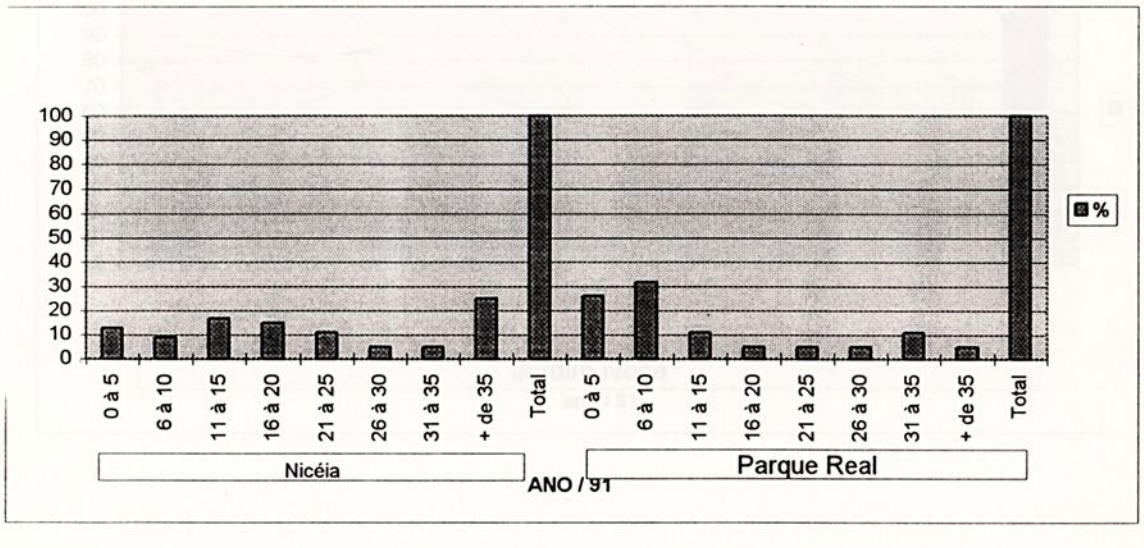


Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995

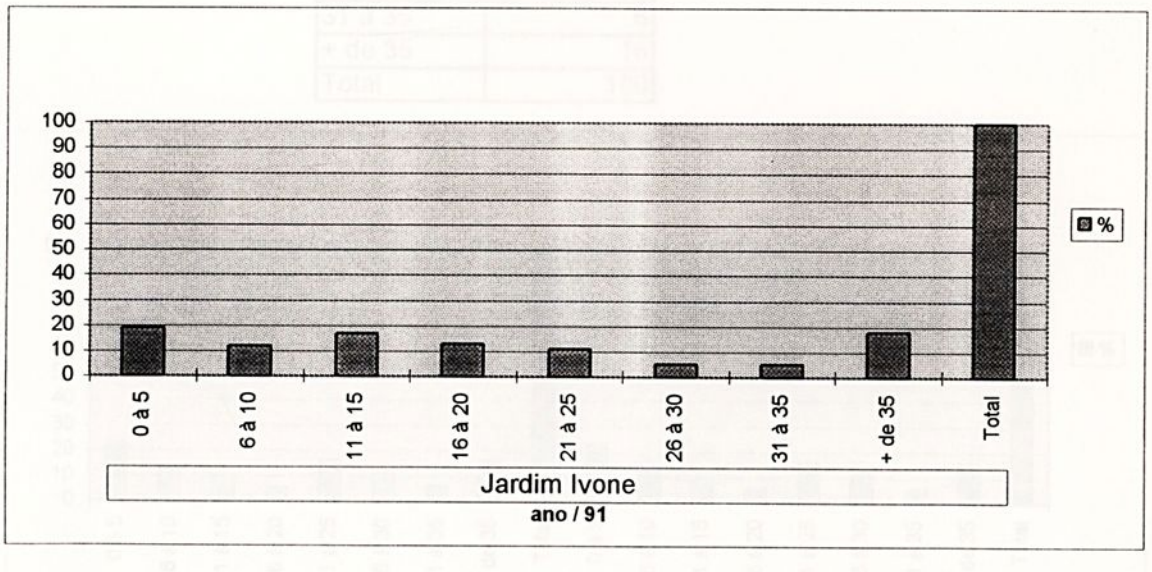
Anexo (16)

Figuras referentes à Faixa etária dos moradores de favelas questionados em 1991 e 1995.

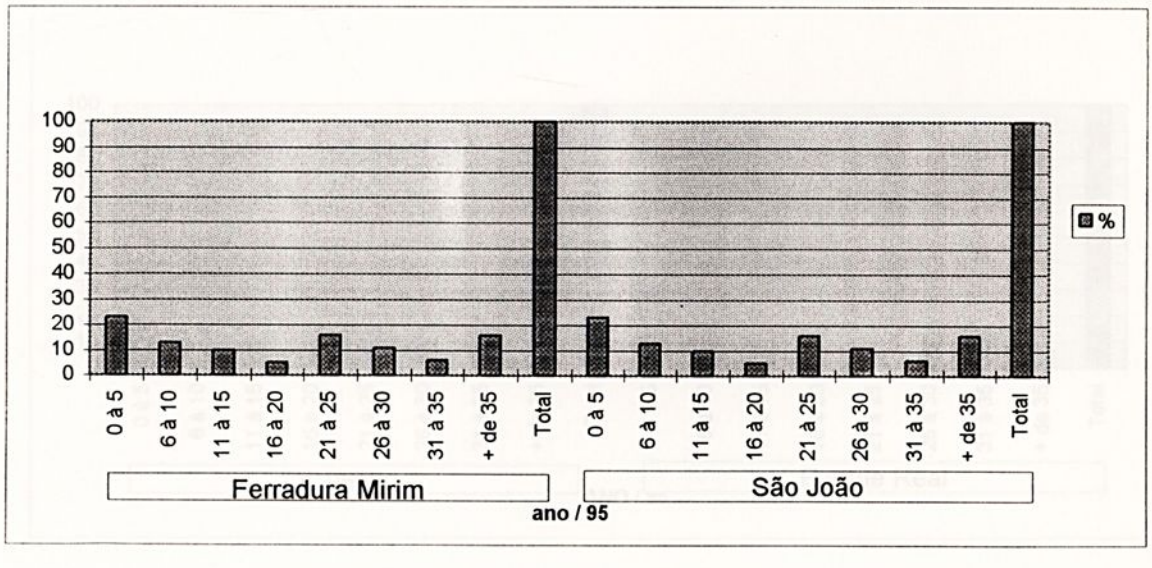
No de Filhos	%
0 à 5	13
6 à 10	9
11 à 15	17
16 à 20	15
21 à 25	11
26 à 30	5
31 à 35	5
+ de 35	25
Total	100
0 à 5	26
6 à 10	32
11 à 15	11
16 à 20	5
21 à 25	5
26 à 30	5
31 à 35	11
+ de 35	5
Total	100



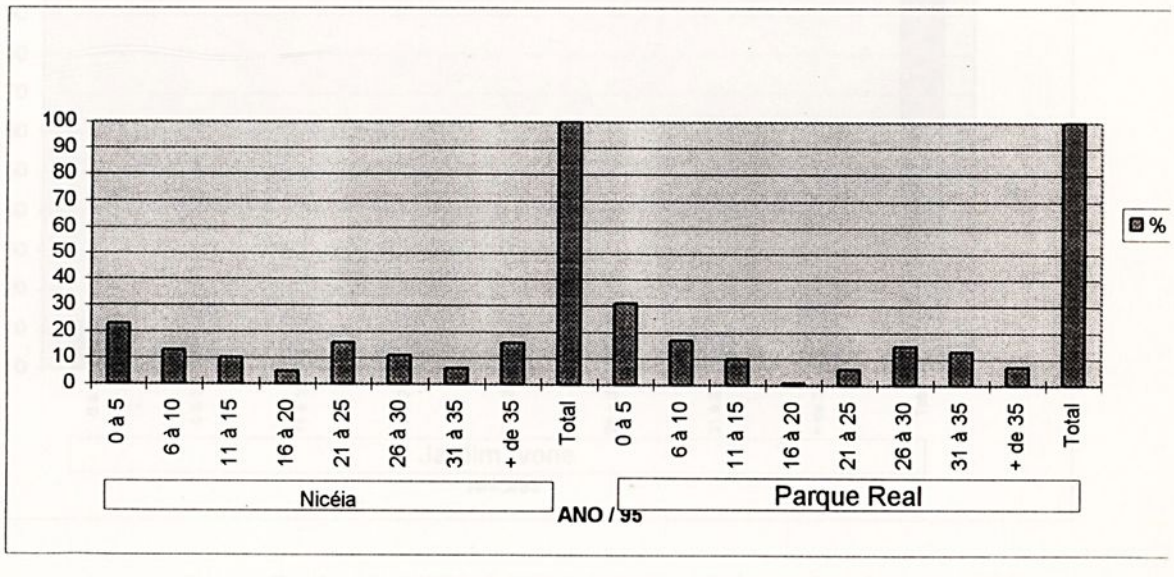
Faixa etária	%
0 à 5	19
6 à 10	12
11 à 15	17
16 à 20	13
21 à 25	11
26 à 30	5
31 à 35	5
+ de 35	18
Total	100



Faixa etária	%
0 à 5	23
6 à 10	13
11 à 15	10
16 à 20	5
21 à 25	16
26 à 30	11
31 à 35	6
+ de 35	16
Total	100
0 à 5	23
6 à 10	13
11 à 15	10
16 à 20	5
21 à 25	16
26 à 30	11
31 à 35	6
+ de 35	16
Total	100

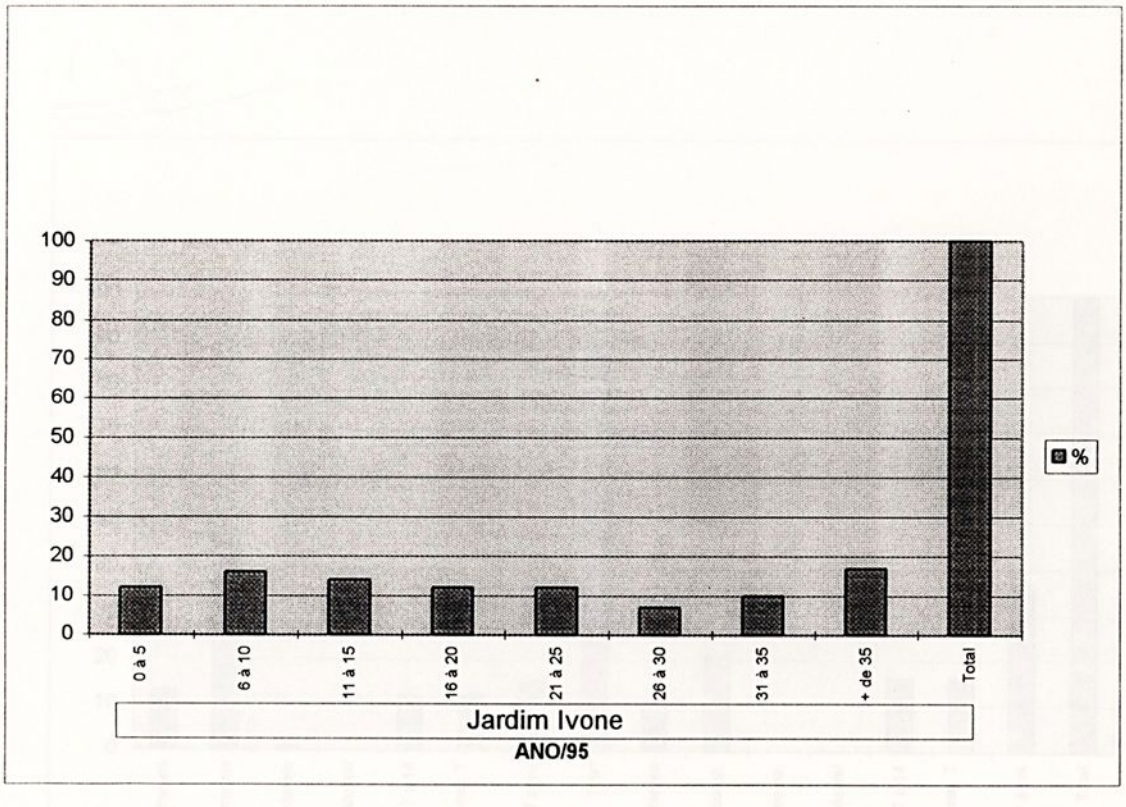


No de Filhos	%
0 à 5	23
6 à 10	13
11 à 15	10
16 à 20	5
21 à 25	16
26 à 30	11
31 à 35	6
+ de 35	16
Total	100
0 à 5	31
6 à 10	17
11 à 15	10
16 à 20	1
21 à 25	6
26 à 30	15
31 à 35	13
+ de 35	7
Total	100



Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995

Faixa etária	%
0 à 5	12
6 à 10	16
11 à 15	14
16 à 20	12
21 à 25	12
26 à 30	7
31 à 35	10
+ de 35	17
Total	100

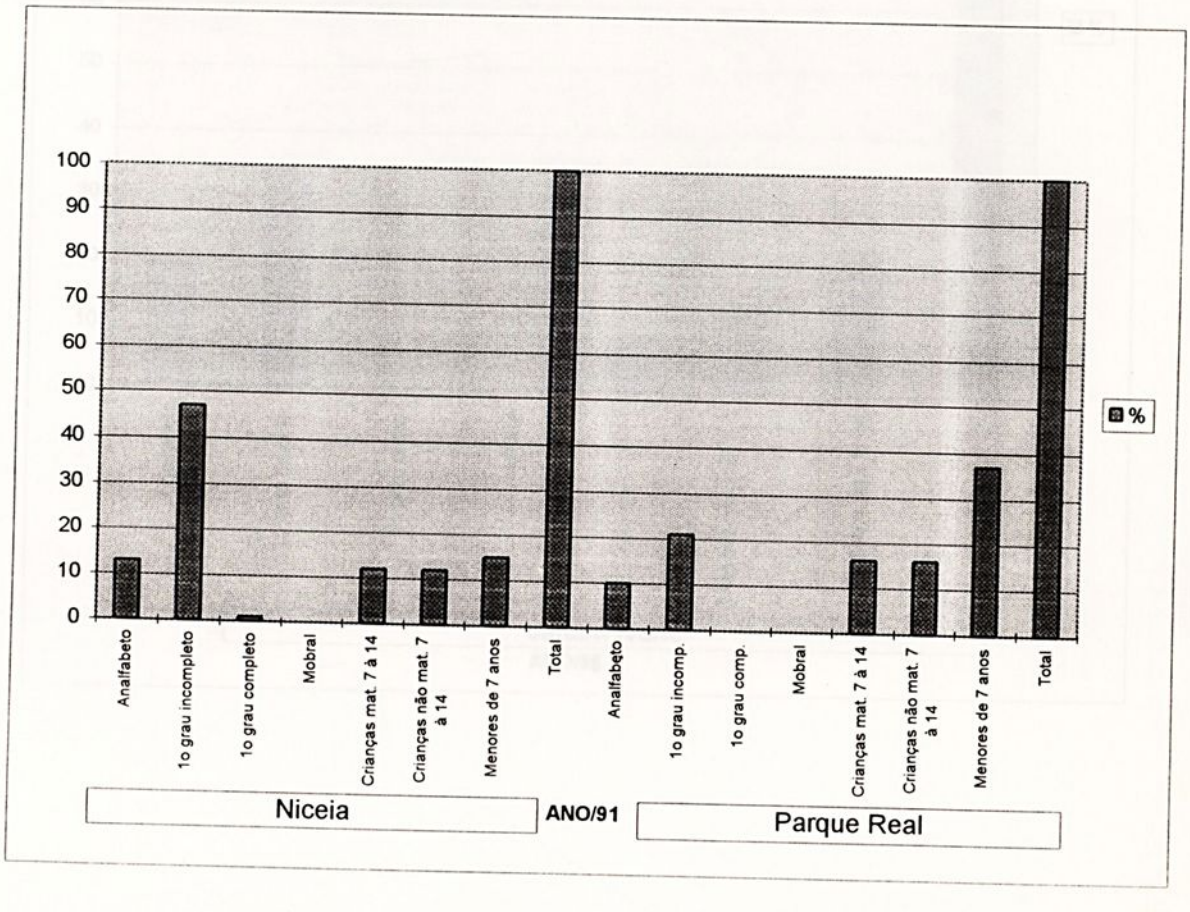


Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995

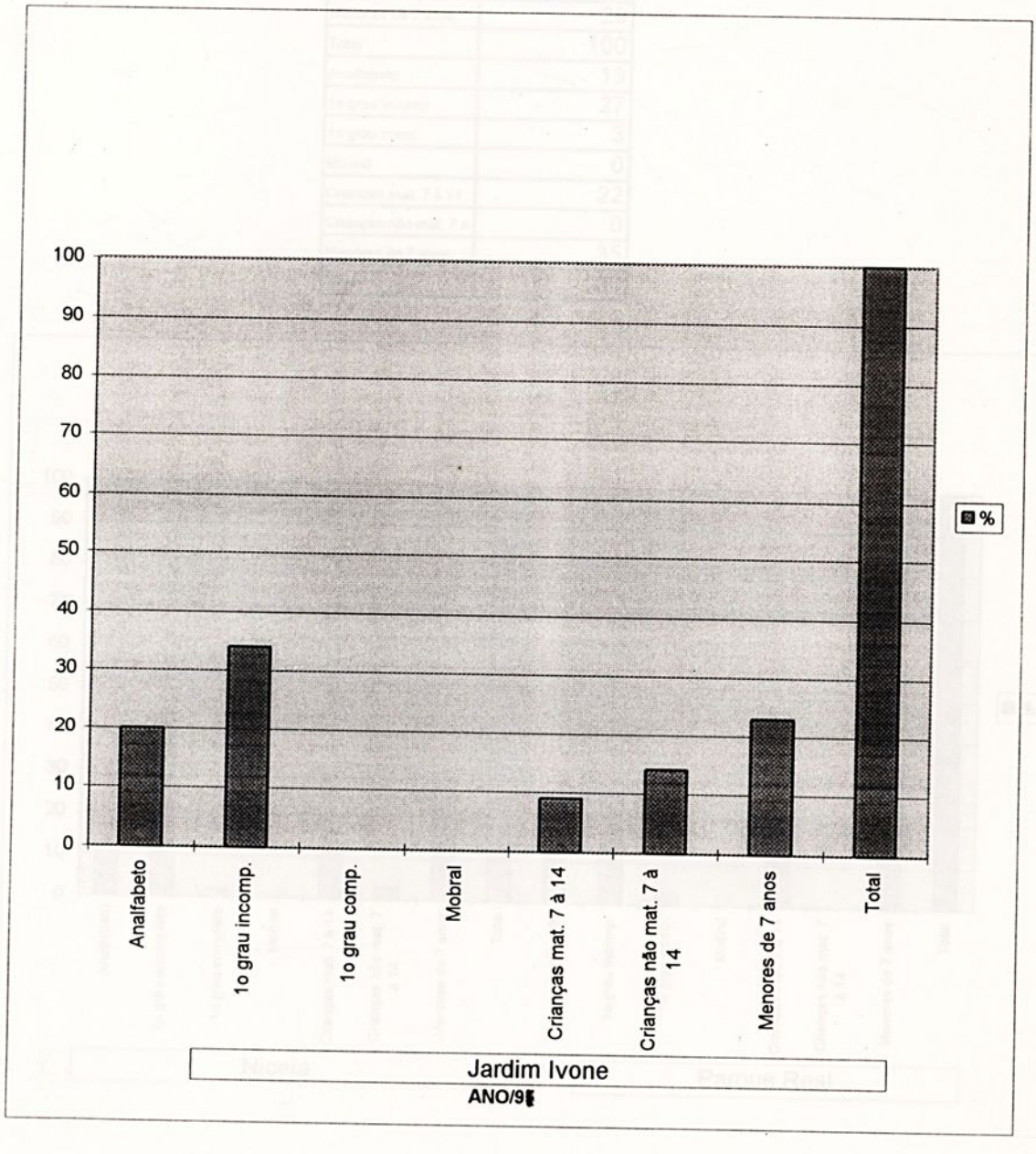
Anexo (17)

Figuras relativas ao Grau de instrução da população das favelas pesquisadas em 1991 e 1995 .

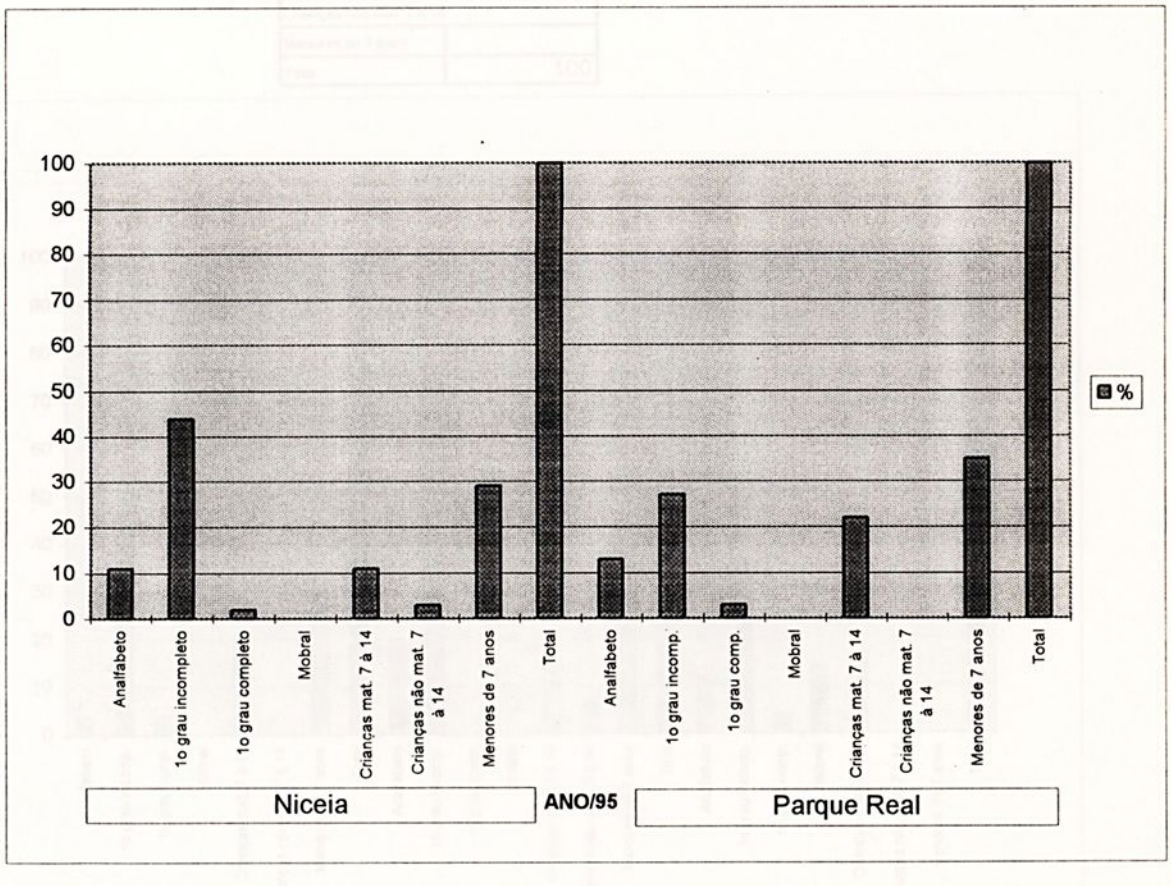
	%
Analfabeto	13
1o grau incompleto	47
1o grau completo	1
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	12
Crianças não mat. 7 à	12
Menores de 7 anos	15
Total	100
Analfabeto	10
1o grau incomp.	21
1o grau comp.	0
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	16
Crianças não mat. 7 à	16
Menores de 7 anos	37
Total	100



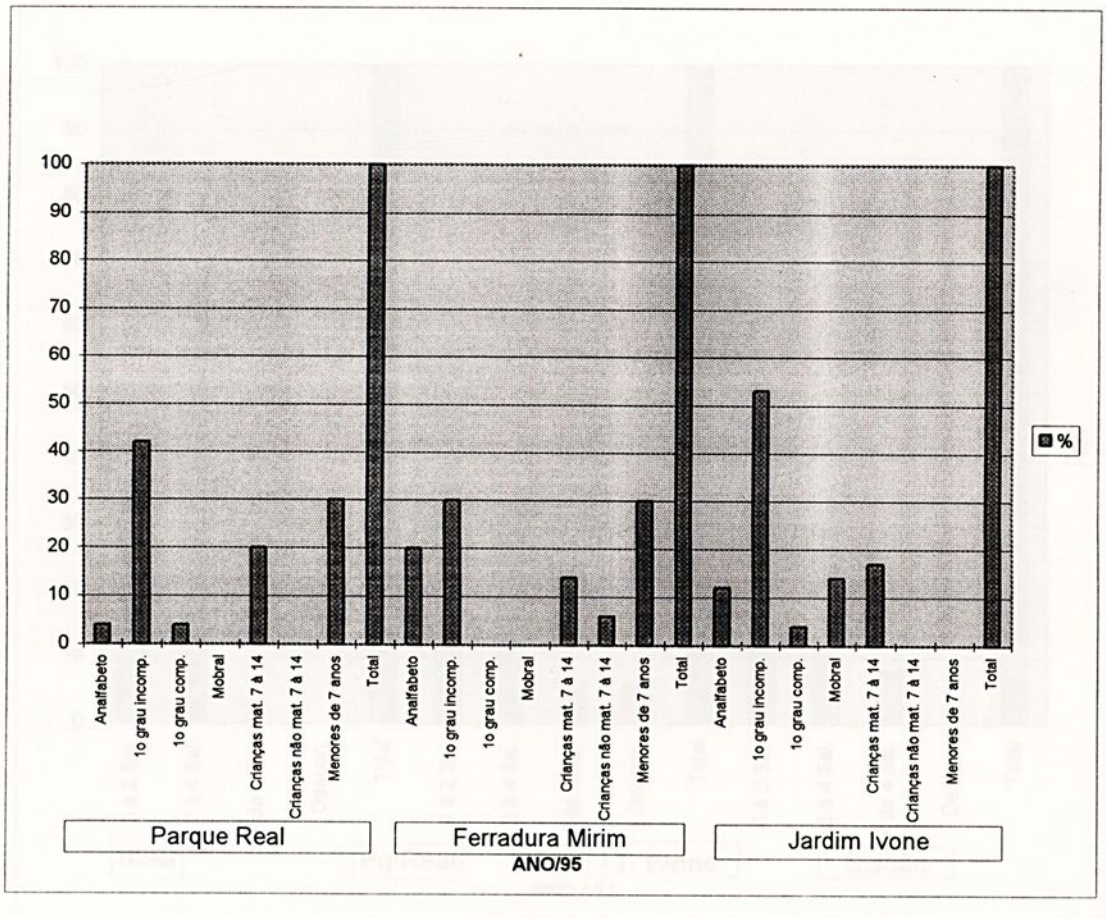
	%
Analfabeto	20
1o grau incomp.	34
1o grau comp.	0
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	9
Crianças não mat. 7 à	14
Menores de 7 anos	23
Total	100



	%
Analfabeto	11
1o grau incompleto	44
1o grau completo	2
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	11
Crianças não mat. 7 à	3
Menores de 7 anos	29
Total	100
Analfabeto	13
1o grau incomp.	27
1o grau comp.	3
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	22
Crianças não mat. 7 à	0
Menores de 7 anos	35
Total	100



	%
Analfabeto	4
1o grau incomp.	42
1o grau comp.	4
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	20
Crianças não mat. 7 à 1	0
Menores de 7 anos	30
Total	100
Analfabeto	20
1o grau incomp.	30
1o grau comp.	0
Mobral	0
Crianças mat. 7 à 14	14
Crianças não mat. 7 à 1	6
Menores de 7 anos	30
Total	100
Analfabeto	12
1o grau incomp.	53
1o grau comp.	4
Mobral	14
Crianças mat. 7 à 14	17
Crianças não mat. 7 à 14	
Menores de 7 anos	
Total	100

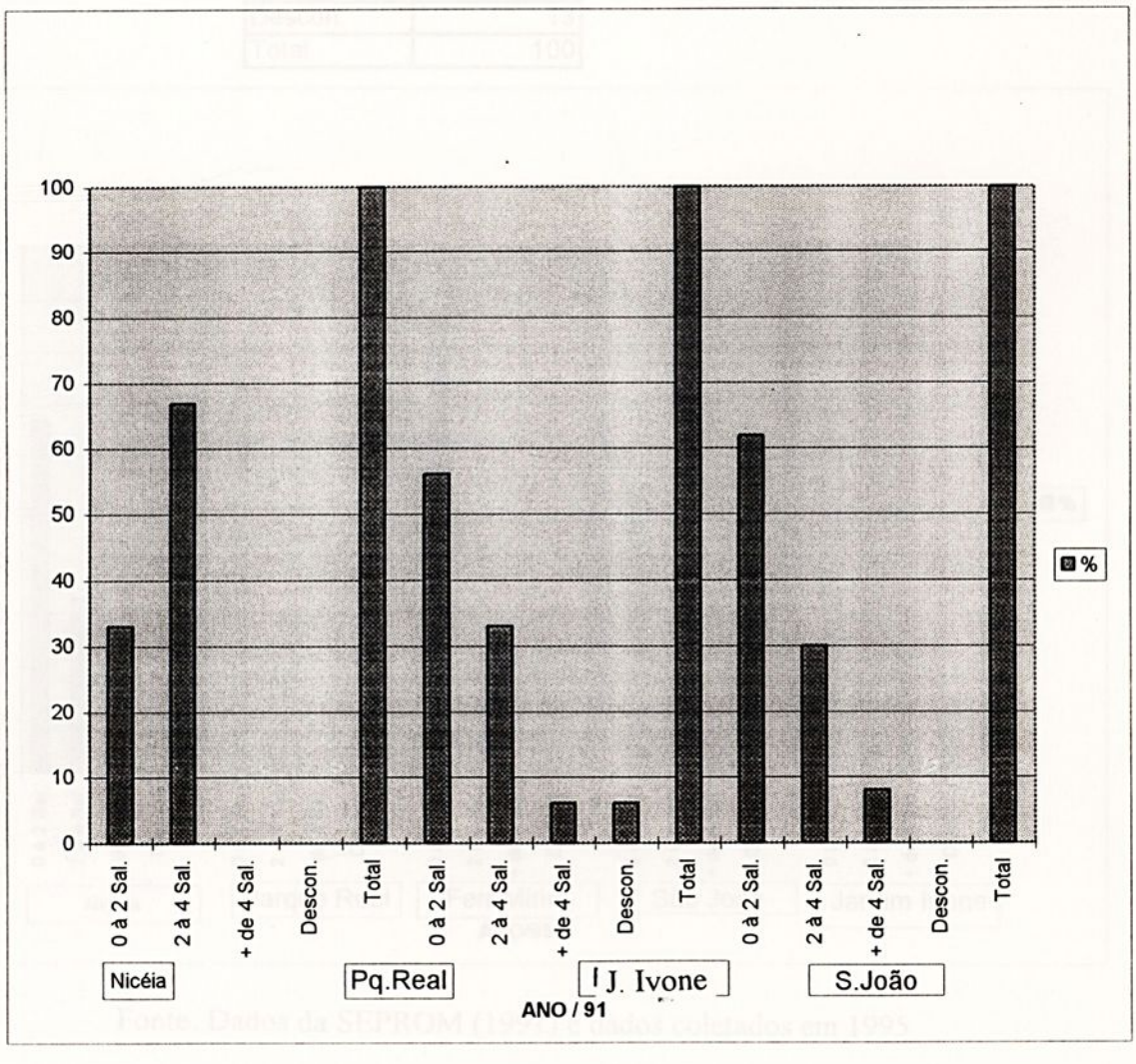


Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995

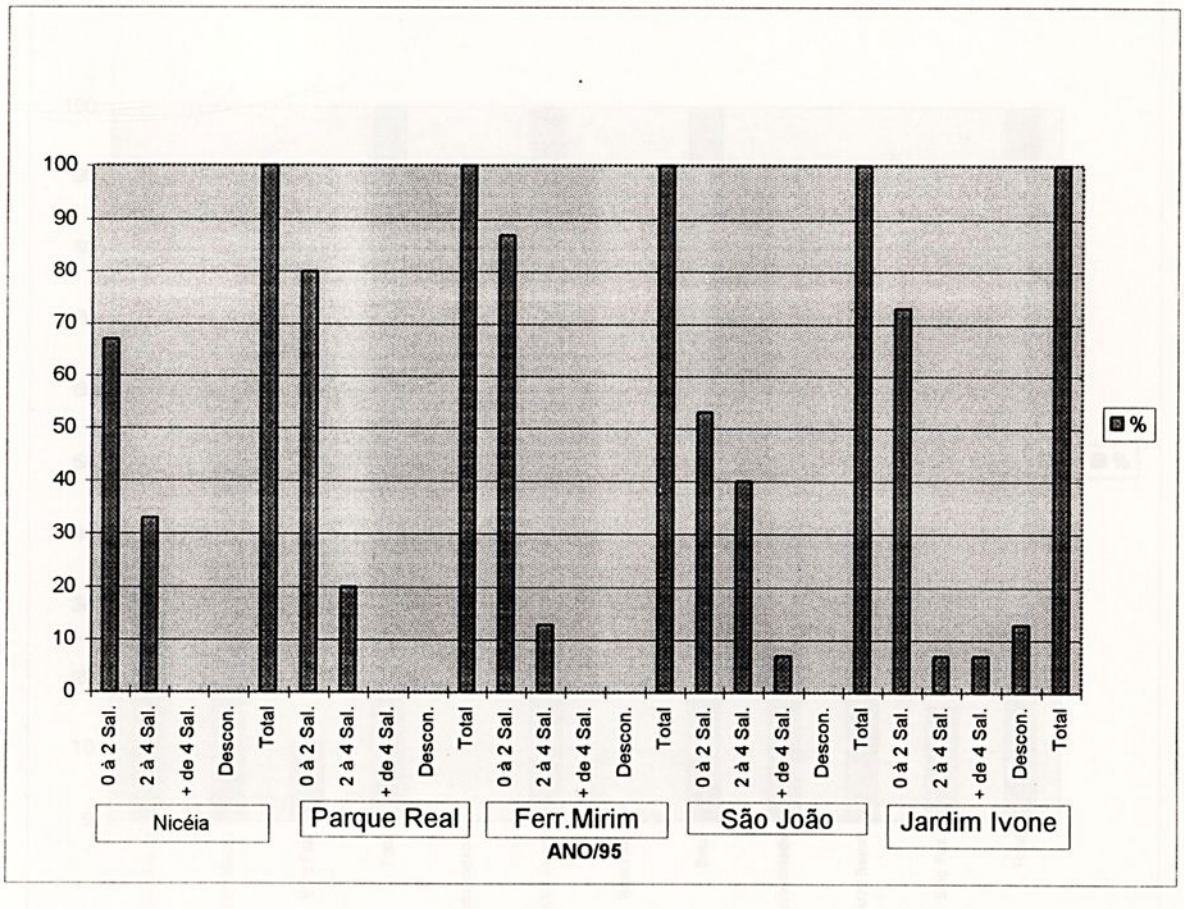
Anexo (18)

Figuras relativas à renda familiar dos moradores das favelas pesquisadas em 1991 e 1995 .

	%
0 à 2 Sal.	33
2 à 4 Sal.	67
+ de 4 Sal.	0
Descon.	0
Total	100
0 à 2 Sal.	56
2 à 4 Sal.	33
+ de 4 Sal.	6
Descon.	6
Total	100
0 à 2 Sal.	62
2 à 4 Sal.	30
+ de 4 Sal.	8
Descon.	0
Total	100



	%
0 à 2 Sal.	67
2 à 4 Sal.	33
+ de 4 Sal.	0
Descon.	0
Total	100
0 à 2 Sal.	80
2 à 4 Sal.	20
+ de 4 Sal.	0
Descon.	0
Total	100
0 à 2 Sal.	87
2 à 4 Sal.	13
+ de 4 Sal.	0
Descon.	0
Total	100
0 à 2 Sal.	53
2 à 4 Sal.	40
+ de 4 Sal.	7
Descon.	0
Total	100
0 à 2 Sal.	73
2 à 4 Sal.	7
+ de 4 Sal.	7
Descon.	13
Total	100

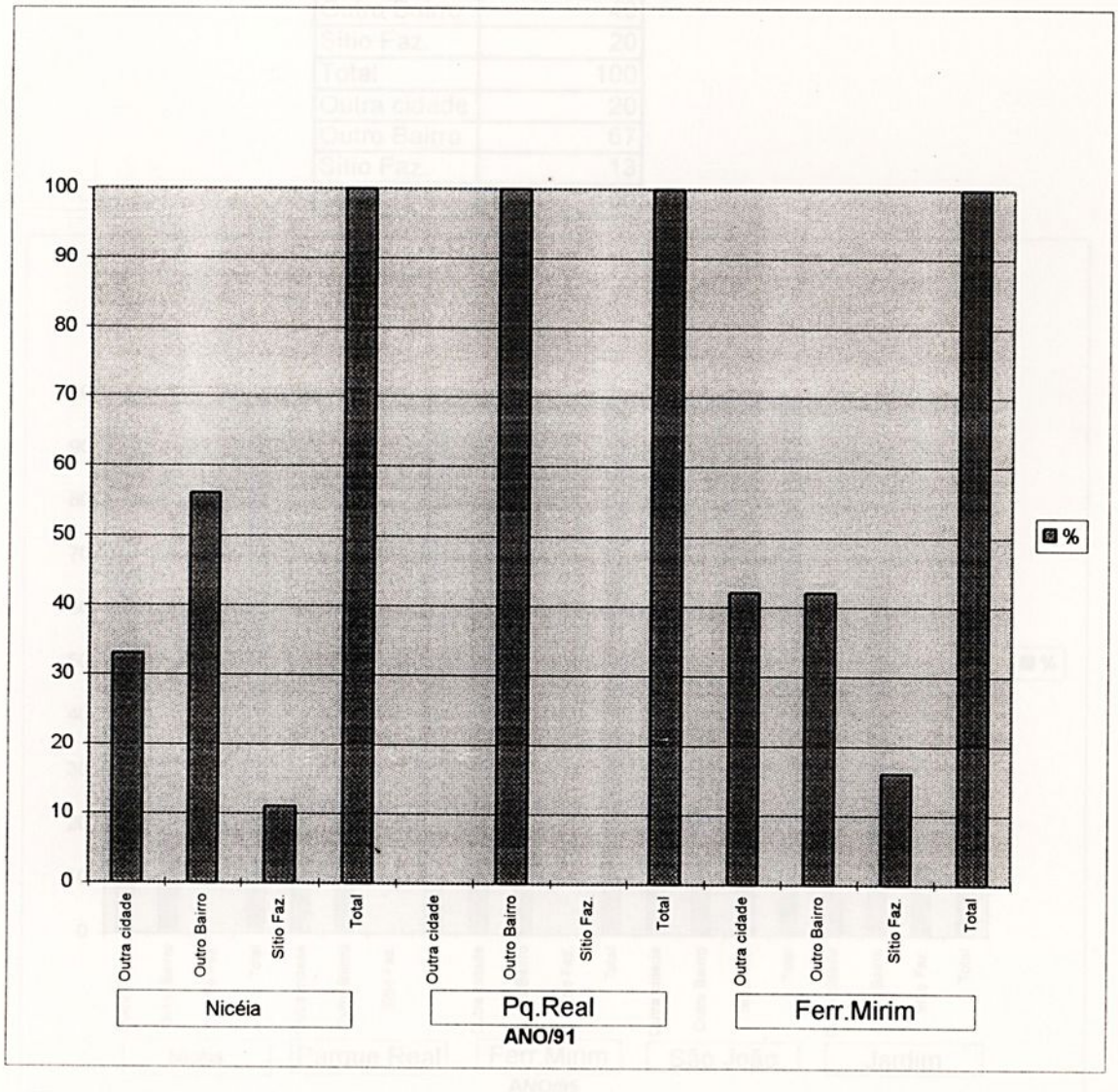


Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

Anexo (19)

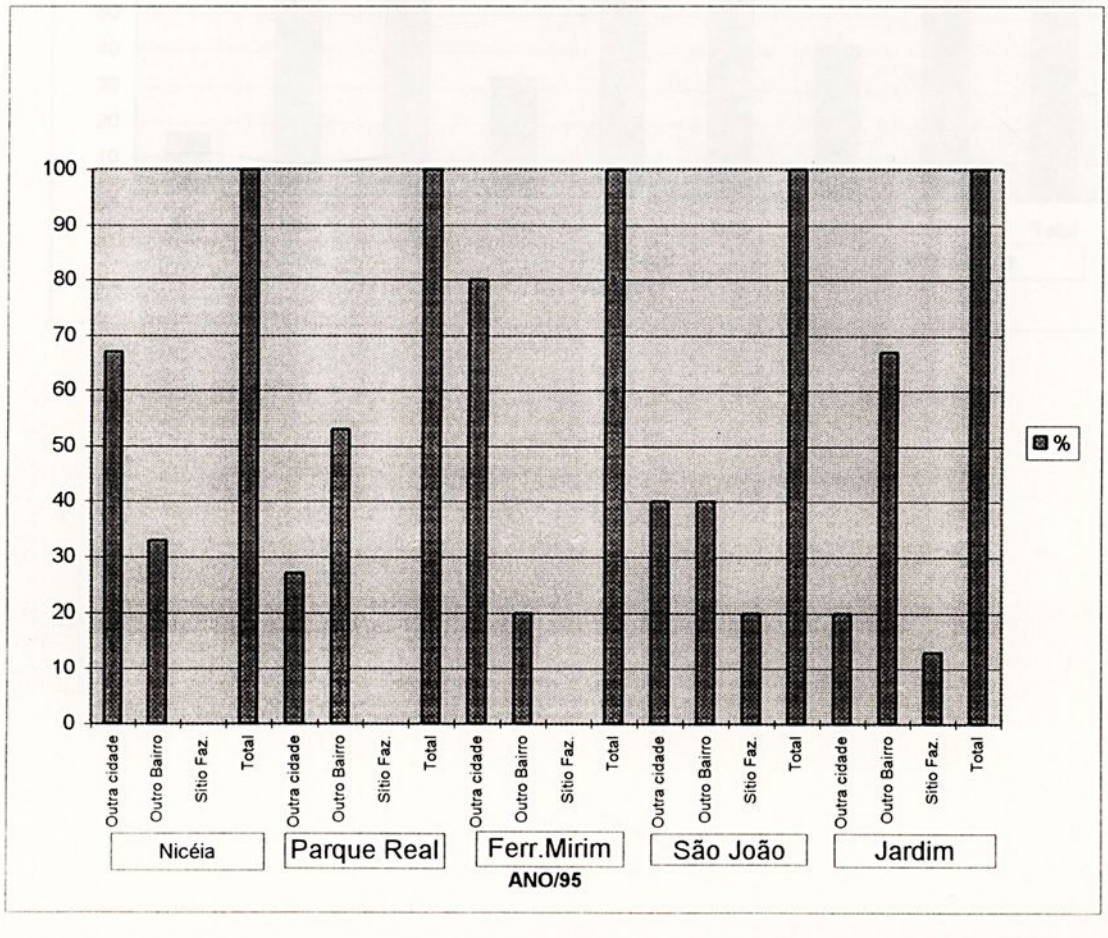
Figuras relativas à procedência das famílias pesquisadas nas favelas em 1991 e 1995.

	%
Outra cidade	33
Outro Bairro	56
Sítio Faz.	11
Total	100
Outra cidade	0
Outro Bairro	100
Sítio Faz.	0
Total	100
Outra cidade	42
Outro Bairro	42
Sítio Faz.	16
Total	100



cont.

	%
Outra cidade	67
Outro Bairro	33
Sítio Faz.	0
Total	100
Outra cidade	27
Outro Bairro	53
Sítio Faz.	0
Total	100
Outra cidade	80
Outro Bairro	20
Sítio Faz.	0
Total	100
Outra cidade	40
Outro Bairro	40
Sítio Faz.	20
Total	100
Outra cidade	20
Outro Bairro	67
Sítio Faz.	13
Total	100

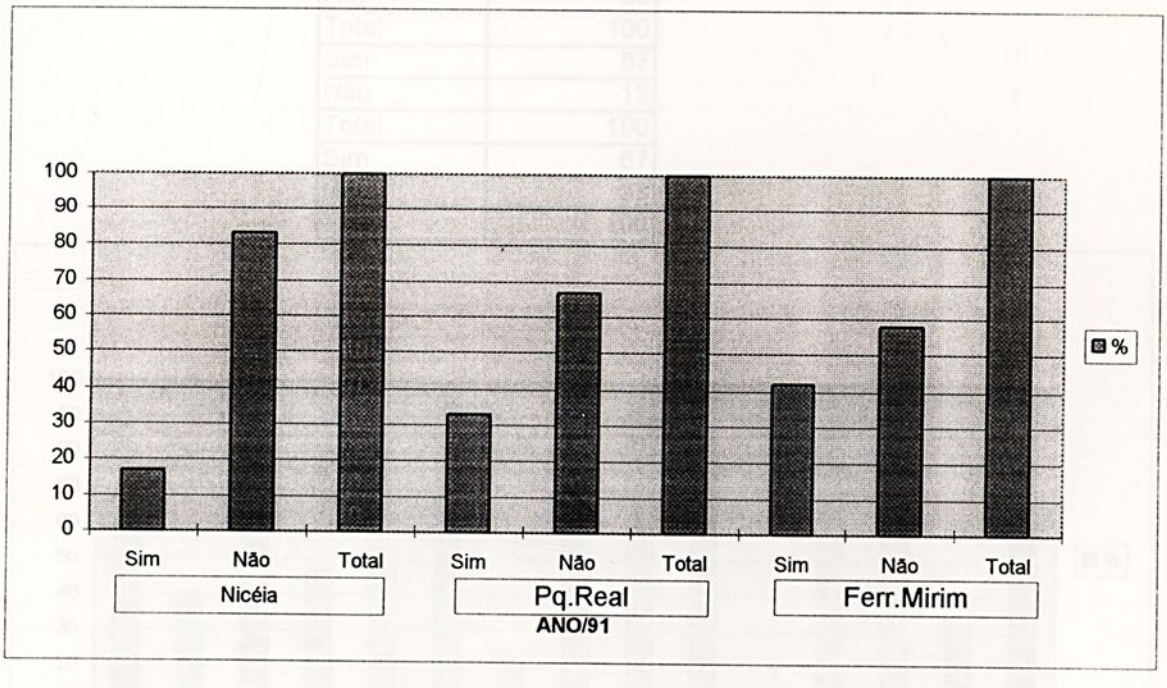


Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

Anexo (20)

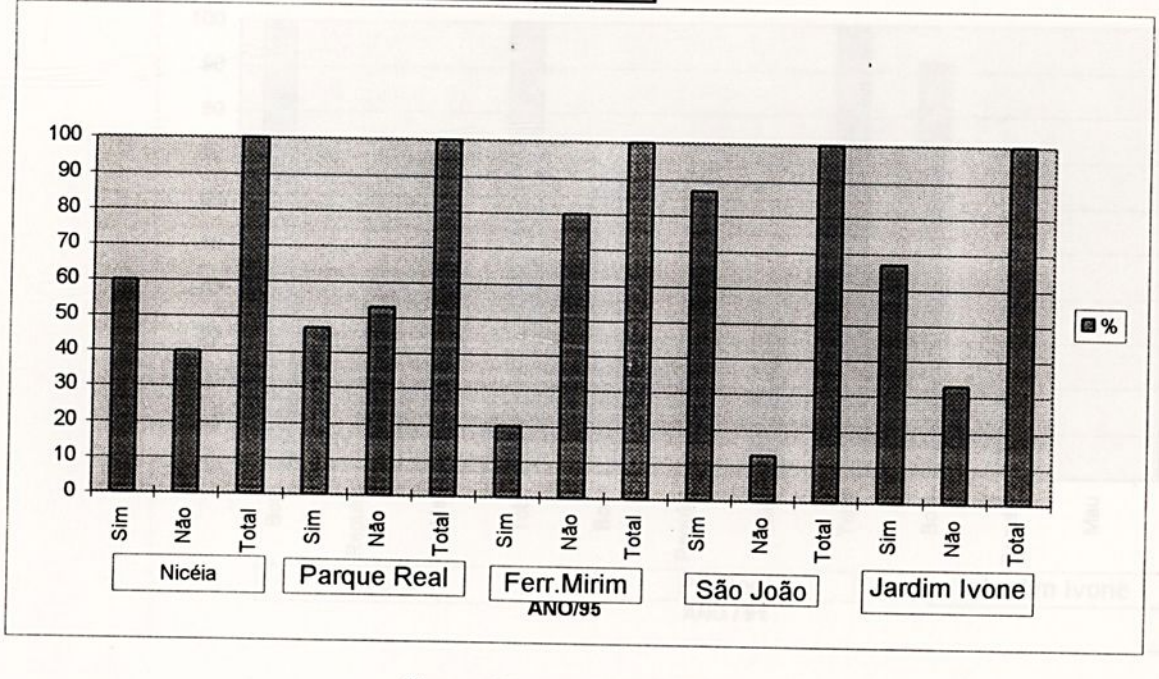
Figuras relativas à pretensão dos moradores das favelas pesquisadas em se mudarem daquele local, levantamento de 1991 e 1995.

	%
Sim	17
Não	83
Total	100
Sim	33
Não	67
Total	100
Sim	42
Não	58
Total	100



cont.

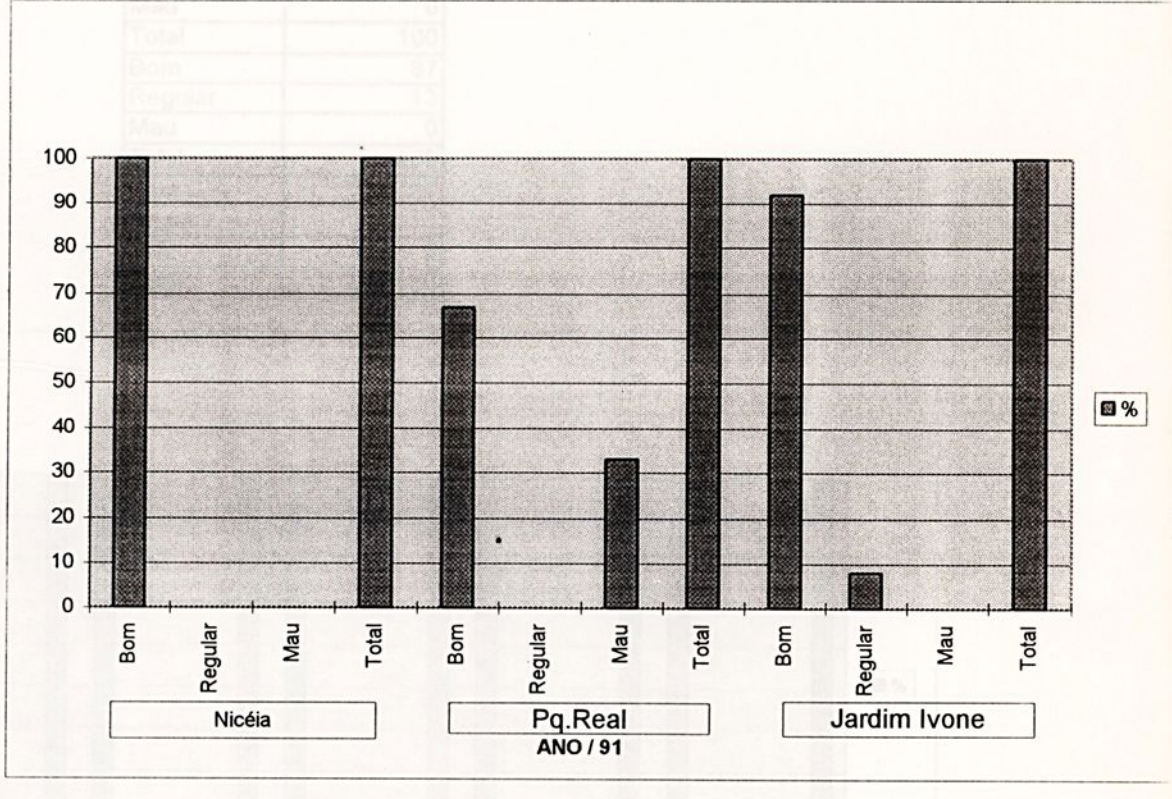
	%
Sim	60
Não	40
Total	100
Sim	47
Não	53
Total	100
Sim	20
Não	80
Total	100
Sim	87
Não	13
Total	100
Sim	67
Não	33
Total	100



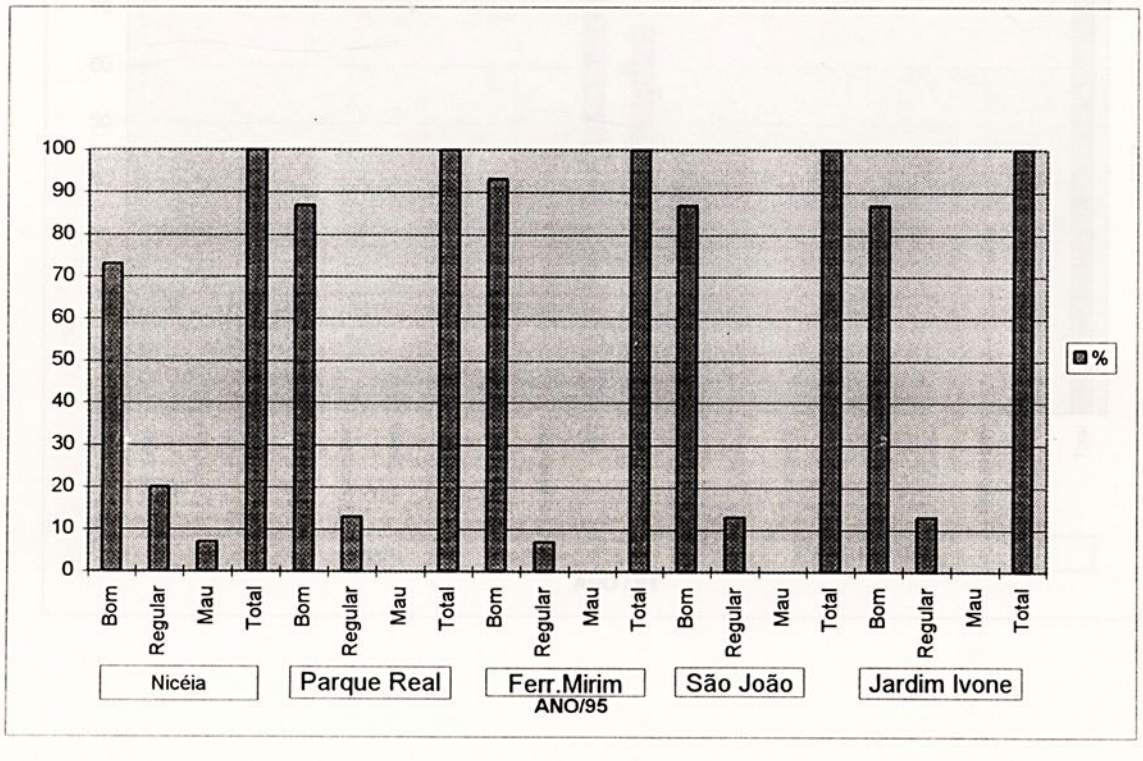
Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

Figuras relativas ao relacionamento entre os moradores das favelas pesquisadas em 1991 e 1995.

	%
Bom	100
Regular	0
Mau	0
Total	100
Bom	67
Regular	0
Mau	33
Total	100
Bom	92
Regular	8
Mau	0
Total	100



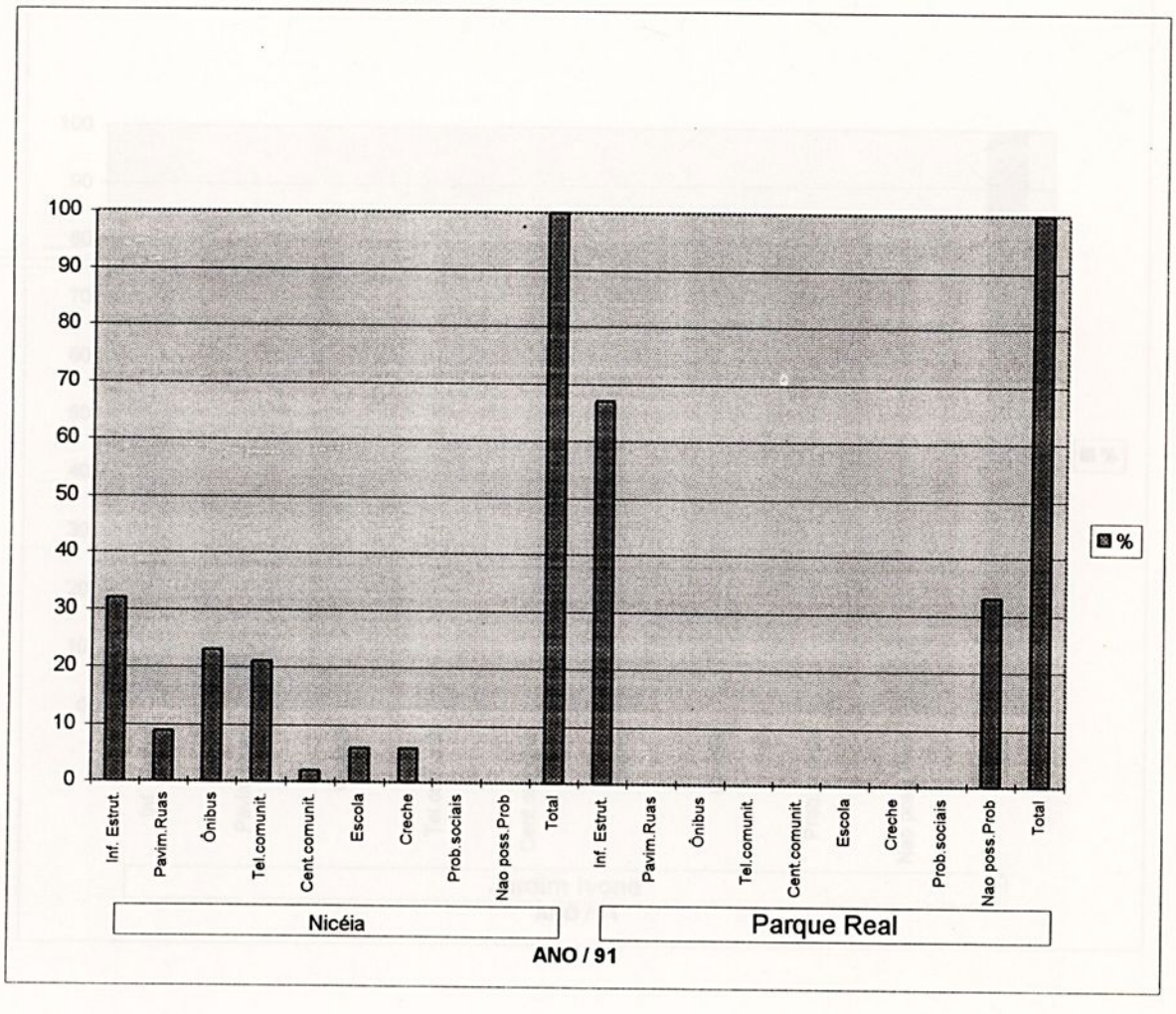
	%
Bom	73
Regular	20
Mau	7
Total	100
Bom	87
Regular	13
Mau	0
Total	100
Bom	93
Regular	7
Mau	0
Total	100
Bom	87
Regular	13
Mau	0
Total	100
Bom	87
Regular	13
Mau	0
Total	100



Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

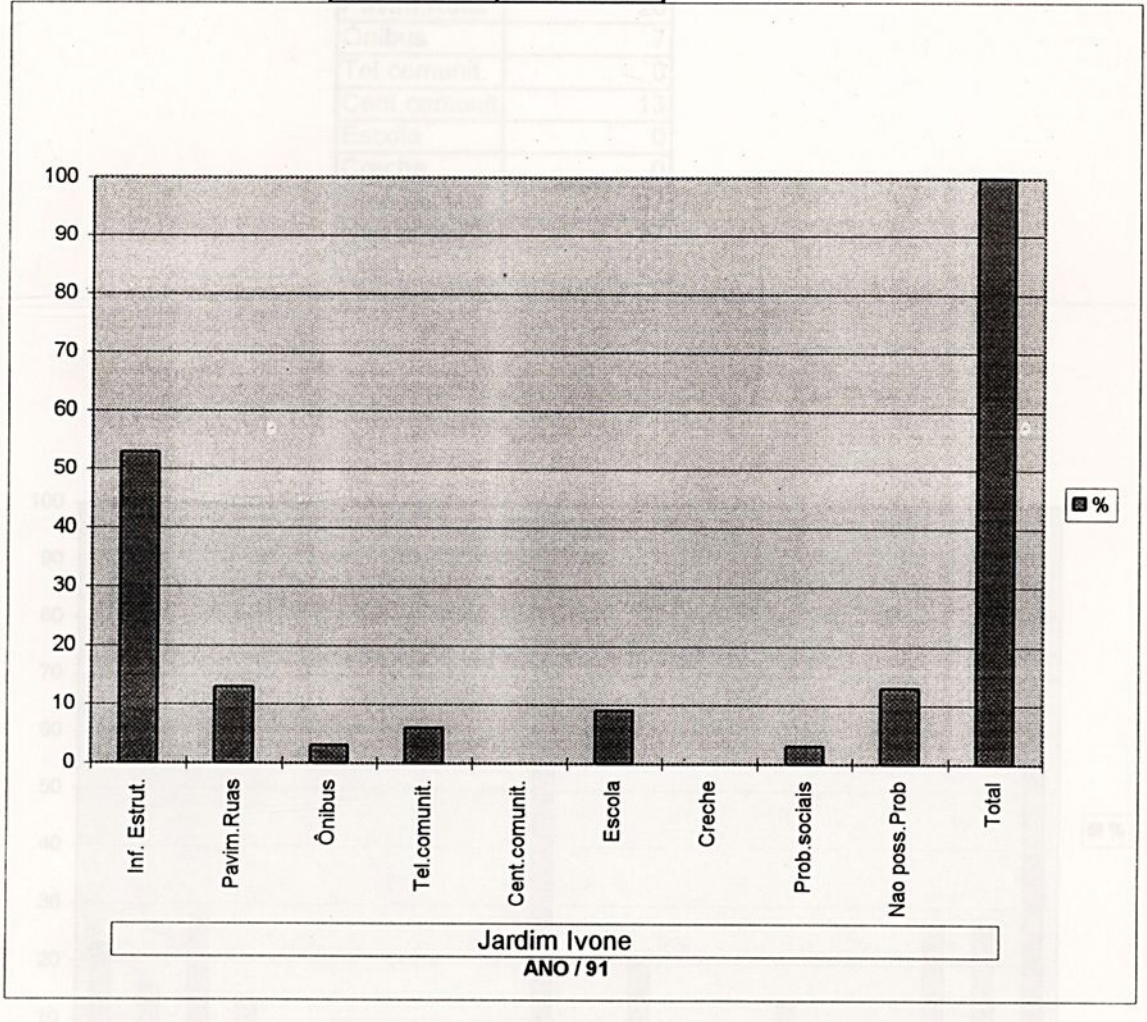
Figuras relativas aos maiores problemas dos moradores das favelas pesquisadas em 1991 e 1995.

	%
Inf. Estrut.	32
Pavim.Ruas	9
Ônibus	23
Tel.comunit.	21
Cent.comunit	2
Escola	6
Creche	6
Prob.sociais	0
Nao poss.Pro	0
Total	100
Inf. Estrut.	67
Pavim.Ruas	0
Ônibus	0
Tel.comunit.	0
Cent.comunit	0
Escola	0
Creche	0
Prob.sociais	0
Nao poss.Pro	33
Total	100

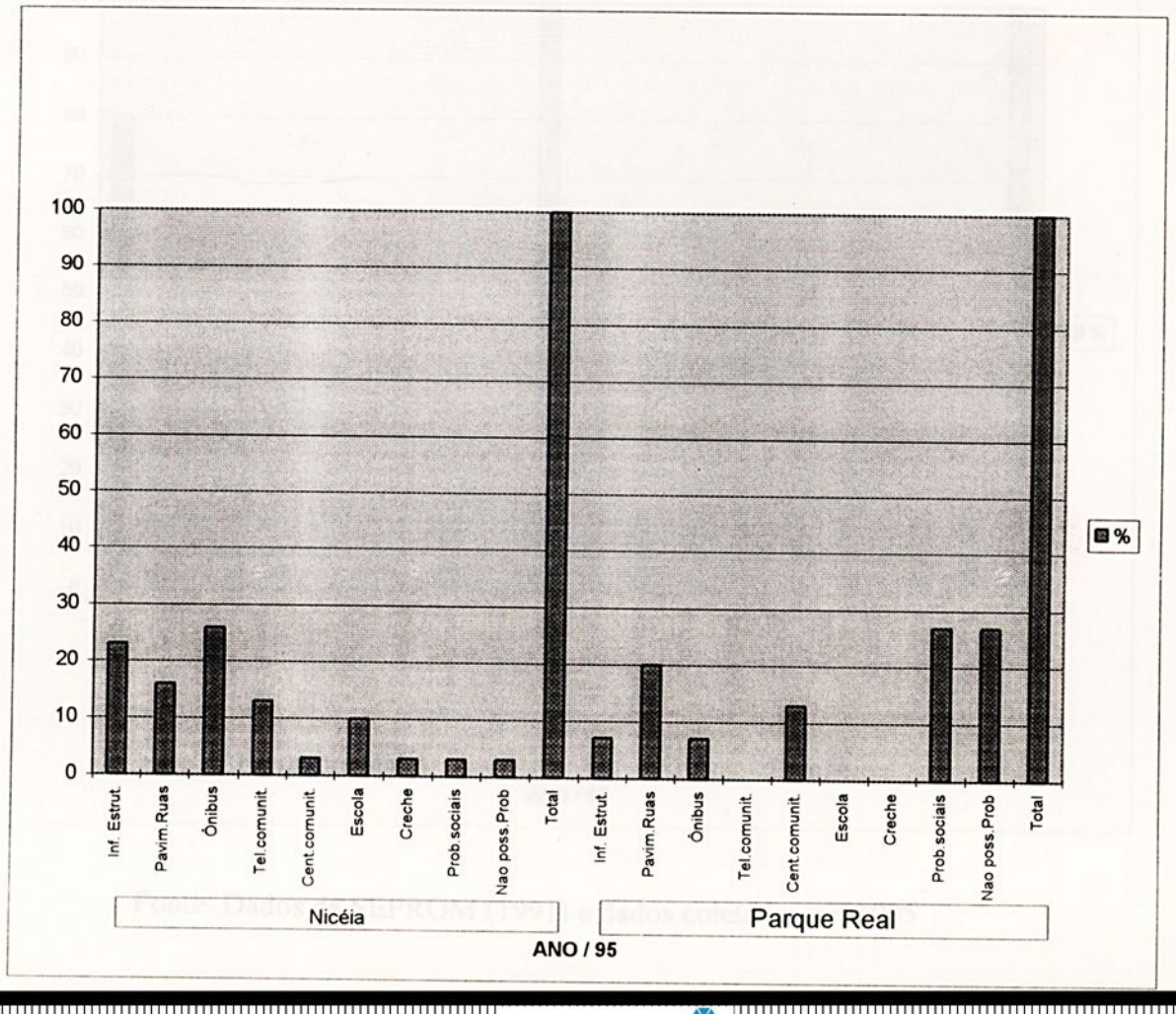


cont.

	%
Inf. Estrut.	53
Pavim.Ruas	13
Ônibus	3
Tel.comunit.	6
Cent.comunit	0
Escola	9
Creche	0
Prob.sociais	3
Nao poss.Pro	13
Total	100

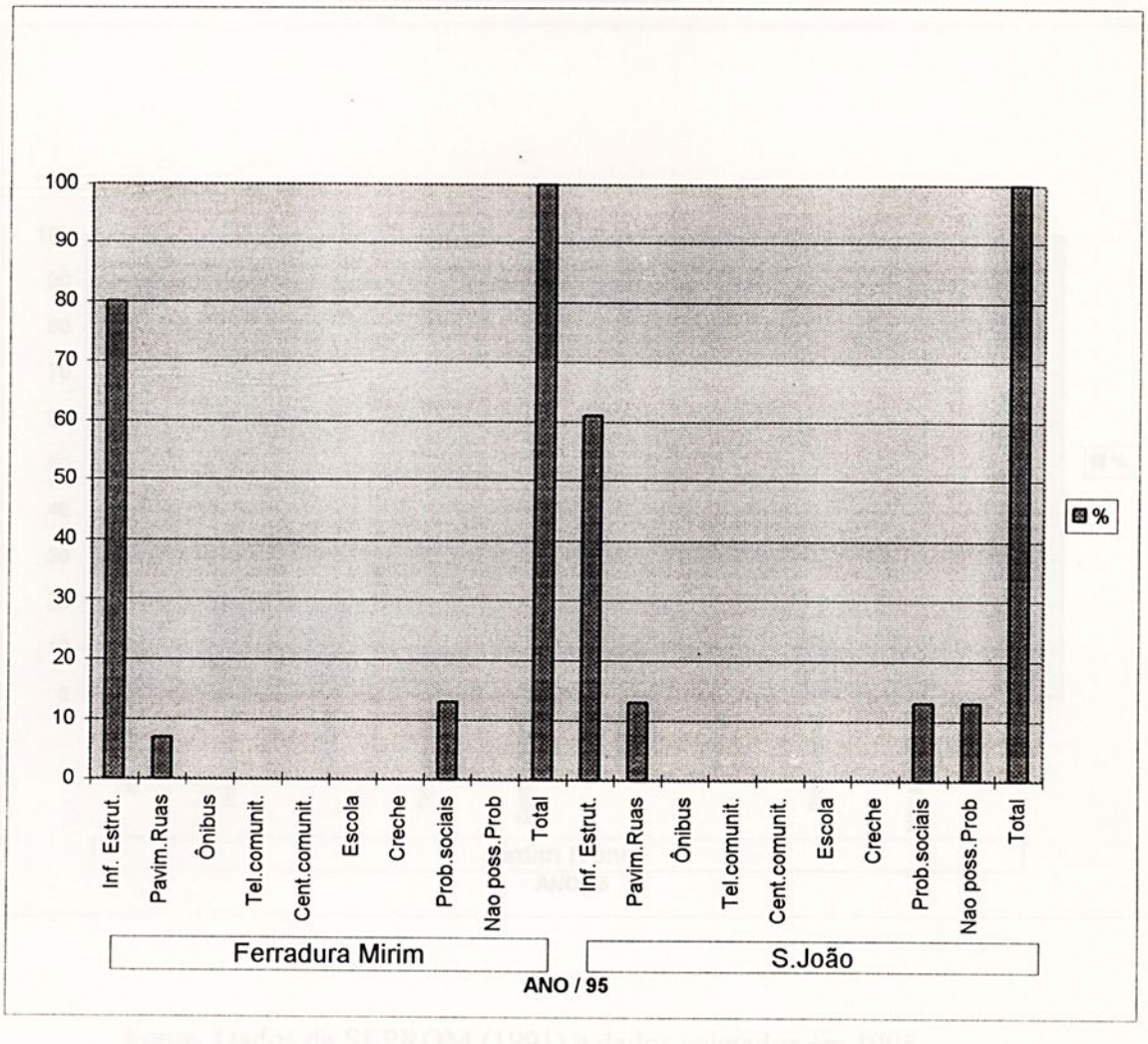


	%
Inf. Estrut.	23
Pavim.Ruas	16
Ônibus	26
Tel.comunit.	13
Cent.comunit	3
Escola	10
Creche	3
Prob.sociais	3
Nao poss.Pro	3
Total	100
Inf. Estrut.	7
Pavim.Ruas	20
Ônibus	7
Tel.comunit.	0
Cent.comunit	13
Escola	0
Creche	0
Prob.sociais	27
Nao poss.Pro	27
Total	100



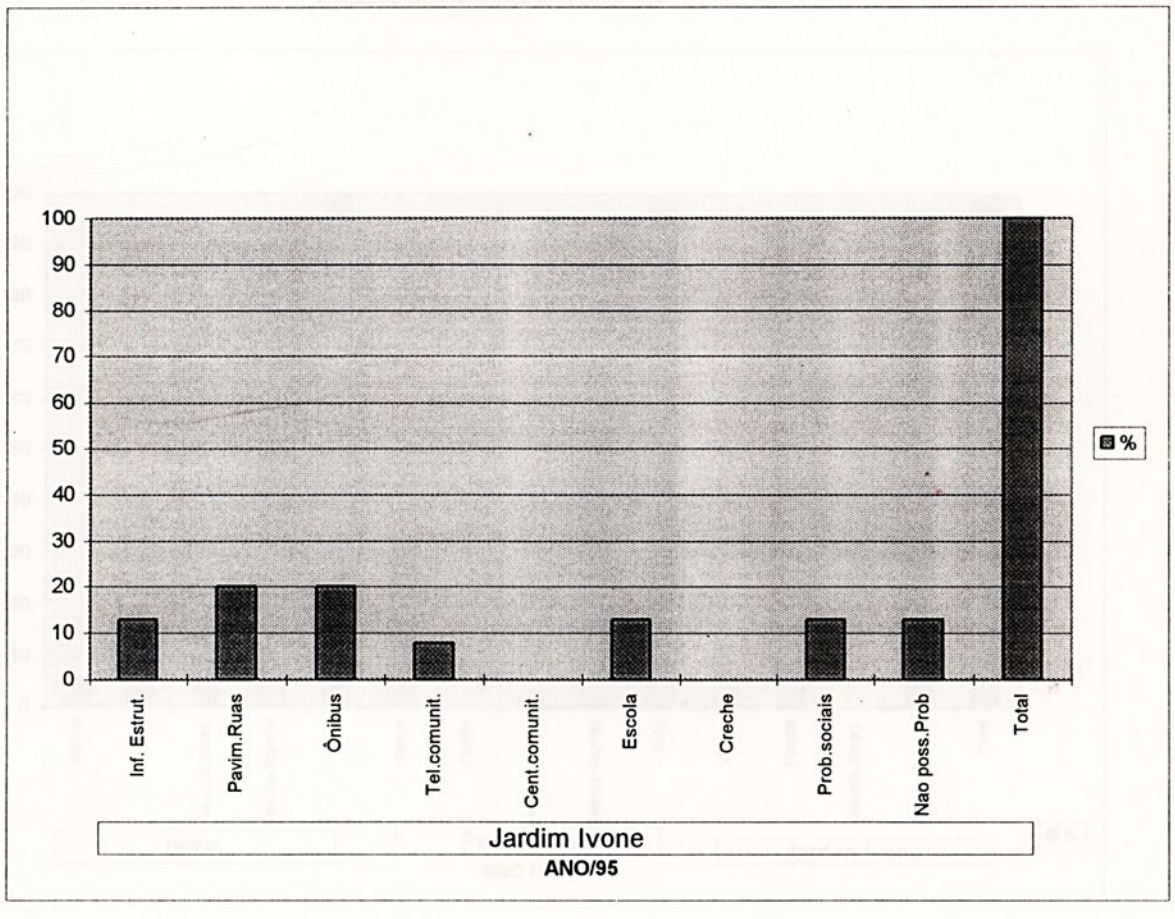
cont.

	%
Inf. Estrut.	80
Pavim.Ruas	7
Ônibus	0
Tel.comunit.	0
Cent.comunit	0
Escola	0
Creche	0
Prob.sociais	13
Nao poss.Pro	0
Total	100
Inf. Estrut.	61
Pavim.Ruas	13
Ônibus	0
Tel.comunit.	0
Cent.comunit	0
Escola	0
Creche	0
Prob.sociais	13
Nao poss.Pro	13
Total	100



Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

	%
Inf. Estrut.	13
Pavim.Ruas	20
Ônibus	20
Tel.comunit.	8
Cent.comunit	0
Escola	13
Creche	0
Prob.sociais	13
Nao poss.Pro	13
Total	100



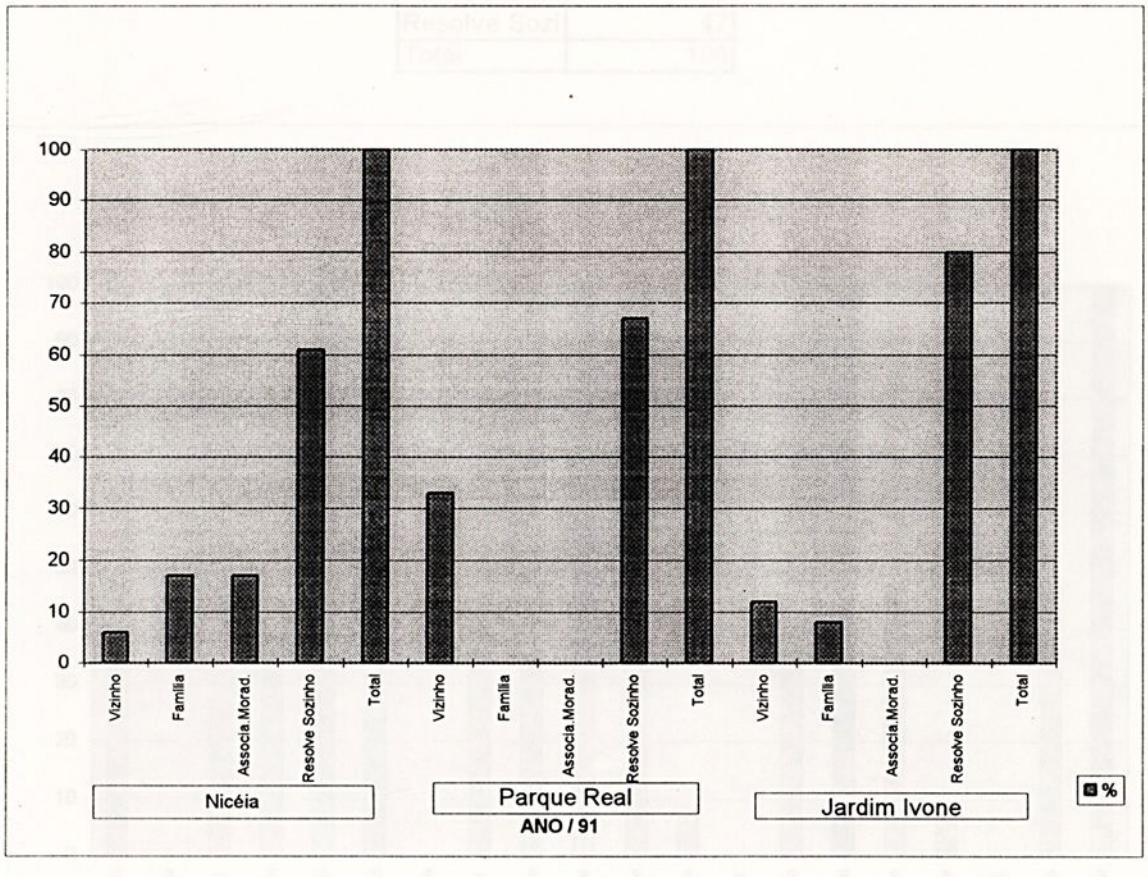
Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

N.º 583
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

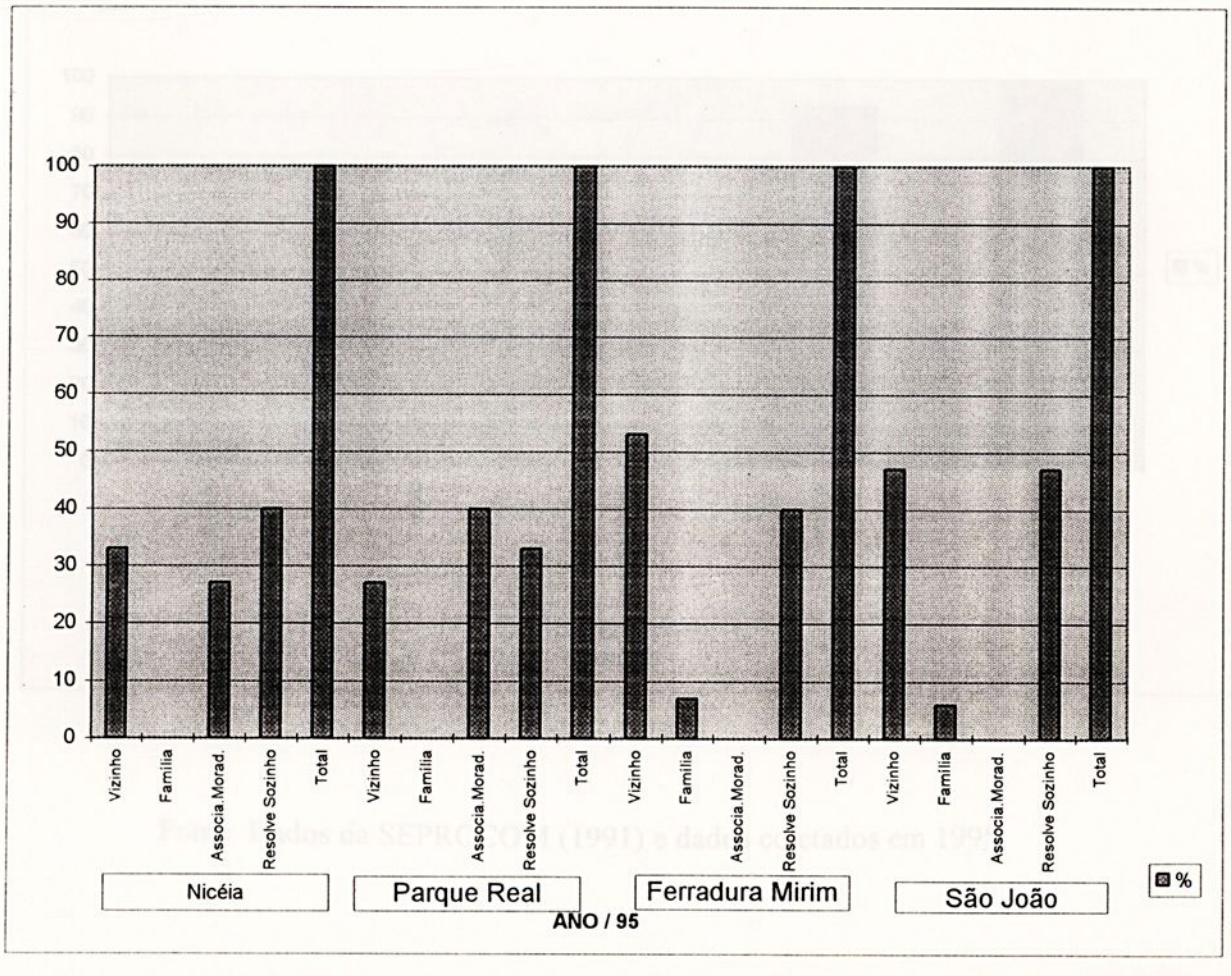
Anexo (23)

Figuras referentes à resolução dos problemas das favelas pesquisadas em 1991 e 1995..

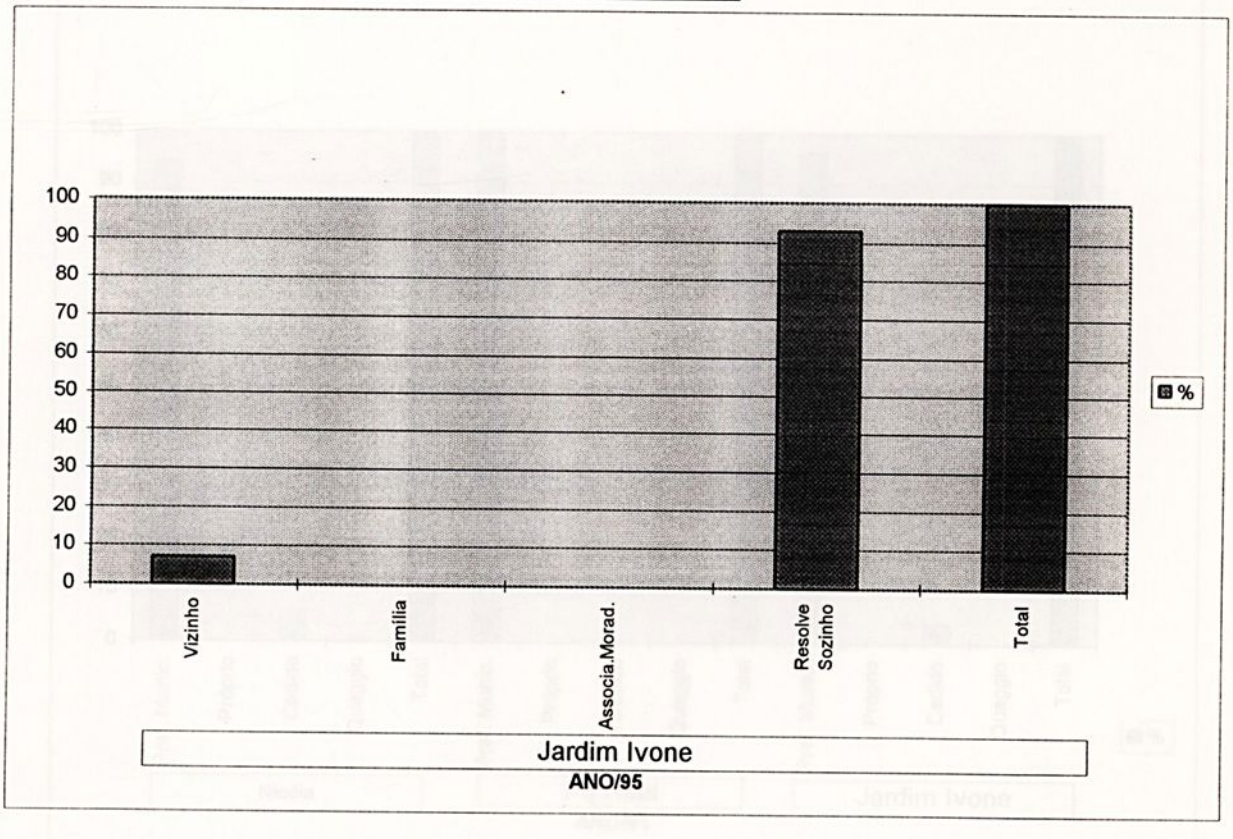
	%
Vizinho	6
Família	17
Associa.Morad.	17
Resolve Sozinho	61
Total	100
Vizinho	33
Família	0
Associa.Morad.	0
Resolve Sozinho	67
Total	100
Vizinho	12
Família	8
Associa.Morad.	0
Resolve Sozinho	80
Total	100



	%
Vizinho	33
Família	0
Associa.Mora	27
Resolve Sozi	40
Total	100
Vizinho	27
Família	0
Associa.Mora	40
Resolve Sozi	33
Total	100
Vizinho	53
Família	7
Associa.Mora	0
Resolve Sozi	40
Total	100
Vizinho	47
Família	6
Associa.Mora	0
Resolve Sozi	47
Total	100



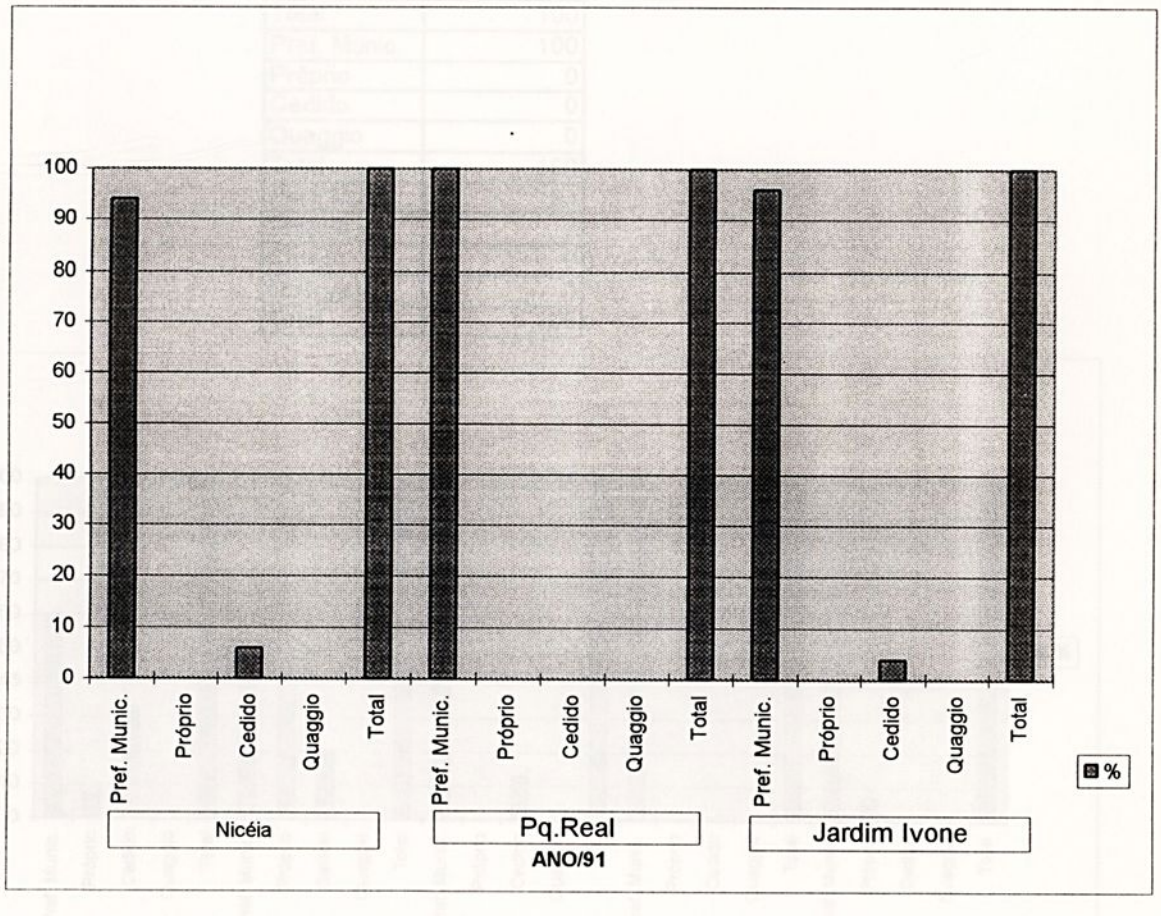
	%
Vizinho	7
Família	0
Associa.Morad.	0
Resolve Sozinho	93
Total	100



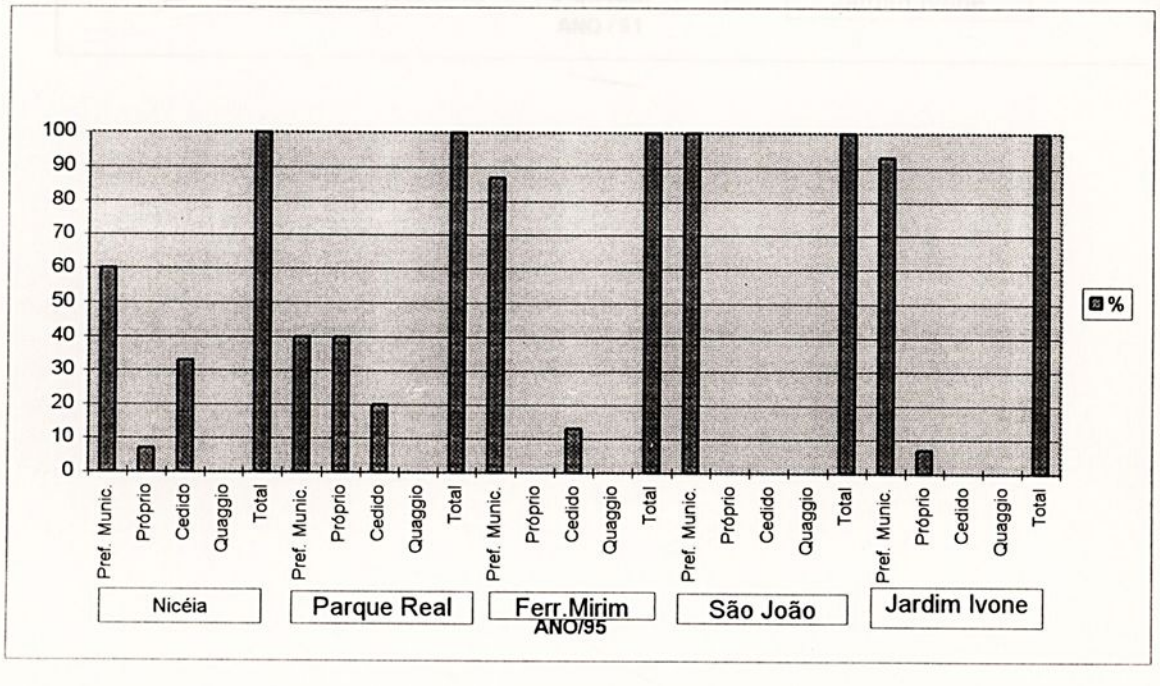
Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995

Figuras referentes à propriedade dos terrenos ocupados pela população das favelas

	%
Pref. Munic.	94
Próprio	0
Cedido	6
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	100
Próprio	0
Cedido	0
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	96
Próprio	0
Cedido	4
Quaggio	0
Total	100



	%
Pref. Munic.	60
Próprio	7
Cedido	33
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	40
Próprio	40
Cedido	20
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	87
Próprio	0
Cedido	13
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	100
Próprio	0
Cedido	0
Quaggio	0
Total	100
Pref. Munic.	93
Próprio	7
Cedido	0
Quaggio	0
Total	100

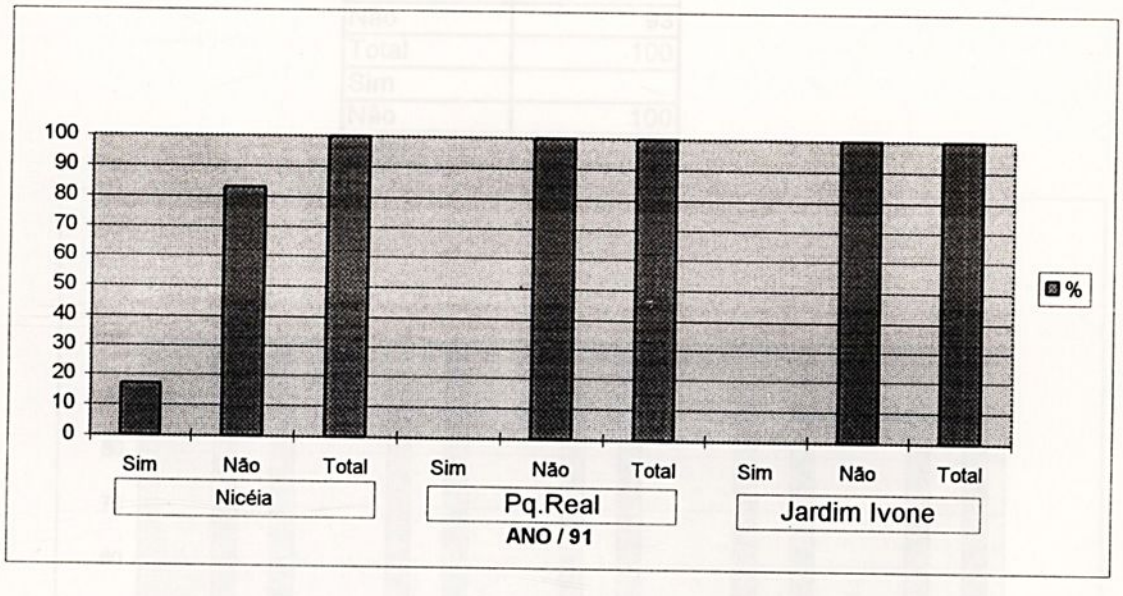


Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995.

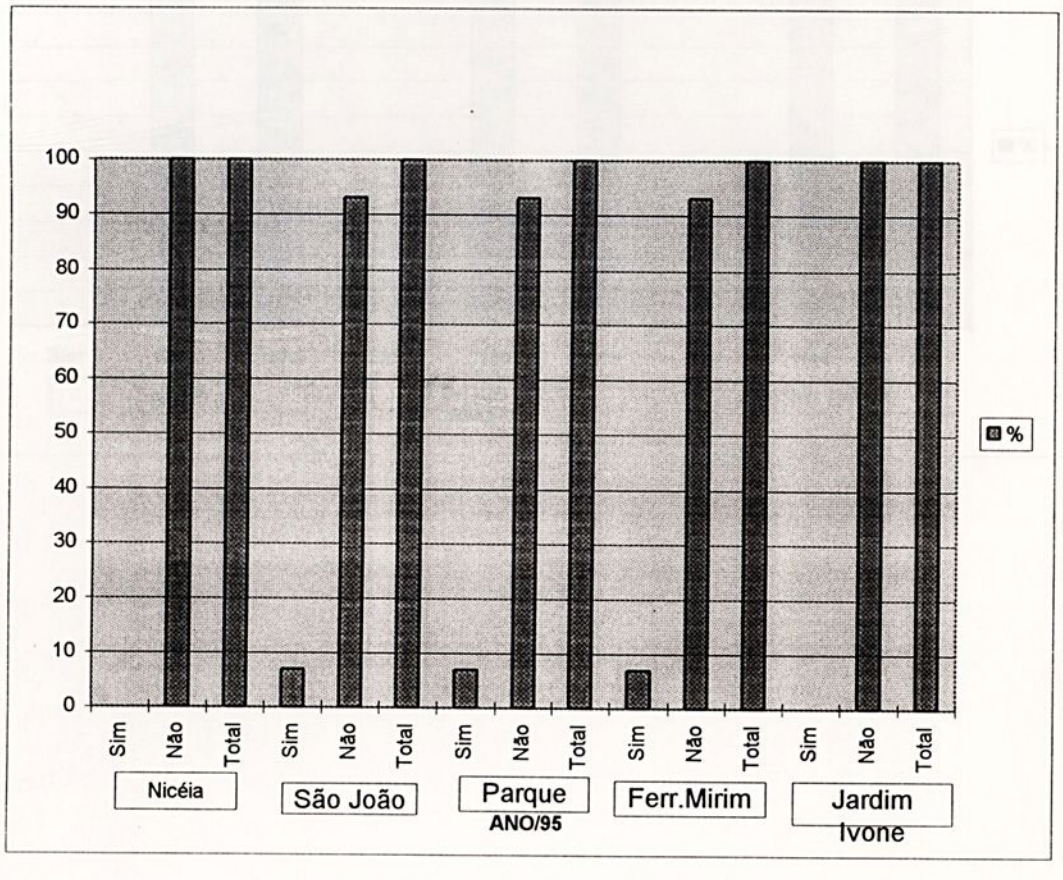
Anexo (25)

Figuras referentes à propriedade de terreno em outro local por parte da população das favelas pesquisadas em 1991 e 1995..

	%
Sim	17
Não	83
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100



	%
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	7
Não	93
Total	100
Sim	7
Não	93
Total	100
Sim	7
Não	93
Total	100
Sim	
Não	100
Total	100

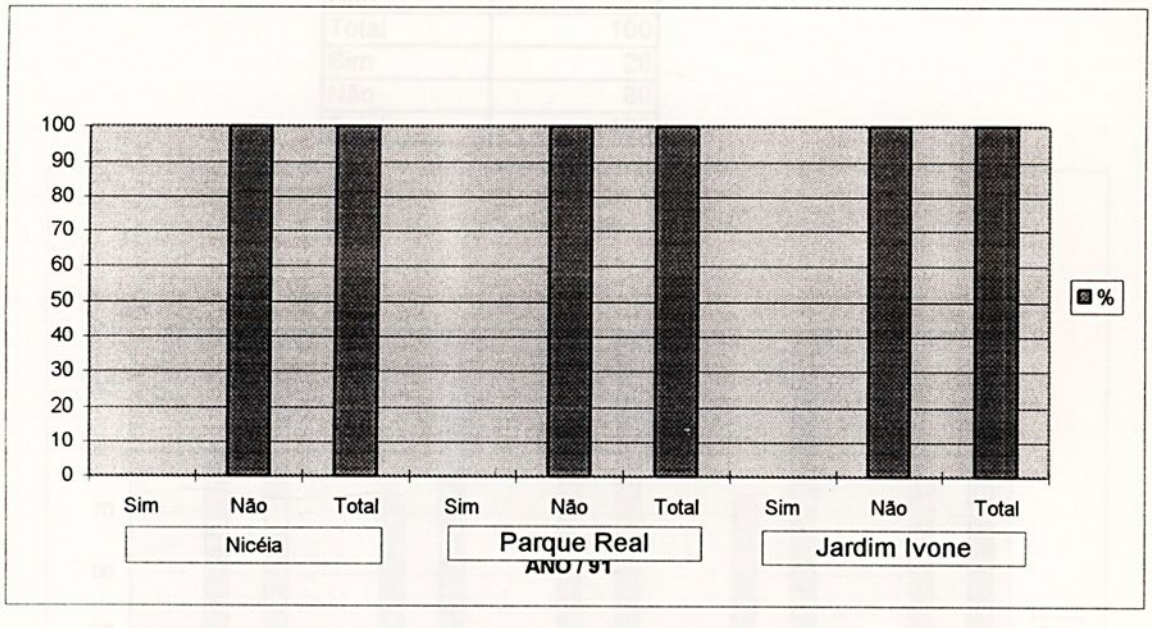


Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

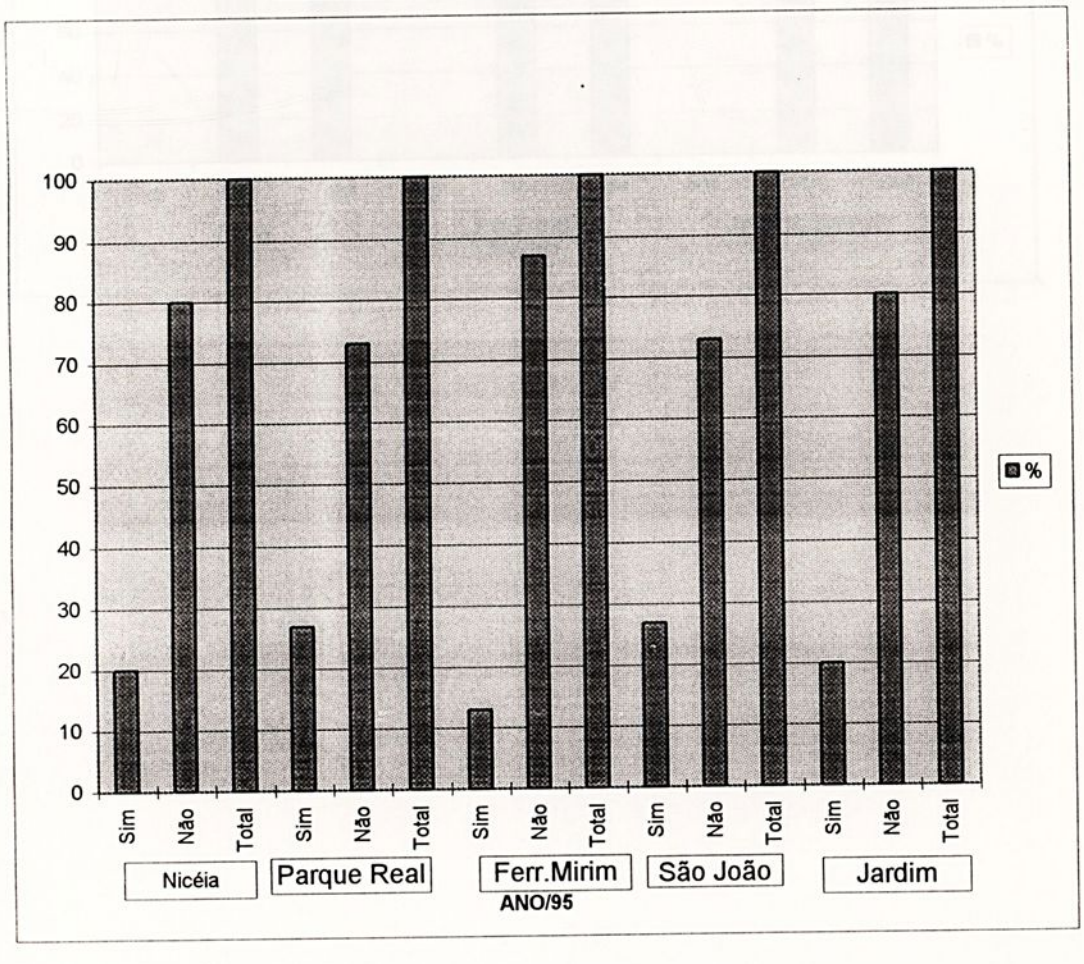
Anexo(26)

Figuras referentes as condições da população das favelas pesquisadas de adquirir terreno em outro local .

	%
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100



	%
Sim	20
Não	80
Total	100
Sim	27
Não	73
Total	100
Sim	13
Não	87
Total	100
Sim	27
Não	73
Total	100
Sim	20
Não	80
Total	100

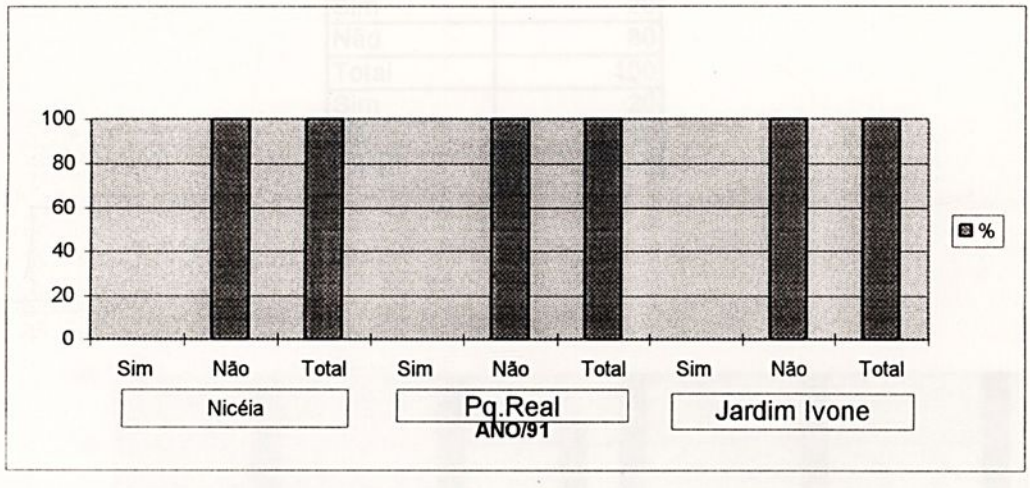


Fonte: Dados da SEPROM (1991) e dados coletados em 1995

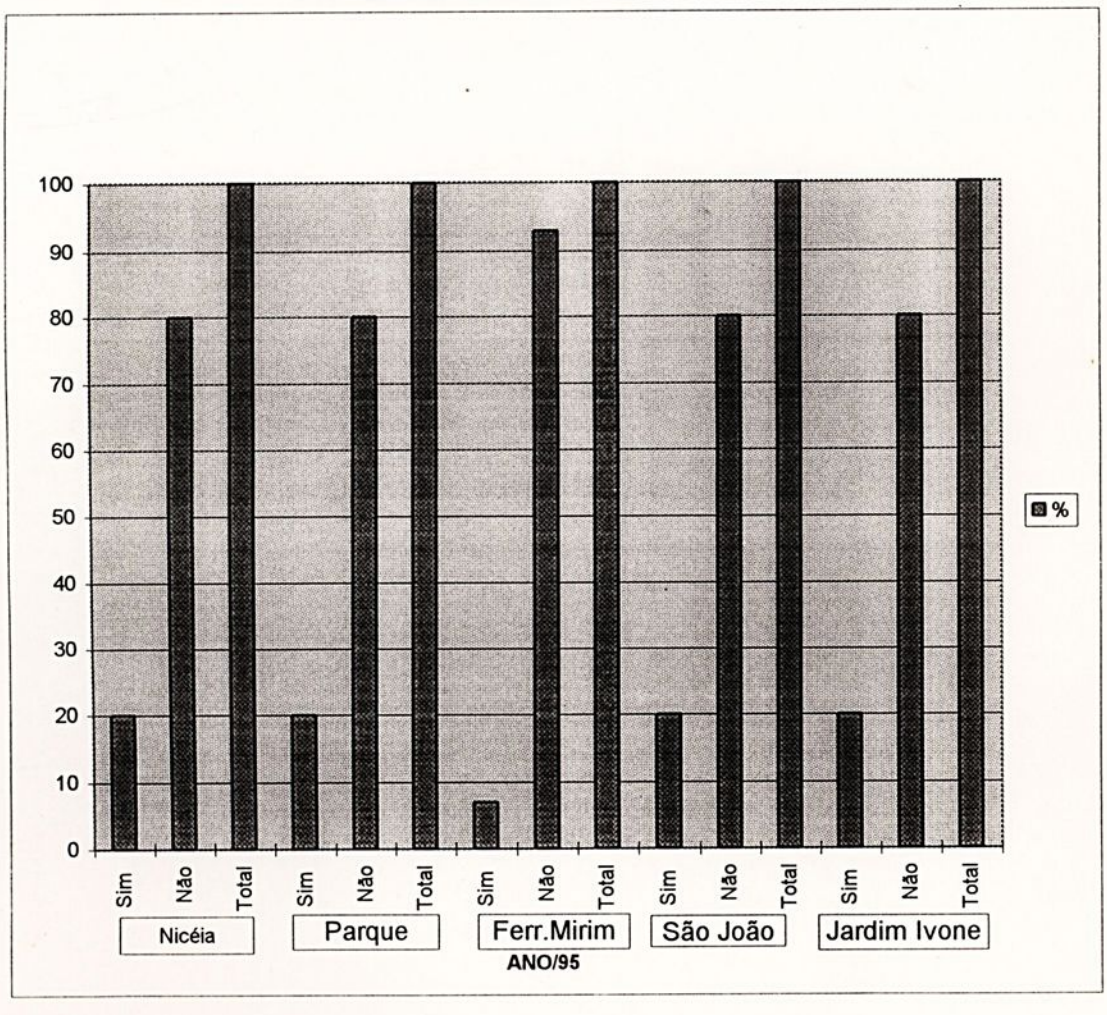
Anexo (27)

Possibilidade dos residentes das favelas pesquisadas de adquirir material de construção, dados de 1991 e 1995.

	%
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100
Sim	0
Não	100
Total	100



	%
Sim	20
Não	80
Total	100
Sim	20
Não	80
Total	100
Sim	7
Não	93
Total	100
Sim	20
Não	80
Total	100
Sim	20
Não	80
Total	100



Fonte: Dados da SEPROCOM (1991) e dados coletados em 1995


0810000583